

REVISTA

DA SEMANA

N. 44 3-11-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

**A SEMANA POLÍTICA
DEU EM NADA
O 14-BIS VOOU NOVAMENTE**



E' O MAIOR!

ANUÁRIO do **ESPORTE** ilustrado 1956

FUTEBOL CARIOCA

Todos os «goals» de todos os jogos do campeonato carioca de 55 — «Placards» e rendas — Classificação dos clubes nos três turnos — Estatística completa — Flamengo, campeão de aspirantes — Fluminense, campeão de juvenis — Bangu, campeão do Torneio Início — Vasco, campeão do Torneio Início de Juvenis — Fluminense, campeão pentagonal de aspirantes — Amistosos dos clubes cariocas em 55 — Arquivo do futebol carioca (Botafogo x Bonsucesso e Fluminense x Bangu).

FUTEBOL PAULISTA

Categorizada campanha do Santos — «Placard» de todos os jogos do campeonato paulista de 55 — Estatística completa. As classificações do Santos nos campeonatos paulistas — Arquivo do futebol paulista (Corinthians x Portuguesa e São Paulo x Santos).

FUTEBOL BRASILEIRO

Campeão do Rio-São Paulo, a Portuguesa (Estatística completa do Rio-São Paulo) — Amistosos internacionais do futebol brasileiro em 55 — Os clubes campeões dos estados — Torneio Internacional «Charles Miller» — Campeão, Corinthians e Estatísticas completas.

FUTEBOL INTERNACIONAL

Principais jogos internacionais interclubes de 1955 — Internacionais de seleções pelo mundo — Argentina, campeã sul-americana de 55 — Os times campeões do exterior — Argentina, campeã de futebol dos II Jogos Pan-americanos.

ESPORTES AMADORES

Atletismo — «Basketball» — Ciclismo — Esgrima — Hipismo — Natação, Saltos e «Water-Pólo» — Pólo — Pentatlo Moderno — Tênis — Tênis de Mesa — Tiro ao alvo — Remo — Vólibol.

CRONISTAS E FOTÓGRAFOS

Carlos Areas — Olímpicus — Kleber Pimenta — Fred Quarteroli — Osvaldo Gonçalves — R. A. A. Coutinho — Herbert Mesquita — Sílvio Rangel — Sílvio Cintra Filho — Cesar Torraca — Válder Canongia — Carlos Sampaio — Jorge Miranda — Alberto Ferreira — José Santos — Vito Vasconcelos — Newton Viana e gráficos de William Guimarães.

**Em
CÔRES**

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA



TODO
IMPRESSO EM
OFF-SET

IDEALIZAÇÃO e ORIENTAÇÃO

LEVY KLEIMAN

100 PÁGINAS * CR\$ 30,00

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 44 — Rio de Janeiro — 3/11/1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
Ramon. L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ri-
beiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

A Semana Política Deu em Nada	4/7
O 14-Bis Voa Novamente	16/18
Um Mestre do Lápis	19/21
O Mito James Dean	24/25
Os Feministas — Um Povo Diferente	31/34
Galeria Cruzeiro: Tradição que Desaparece	44/46
Jockl, um Jacaré	48/49
Miss Mundo 1956	59/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe Pelo Cérebro	15
Itinerário do Brasil	22
Música	23
Por Esse Mundo de Deus	26/27
Poeira do Tempo	28/29
Pelas Esquinas da Noite	30
TV Na Revista	35
Palavras Cruzadas	38
Literatura e Arte	40/41
Revista Há 50 Anos	42/43
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

LITERATURA

Moda Masculina (Eneida)	3
O Homem e o Trepézio (Ariano Peres)	10/11
Difícil de Amar (Lyza de Castro)	50/51

VARIEDADES

O Enigmático Képitza	12/13
A Última Caçada	36/37

CAPA

Virginia Leith (Kodachrome FOX)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrado — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00
O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.	

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Diagramação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anne

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



MODA MASCULINA

◆ A notícia veio de S. Paulo: Flávio de Carvalho, meu velho «copain» — pintor, engenheiro, fazendeiro, homem rico e inteligentíssimo — resolveu «revolucionar» a moda masculina: apareceu de saíote branco, meias de bailarina, na cabeça um chapéu disforme, um blusão vermelho de «nylon» tecido semelhante ao do chapéu e — segundo conta um jornal — grisalho e míope. Infelizmente estou em total desacordo com a «revolução» na indumentária masculina que Flávio está querendo fazer. Sou pela simplificação das vestes de nossos irmãos; nunca aceitei que para as mulheres haja sempre tantos costureiros trabalhando e criando, enquanto os homens continuam acorrentados aos colarinhos, escravizados pelas gravatas, desgraçados que no inverno ou no verão têm que usar sapatos pesados e meias quentes. Nunca cheguei a compreender, inclusive, porque até hoje os homens não se revoltaram, principalmente no Brasil, país de clima quente e que cultiva os mais rígidos preconceitos da roupa masculina, chegando ao ponto de haver até cinemas que proibem a entrada de cavalheiros sem gravata.

◆ Simplificar esses trajes, isso é tarefa urgente; torná-los ridículos, eis no que discordo de Flávio de Carvalho. «Nylon» é coisa quentíssima — pela qual felizmente tenho alergia — chapéu exótico tal como o que Flávio criou e as revistas estamparam, tornarão os pobres homens tão feios, tão ridículos que causarão dó. Ninguém escapará, nem mesmo os mais belos homens. Os saíotes também são horrorosos. E as pernas de fora, pernas nuas dos homens que geralmente as têm feias e cabeludas? Onde estava o esteta Flávio de Carvalho quando criou o seu figurino que não pensou nisso? Se queria modificar a moda por que não simplificou-a? Meias de bailarinas, daquelas furadinhas, não dão conforto a ninguém. São muito mais cabulosas do que as soquetes. O homem brasileiro não veste de acordo com o nosso clima, está certo. Em qualquer país europeu o verão traz alpercatas, engaveta as gravatas, risca as meias. No norte do Brasil já a rapaziada anda de blusões e muitos deles — ricos e pobres — só põem a gravata para acontecimentos importantes: casamentos ou missas de sétimo dia.

◆ Declara Flávio que «durante quinze dinastias egípcias, no Vale do Nilo que era muito quente, os homens usavam saíotes que é mais cômodo e agradável». Vá lá pelo saíote já que para apresentá-lo teve o inteligente paulista que ir a tão distante ponto do mapa e tão longínquas eras. Mas por favor, se «o mecanismo da indumentária — assim diz Flávio — tem por finalidade permitir a evaporação do vapor de água do suor da parte inferior do corpo para a atmosfera exterior», confesso que há muito tempo não via um figurino tão feio, tão ridículo. Com todas as rendas, as cabeleiras empoadas, as roupas de belo corte, poucos foram os homens do século XV que até hoje não nos aparecem ridículos, exibindo perninhas finas. Imaginem os de agora exibindo pernas cabeludas, tortas, grossas demais ou finíssimas. Uma coisa eu gostaria de perguntar ao meu velho Flávio de Carvalho: será que quando ele idealizou aquelas roupas pensou no ridículo que será um homem vestido assim, fazer declaração de amor a uma moça com as tualetes de Dior ou mesmo de nossos figurinistas nacionais? Qual o homem que vestido com os figurinos de Flávio poderá declarar amor à Miss Brasil, Miss Bangu, a qualquer miss isto ou aquilo?

Flávio querido, como és errado!

ENEIDA



«Somos todos humanos e, portanto, possuidores de defeitos e virtudes. Há, todavia, os que se julgam poços de virtude» — explicou o gal. Lott aos operários.

A "SABATINA" DO GENERAL AUMENTA A CONFUSÃO...

— «A UM SINAL DE SUA ESPADA, MEU GENERAL, 3 MILHÕES DE TRABALHADORES ESTARÃO EM FORMA!» — PROCLAMA O LÍDER SINDICAL DE MAIOR PRESTÍGIO NO BRASIL ★ O

FRACASSO DO «BLOCO INDEPENDENTE» ★ A RÉPLICA DE JÂNIO QUADROS E O REPTO DE AMORIM DO VALE ★ A PRÓXIMA HOMENAGEM-MONSTRO AO GENERAL LOTT.

Retrospecto de W. GUARNIERI

O acontecimento mais importante da semana que passou foi a «sabatina» a que se submeteu o general Teixeira Lott durante a homenagem que lhe foi prestada na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria pelos líderes sindicais do país, e que teve como principal motivo a «manifestação do aprêço dos trabalhadores ao homem que assegurou a continuação do regime democrático em um momento de crise nacional».

O ministro da Guerra iniciando a sua palestra com os líderes sindicais, teve oportunidade de referir-se a atual conjuntura política nacional, acrescentando a certa altura:

— De toda sorte de infâmias têm lançado mão (as forças negativistas da Nação), inclusive daquela que me dá como um candidato ao posto de ditador. As forças vivas da Nação, felizmente, sabem que isso não se passa e que apenas procuramos trabalhar para fazer o país progredir, malgrado os inconformados.

Continua lembrando que «as medidas de vigilância que tem tomado e que tem sido maliciosamente interpretadas como a «preparação para a ditadura militar», da qual ele seria a cúpula, visam, tão somente, a evitar «que se abalancem os outros a perturbar a estrutura do regime», obrigando-o a «ir para as ruas em defesa da democracia», como ocorreu em 11 de novembro de 1955».

De parte da multidão operária frases entusiastas de apoio à conduta do ministro da Guer-

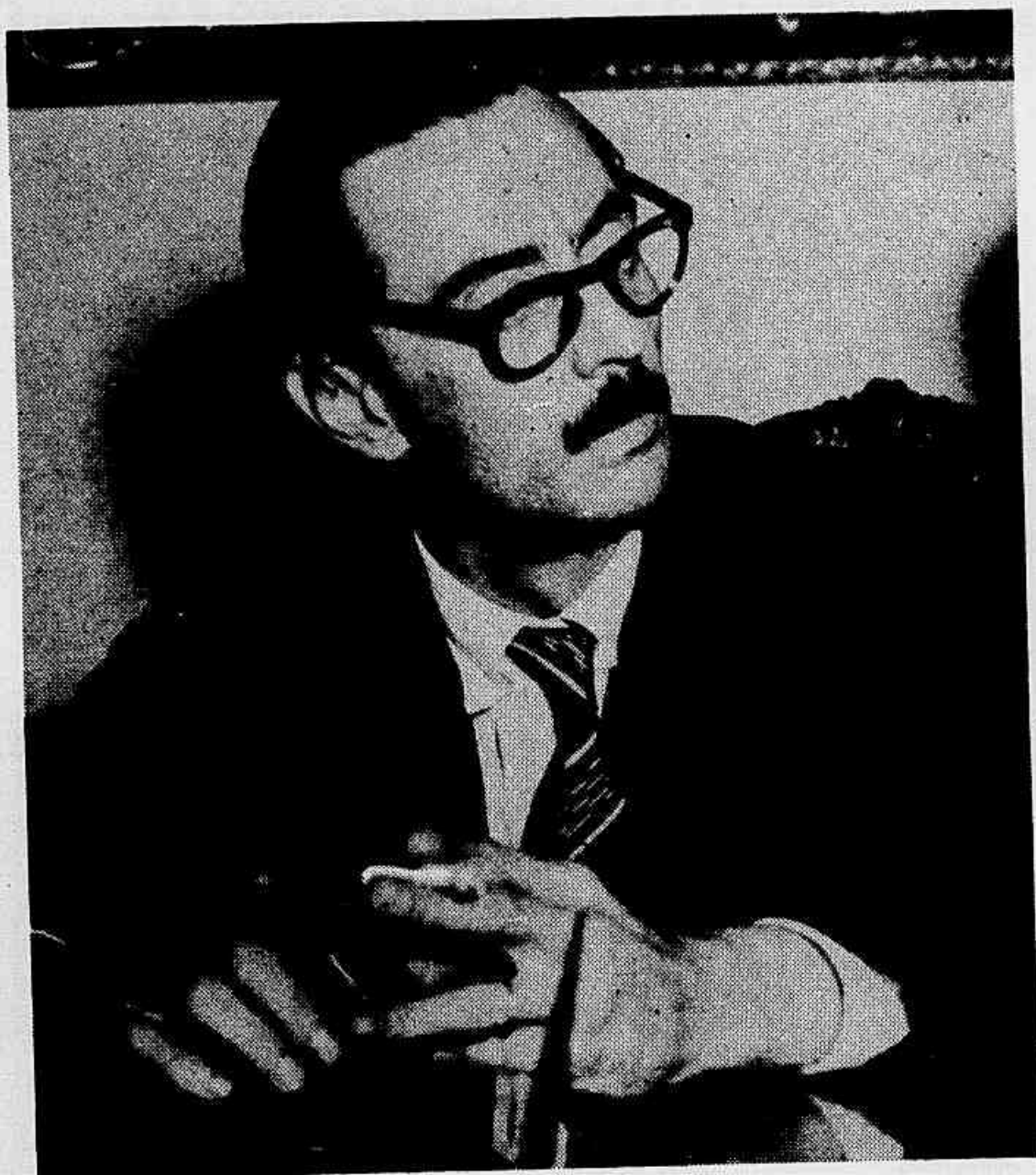


«V. Exa., meu general, usando da espada rasgou o véu que encobria o grupo que conspirava para alcançar o poder» — explica o líder sindical Holanda Cavalcanti a Lott.



«Vou protestar contra a falta de uma orientação firme do governo no tocante à política financeira» — afirma o deputado Emilio Carlos, que no dia seguinte à rebelião comparecia ao Catete.

DEOCLECIANO DE HOLANDA CAVALCANTI PÓS ÁGUA NA FERVURA COM SEU APARTE BOMBÁSTICO: "A



«A expressão «orientação» não significa, como seria natural, uma fixação de normas ou um pedido de colaboração para aplicar a portaria da censura» — replica Jânio Quadros a Nereu.

«Ainda não tive oportunidade de ler o ofício do sr. governador do Estado de São Paulo» — excusa-se o ministro da Justiça.

ra se fazem ouvir, interrompendo a oração do general. O presidente da Confederação dos Trabalhadores, sr. Deocleciano de Holanda Cavalcanti, em aparte inflamado, acrescenta entre os aplausos da massa ali presente:

— A um, sinal de sua espada, meu general, 3 milhões de trabalhadores na indústria estarão em forma para obedecer-lhe as ordens!

Numerosas outras manifestações foram então ouvidas, inclusive uma de um líder sindical de Santa Catarina, que solicita do general Lott «medidas drásticas para acabar com essas infâmias tipo Carta Brandi», ao que o ministro respondeu que «nunca se pode nem se deve fugir das soluções legais», acrescentando que se nota, realmente, uma certa falta de critério nos jornais, inclusive quando os títulos não correspondem aos textos. Mas tudo teria de ser coibido pelas vias legais, nunca pelo bofetão ou pelo tiro.

A «sabatina» prolongou-se por longo tempo, e muitas outras respostas foram oferecidas pelo ministro às arguições dos líderes trabalhadores, sobre vários assuntos relacionados com reivindicações da classe, inclusive a promessa de interceder para a pronta solução da situação de 5 mil trabalhadores baianos desempregados há 5 anos desde que 2 importantes indústrias daquele Estado deixaram de funcionar.

Abordando o problema da «reforma agrária» declarou o ministro da Guerra que «é imprescindível o progresso da lavoura, pois, sem ela, deixaria a indústria de existir».

— Para que a lavoura progrida deve proteger-se o trabalhador rural com legislação especial. — frisou o general Lott, e acrescentou: — «A feitura dessa legislação exige estudos preliminares minuciosos a fim de que haja uma perfeita adaptação das atuais leis trabalhistas às condições de trabalho no campo. Mas — ad-

verte — a transplantação pura e simples da legislação que rege o trabalho nas cidades para a zona rural determinaria o caos na lavoura.

— Estou certo, afirma, que o Congresso Nacional encontrará fórmulas à altura para solver o problema. Adiar a solução dos impasses só resultará em obstáculos maiores para o legislador futuro.

Finalizando a sua palestra, frisou ainda o general Teixeira Lott:

— Os direitos até agora conquistados pelos trabalhadores demonstram largamente a utilidade desses contatos (papel da Confederação de aproximação entre patrões e empregados) e, se continuarem na mesma senda, maiores conquistas virão no futuro.

No dia imediato à visita do general à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, teve lugar a homenagem dos líderes sindicais ao sr. Presidente da República.

O FRACASSO DO «BLOCO INDEPENDENTE»

«A idéia de formação de blocos parlamentares — afirmam alguns políticos — é tão velha quanto o próprio Congresso. Sempre se procurou grupar elementos descontentes ou indisciplinados, algumas vezes com objetivos regionalistas, mas via de regra visando a fins políticos ou a propósito ambiciosos de dominação pessoal».

Essa foi, em síntese, a pronta reação oficial para neutralizar o movimento de rebeldia que estourou em princípios da semana, nas hostes governamentais, e que cindindo pela primeira vez a maioria parlamentar, prometia evoluir perigosamente provocando crises ainda mais sérias e imprevisíveis.

O vice-líder do governo, deputado Emílio Carlos (P.T.N. — S.P.), em carta dirigida ao líder Vieira de Melo (que se encontrava ausente em coordenação política na Bahia) renunciou àque-

las funções ao mesmo tempo que anunciava a formação de um bloco parlamentar independente destinado a «fiscalizar o Poder Executivo e a vigiar a oposição». «Será uma força moderadora», explicou, de início, o sr. Emílio Carlos.

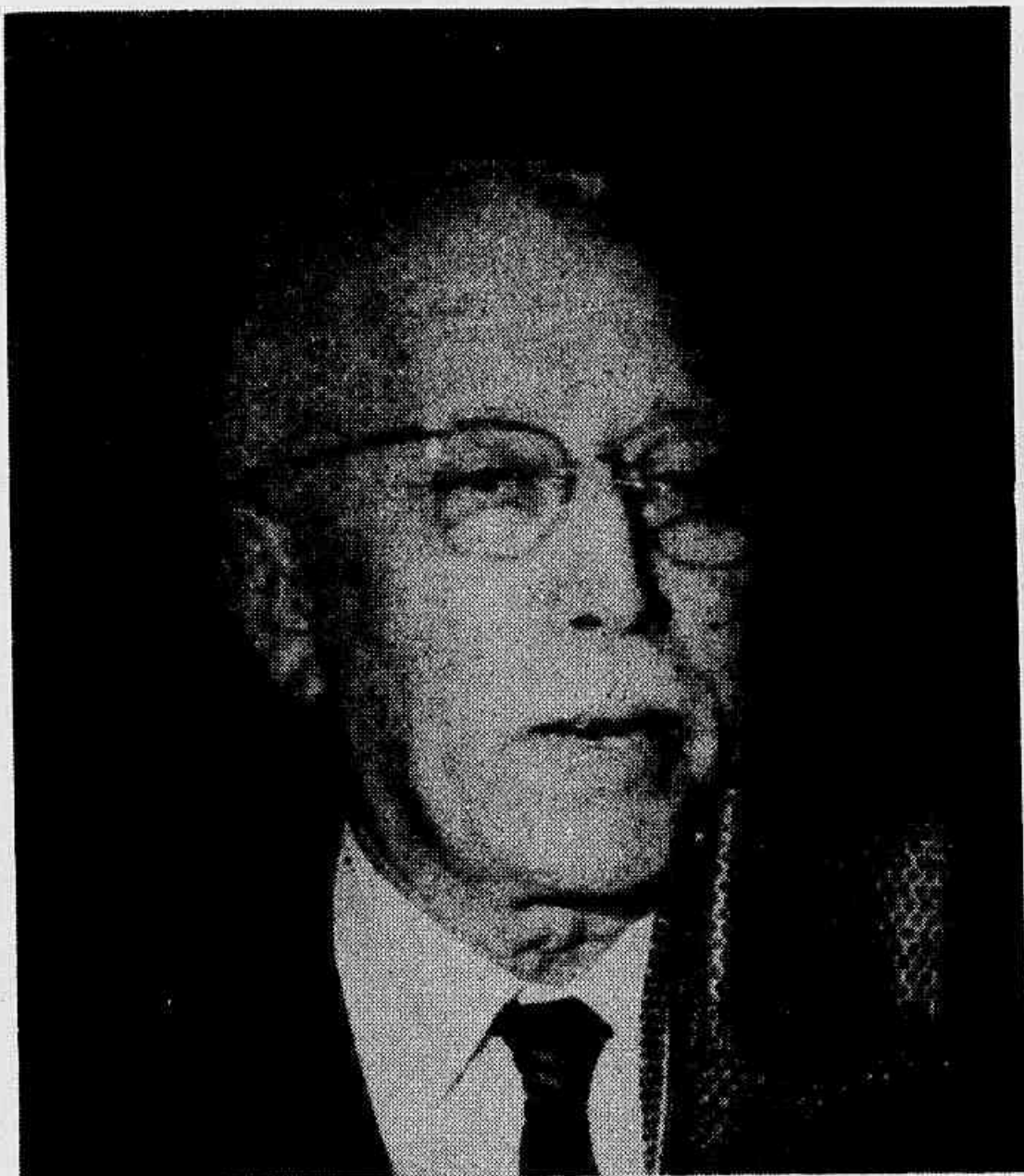
Enquanto isso, deputados do PSD, descontentes com os rumos dados pelo governo a diversas questões, efetuaram uma reunião e decidiram formar, também, dentro do partido, um bloco de resistência. O sr. Emílio Carlos imediatamente se articulou com este grupo pesedista e, mais tarde, com o núcleo do PTB que desde algum tempo vem dissentindo da orientação governista. Em consequência das articulações que levou a efeito, inclusive contatos posteriores também com representantes do PR e do PSP, surgiram logo notícias da formação de uma nova bancada parlamentar, a ser constituída com cerca de 70 deputados. Conjeturava-se sobre a possibilidade de haver uma inversão entre maioria e minoria, pois o partido majoritário, desfalcado de apreciável contingente (que antes, com o PTN e o PRP formavam a maioria) perderia de imediato aquela condição, passando, então, o PTB, o PSD e o PR a desfrutar daquelas prerrogativas.

Todavia, o súbito regresso do sr. Vieira de Melo e os primeiros entendimentos que teve com os respectivos líderes dos partidos sublevados vieram, por assim dizer, «botar água na fervura».

— A constituição do Bloco Independente não constitui problema para o PSD — afirmou o líder governamental. — Quase todos os deputados pesedistas, cujos nomes foram incluídos no rol dos chamados «independentes» me procuraram para desautorizar a referida inclusão.

Sobre a evolução da crise, ouvida pela reportagem desta Revista, assim manifestou-se o deputado João Agripino:

UM SINAL DE SUA ESPADA, GENERAL, TRÊS MILHÕES DE TRABALHADORES ESTARÃO EM FORMA."



«Nem tudo quanto disse o general é condenável; condenáveis são as circunstâncias em que fala e o objetivo a que visa» — esclarece o senhor Raul Pila.

«Não creio na sobrevivência de «blocos independentes» formados sob o signo da rebeldia tumultuada» — frisa o deputado João Agripino.

— Não creio muito no êxito da formação de tais «blocos», pois o simples fato da sua inopinada formação com fundamento em movimentos de «rebeldia» não lhe dão muitas possibilidades de sobrevivência, uma vez que o precedente autoriza a suposição de que dificilmente se submeteriam os rebelados à tutela, ocasional ou efetiva, de qualquer comando.

Igual ponto de vista sustenta o líder Afonso Arinos.

RÉPLICA DE JÂNIO QUADROS

O governador Jânio Quadros respondendo aos ofícios que lhe foram endereçados pelo ministro da Justiça e da Viação, nos quais os titulares daquelas pastas esclareciam o verdadeiro sentido da comunicação feita anteriormente ao governo de São Paulo sobre a aplicação da portaria que estabelece a censura ao rádio e a televisão, afirma que não pode dar cumprimento à portaria em questão, «por não poder o seu governo, pelos motivos constantes do parecer de juristas, concordar com a orientação traçada».

Detalhe curioso do seu ofício ao ministro da Justiça foi, além da divergência sobre o significado da palavra «orientação» (contida no ofício — esclarecimento do sr. Nereu Ramos) o fato do sr. Jânio Quadros ter mencionado nada menos de 4 vezes (referindo-se ao Chefe da Censura) escrevendo, por extenso, a nomenclatura que designa o cargo. — **Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública.**

REPTO DE AMORIM DO VALE

Em discurso proferido na Câmara Federal, em defesa da posição do general Teixeira Lott em face dos oficiais acusados de simpatia ou militância no comunismo, o dep. Loureiro Júnior (PRP — S.P.) (falando autorizado pelo líder da

maioria afirmou em dias de novembro, o sr. Plínio Salgado assumira a chefia de 36 oficiais da Armada, ademaristas e integralistas, «para uma contra-revolução». Asseverou ainda o representante paulista que os «chefes da então Marinha de Guerra do Brasil já haviam dado as primeiras ordens para o golpe contra os candidatos eleitos».

No dia seguinte, todavia, vem a público o almirante Amorim do Vale para reftar o sr. Loureiro Júnior ou quem quer que seja a provar a veracidade das acusações que lhe fazem:

— Já tive oportunidade de reftar a que apresentassem provas de que eu houvesse, em qualquer ocasião, quando ministro da Marinha, conspirado contra as instituições. Meu repto nunca foi respondido.

PRIMEIRAS REAÇÕES CONTRA A «SABATINA»

O fim da semana política, que deu em nada, foi agitado, porém, pelas primeiras reações ao discurso proferido pelo general Lott na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria. O deputado Raul Pila, um dos primeiros a abrir as baterias contra o que chamou de «normal desenvolvimento da situação criada em novembro» contra os esforços e as esperanças «dos que supunham poder fazer-se o milagre da restauração democrática», assim se expressou:

— O simples comparecimento do general Lott a sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, ocupando o lugar do ministro do Trabalho, fala muito mais alto. O general Lott arrogou-se, pelo que se está vendo, à sucessão do sr. Getúlio Vargas, que foi o mestre consumado na arte demagógica. E o faz com argumentos que fazem calar os herdeiros presuntivos do chefe morto; dispõe diretamente da espada que este só indiretamente, e com grandes dificuldades, podia empunhar.

«EXCESSO PERIGOSO»

Por outro lado, o deputado Milton Campos comenta que embora compreendendo a preocupação do ministro com a defesa do regime, sente-se nessa preocupação um «excesso perigoso», e acrescenta:

— E' sabido que nas democracias o perigo não está apenas nas agressões que possam vir de fora e sim, também, nas forças que atuam de dentro.

HOMENAGEM-MONSTRO NO ANIVERSÁRIO DO 11 DE NOVEMBRO

Febril atividade vem se desenvolvendo na sede do Partido Trabalhista Brasileiro aqui no Rio por líderes operários e representantes dos chamados «Clubes JJ» a fim de intensificar os preparativos para a homenagem-monstro ao general Lott por ocasião do próximo aniversário do 11 de novembro.

Ante os insistentes apelos dos líderes sindicais, já em princípio vem de concordar os responsáveis patronais, dirigentes da Federação das Indústrias e do Sindicato dos Lojistas desta capital, para que o expediente naquele dia seja encerrado um pouco mais cedo, a fim de permitir aos trabalhadores comparecerem ao Estádio Municipal do Maracanã para homenagear o ministro da Guerra, ocasião em que lhe será feita a entrega de uma espada de ouro maciço.

JANGO, O ORADOR OFICIAL

Informa-se, por outro lado, que será o sr. João Goulart orador oficial da homenagem, mencionando-se como de significação o fato de já ter sido o seu discurso (preparado durante o repouso do vice em S. Borja) julgado de grande oportunidade pela análise vibrante que faz ao historiar os acontecimentos de novembro último.

A SEMANA



♦ **JOAN CRAWFORD** já estava pronta para se dirigir à «House of Lords», em Londres, onde seria realizada uma sessão em sua homenagem, quando um mosquito a picou sobre a pálpebra. Joan pediu desculpas, despiu o vestido de gala, e não compareceu à cerimônia. De rosto inchado, não.

♦ **PIADA DE EISENHOWER**, quando esse se encontrava pescando com um amigo: «Em matéria de pesca, é preciso sobretudo muita atenção. E principalmente, por parte do peixe...»

♦ **BARBARA HUTTON** (na foto com seu amigo Hal Hayes), poetisa! Eis aí, sem dúvida, uma coisa de que bem poucos estão a par. No entanto, inúmeras editoras européias já se ofereceram para editar o livro de poemas da esfusante milionária e estrêla, que sem embargo, ainda não se decidiu a fazê-lo.



♦ **OUTRO VIGARISTA**, que anda lesando o fisco norte-americano: o ator cinematográfico Van Johnson, cujas contribuições andam atrasadas há alguns anos, e já andam pela casa dos vinte milhões de cruzeiros.

♦ **DEPOIS QUE** se divorciou de Michael Wilding, Elizabeth Taylor tem sido vista freqüentemente com Nick Hilton, seu primeiro marido. Isso leva a crer que uma reconciliação entre ambos está para vir.



INTERNACIONAIS

O **MARECHAL Rokossowsky**, herói da última guerra, membro do Politburo Polonês, vem de ser dele eliminado, por ordem do novo secretário-geral do Partido Comunista da Polônia, Wladislaw Gomulka. Esse ato constitui nova etapa da luta polonesa contra os ocupantes de sua pátria e já determinou enérgicas providências de repressão, de parte dos soviéticos. Assim é que tropas russas se concentram próximo às fronteiras da Polônia, enquanto poderosa frota chegou ao porto de Danzig.

CAH! O governo de Honduras, o qual tinha à frente o presidente Julio Lozano. Assumiu o controle da situação uma junta militar formada por um general, um coronel e um major, que passou a ser o tripé local.

VICTOR KRAVCHENKO, o ex-capitão soviético que em 1945 solicitou asilo aos Estados Unidos, passando a residir em Washington, sob o nome de Peter Martin, e que se tornou mundialmente famoso com o livro «Escolhi a Liberdade», foi vítima de um atentado, de parte de um desconhecido, que se acotilava em seu próprio apartamento. Nenhum dos quatro tiros de revólver desferidos sobre Victor pelo estranho conseguiu porém atingir o alvo.

EM ANKARA, uma criança tombou do quinto andar de um edifício. Um caminhão passava na ocasião, pela rua, carregado de travesseiros, e a criança nada sofreu, pois tombou exatamente sobre eles. A mãe, porém, vítima de uma depressão nervosa, teve de ser hospitalizada.

UM **IMENSO** edifício — com formato idêntico ao da Torre de Babel-bíblica — será construído em Chicago. Terá 1600 metros de altura, e sua base, 120 metros. Poderá abrigar cem mil pessoas. O atual edifício mais alto do mundo, o Empire State, tem apenas 444 metros de altura.

JOAN BENNET foi avó pela segunda vez, quando sua filha Melinda deu à luz um garoto, em inícios de setembro, em Hollywood.

O **ESTADO** de saúde do grande cantor italiano Ezio Pinza, residente nos Estados Unidos há muitos anos, não é bom: como já publicamos, ele sofreu um insulto cardíaco, e ficou paralisado de todo o lado esquerdo. Pinza tem 62 anos.

ESTARÁ MARILYN Monroe esperando uma criança? Ao menos, essa a notícia estampada no jornal inglês «Daily Sketch». Marilyn casou-se em julho com Arthur Miller, e está em Londres filmando.



A **ESTATUA DE Lesseps** foi retirada pelas autoridades egípcias do local onde se erguia, junto à entrada mediterrânea do canal de Suez. É isso: egípcios e ingleses se entredevoraram, e Lesseps leva a culpa...

DEFINIÇÃO BOAZINHA de mulher foi a dada por Sua Santidade, o Papa Pio XII, não faz muito, quando discursava em uma solenidade, no Vaticano, de que participavam várias operárias: «A mulher é a obra prima da criação».

LINDA DARNELL, de há muito retirada das atividades artísticas acaba de voltar aos palcos da Broadway. Porém, sem êxito. No dia seguinte ao da estréia, o adjetivo mais utilizado pelos críticos para caracterizar o seu desempenho, foi: «aborrecido»...

EM REVISTA



◆ TUTSI BERTRAND voltou para os Estados Unidos, afinal, para filmar alguns testes na Columbia. Seu pai a acompanhou, a fim de verificar, «in loco», o ambiente em que a louríssima Tutsi irá passar tanto tempo. Para substituí-la, como recepcionista na VARIG, foi escolhida a também louríssima Okki (à direita), que não faz muito regressou de uma viagem a Europa.

◆ AMÁLIA RODRIGUES, de cada vez que se apresenta no Rio, vê aumentar seu prestígio. Porém, ela não virá morar no Rio de Janeiro, como chegaram a noticiar alguns jornais. «Gosto demais de Lisboa, e, por muito que também ame o Rio, não poderei deixá-la nunca».



NACIONAIS

HENRIQUE TEIXEIRA, um cabeleireiro de 33 anos, foi encontrado às quedas, numa rua do Leblon, manietado. Afirmou: "Fui agredido a beijos, abraços e dentadas, por três mulheres, uma loura e duas morenas". Agridam-me!

FRASE DE um ascensorista do Ministério da Educação, pouco antes de chegar ao segundo andar, onde funciona o Gabinete do Ministro: "Quem vai ficar em Minas Gerais?"

ALKIMIM ESTÁ na Alemanha, Clovis Salgado, na Espanha, Jango em São Borja,

◆ O MARECHAL Rondon foi indicado, por um grupo de exploradores norte-americanos, para o Prêmio Nobel da Paz do corrente ano. Até agora apenas um brasileiro — Coelho Neto — foi indicado para o Prêmio Nobel, aliás sem êxito. Nossos meios oficiais já se aprestam, para que a candidatura de Rondon ganhe solidez e tenha, afinal, bases concretas, que a de Coelho Neto não teve.



◆ MENDES DE MORAIS foi excluído, pelo Supremo Tribunal Federal, da denúncia da rua Toneleros, em que figurava como mandante. Quem não deve ter ficado nada satisfeito foi Gregório Fortunato, cujas declarações, a respeito do calvo general, foram sensacionais.

◆ TENÓRIO CAVALCANTI anda meio por baixo, depois que seu colega, o deputado Humberto Molinaro deu aquele «show» na Câmara, por causa dos discursos de Carlos Lacerda. O major trazia logo DOIS revólveres!...



Juscelino inaugurando alguma coisa por aí, Maurício de Medeiros em São Paulo, Parisfal Barroso também por aí, Meneghetti no sul. Porém Lott tem trabalhado muito.

★ FULVIA FADIGAS, que vinha respondendo durante inúmeras segundas-feiras seguidas a perguntas sobre o Novo Testamento, na televisão, acabou por ser eliminada, quando se aprestava para abiscoitar oitocentos mil cruzeiros. Não perdeu a calma, porém. Afinal, foi até agora a melhor figurante do programa, e ainda levou um prêmio-consolação de 150 mil cruzeiros.

★ O DIRETOR da Faculdade Nacional de Direito proibiu a realização de uma conferência do conhecido professor José Otília, sobre Anarquismo. A conferência foi porém realizada nos salões do Centro Acadêmico, a despeito da proibição da diretoria da Faculdade. Por esse motivo, um professor chegou a solicitar a pena de suspensão, por uma semana, da diretoria do Centro. Porém, seu ponto de vista não logrou aprovação.

★ KALANAG, MÁGICO alemão que se exibiu durante alguns dias no Teatro João Caetano, guiou um carro, nas ruas atravessadas do Rio, com os olhos vendados. Isso, aliás, não é grande proeza para nossos trêfagos choferes de lolação.

★ JOSÉ LINS DO RÉGO, conhecido romancista brasileiro, acaba de regressar da Europa, onde se demorou quase quatro

meses, principalmente na Grécia. Em Atenas, não viu tantas ruínas como em Roma, e atribuiu o fato ao domínio turco do país, domínio que destruiu as grandes testemunhas do glorioso passado helênico. José Lins do Régo trabalha em um novo romance, "Cerca Viva".

★ VILLA-LOBOS definindo nossa terra: "No Brasil, tudo é bonito como bolha de sabão: em dado momento estoura e ninguém mais se lembra das boas realizações".

★ ALVARO LINS partirá brevemente para Portugal. Isso porque falharam todas as tentativas de o nosso atual embaixador em Lisboa se conservar em seu posto. Com Alvaro Lins, será mantida a praxe de ser a embaixada brasileira em Lisboa mantida por um intelectual de méritos.

★ O PARTIDO comunista do Brasil aderiu afinal à nova linha anti-stalinista, com um atraso de alguns meses sobre seus colegas europeus. Assim sendo, Stalin não é mais gênio, também para os comunistas brasileiros.

★ ALBERTO JAFFÉ, violinista, conseguiu afinal a bolsa de estudos que vinha há tempos pleiteando, desde que conseguiu classificar-se em primeiro lugar no concurso de violinistas promovido pelo Ministério da Educação. Concedeu-lhe a bolsa o Instituto Brasil Estados Unidos, e Institute of International Education.

O HOMEM E O TRAPÉZIO

Desenho de ZARCO

Conto de ARINO PERES

CAPÍTULO XXI — A PARTIDA

O dr. Estêves é um velho rabugento, aborrecido, mas gosta de conversar com Otávio, informa-o da situação dos companheiros. Contraria-se por não poder a medicina vencer a morte. Não se convence de que o médico possa recuar ante a inevitabilidade do fim; é um técnico, não quer compreender a limitação da pericia.

— Mais duas semanas e estará dispensado, senhor Otávio. Não há mais perigo, insisto, contudo, em observar a cicatrização durante esse tempo. Daquela enfermaria sairão com vida apenas quatro clientes com certeza...

— Mas, doutor, o Valter está muito melhor.

— Parece, meu amigo; será operado a semana que vem. Havia uma lesão cancerosa além do volvo. Espero que resista à intervenção, aliás, é a única saída, o que resta a fazer. Nada comente. Faremos a operação sem conhecimento de sua genitora, é muito emotiva, crê que o filho está curado, seus cuidados só poderão prejudicá-lo. Além do senhor, Edson, Cícero e Alberto. O Cícero terá alta hoje, amanhã não estará mais aqui. Alberto não sairá completo, ficaremos com uma lembrança sua.

— A perna?

— Sim, a perna direita.

— E Edson, doutor?

— Mais dois meses ainda.

— Se não faltar a rosa vermelha...

— Que quer dizer?

— Nada, superstição. Ele próprio afirmou que o dia em que faltar uma rosa vermelha para sua jarra morrerá. Superstição tola de doente.

— O senhor tem razão. Os doentes cercam-se de tolices no afã de apressar a cura ou justificar o erro médico. Já tive um doente nessas condições, julgava que se não rezasse o terço um dia morreria. A febre alta impediu-o de rezar uma noite... e morreu. Não se assuste; no delírio reventou os pontos da incisão e a hemorragia eliminou-o; nada se deve ao terço. Há coisas estranhas num hospital.

A desusada alegria de quem se despede invadiu a enfermaria. O volume do rádio foi elevado mais que de costume. Uma parcela do valor das pernas de Otávio foi usada para flores e doces.

Cícero nada havia contado à família, queria surpreender os filhos e a esposa com a chegada imprevista.

O cavaleiro das rosas escondia alguma coisa. Havia maior palidez em seu rosto, os braços elevavam-se morosos, pesados, como se algo lhe tolhesse os movimentos. Mas havia muita alegria para que os olhos se demorassem demasiado sobre a rosa vermelha. Cícero mudava-se, ou melhor, deixava o posto de reabastecimento, voltava ao porto de origem com as velas a todo o pano. Médicos e enfermeiras cumprimentavam-no. As lágrimas adquiriam o significado complexo de alegria.

Era como acordar de novo. Voltar aos filhos, à esposa, à horta dos fundos do quintal; reveria o canário belga de há muito esquecido, o cãozinho Juca, Antero II, as sessões das dez horas do cinema suburbano quando os pequenos já estivessem dormindo. A Omelete de carne seca enchia-lhe as narinas, e o ensopado de mamão verde. Adquiria a normalidade.

Quantos suspiros encheriam o quarto proletário? «Dorme, menino, tenho de acordar cedo amanhã.» «Parem com essa briga, senão ficarão um mês sem cinema.»

O bonde passava lotado, pingentes em excesso; o motorneiro conhecia-o, havia sempre lugar para ele no estribo flexível. A oficina cheirava a óleo, o torno mecânico da frente era de «seu» Joaquim. O escritório era acanhado, mas limpo. «Já está bom para outra, «seu» Cícero?»

A noite, teria os jornais da tarde e algum livro para ler, principalmente política — «aonde iria parar esse governo?»

O futebol aos domingos: «Não adianta, sou América, e esse jogo será fácil para nós. Apostar só no duro.»

Ao velho Leopoldo caberia a despedida da turma, poucas palavras porque Cícero estava ansioso.

— Amigo Cícero, apenas uma palavra cabe aqui. Pela primeira vez pronunciamo-la com satisfação — adeus.

— Cícero, nada posso dar-lhe de real valor, mas não quero que você vá sem uma recordação do vizinho de leito. Pouca falta lhe fará, tome-a.

A rosa vermelha deixou o vasinho modesto e transferiu-se solene, lembrando sangue e beijos, para o bolso da camisa esporte do homem recomposto.

Deviam ter escrito um longo poema sobre a rosa vermelha, e elegê-la símbolo de vida.

CAPÍTULO XXII — O CAVALEIRO DA ROSA

A tarde arrastou-se sem incidentes. Os hóspedes comentavam o regresso de Cícero, gozando a alegria do amigo. Fragmentos de sua permanência eram ajuntados, para reconstituírem a presença bondosa. Contavam-se as lágrimas derramadas no silêncio dos quatro pontos cardeais e repesavam a alegria de conviver com a família meiga, que todos os domingos enchia de sons a enfermaria sossegada e todos os dias faziam renascerem as preocupações do pai estagnado.

A cama vazia esperava novo dono, e a rosa vermelha em sua negativa, indicava pela primeira vez uma ausência.

As confidências de Cícero reviveram no cérebro de Otávio:

— Não tive tempo de estudar muito, aproveito, por isso, as noites em que as crianças dormem cedo para ilustrar-me um pouco. A firma não tem grande importância, o escritório é limpo e funciona quase como gerente. É uma pequena empresa de venda de veículos usados e a perda dos dois dedos de minha mão direita ensinou meu aproveitamento no escritório. Os chefes foram bons comigo; ajudaram minha esposa durante a doença, permitindo que trabalhasse no escritório, a fim de completar o desconto do Instituto.

O medo modificava, às vezes, a serenidade do homem proletário, fazia-o temer pela saúde dos filhos e pela honestidade da esposa, obrigada àquela forçada abstenção. A si mesmo mostrava a sem razão dos juízos precipitados, condenando-se por haver menosprezado a austeridade do lar.

Antes de tudo era sentimental. A saudade carregava-lhe os olhos de vermelhidão febril, enquanto as lágrimas mansas molhavam o travesseiro, confidente das dúvidas mais íntimas.

Sem a rosa vermelha a jarra excedia a mesinha, tornava-se esdrúxula, lembrava vidro de remédio. A mesa de cabeceira indignificara-se, nada acrescentando à sua promiscuidade de mesa de hospital. A rosa vermelha trazia mensagens de lábios e sangue, indicava a vida que estava lá fora, descontrolada pelas paredes azul-claro.

Alguma coisa não andava bem com Edson, pálido, recolhido ao leito, fugindo às manifestações de alegria da turma. A cama ao lado, arrumada, colcha esticada, não guardava convites.

— Quer-me fazer um favor, Valter? Abaixar um pouco o volume do rádio; não me sinto muito à vontade.

— Por que não chama o médico de plantão?

— Não há necessidade, é falta de ar apenas.

— Talvez a emoção de ver um amigo que parte, logo chegará sua vez. Hoje mesmo o dr. Estêves contou-me que mais alguns dias e você poderá regressar. Até eu sinto o cheiro de liberdade entrando pela janela.

O perfume da rosa não substituíra agora o odor de anestésicos, Edson sentia sua falta mais que a do companheiro, acostumara-se à visão rubra de todos os dias, gostava de desfolhá-la pela manhã, quando nova rosa surgia. O suor enchia-lhe as faces transtornadas, e a boca abria-se captando mais ar para o peito condensado.

O restante do grupo entretinha-se na conversa despreocupada, alheio ao que julgavam sentimentalismo de Edson.

— Marcos, por favor, chame o médico, há algo errado comigo, estou suando em demasia, sinto calor, falta de ar. Chame o médico, por favor.

A rosa vermelha era indispensável naqueles sessenta metros quadrados, era a única mensagem de vida além do Cristo imóvel. Vivia agora no bolso da camisa esporte de Cícero, talvez se perdesse durante a viagem; à noite, esfolhar-se-ia, cumprida a missão de presença.

— Isso não é nada, apenas comoção provocada pela agitação do dia de hoje; o senhor é muito emotivo. Uma injeção calmante o fará voltar à normalidade. Não se preocupe.

Bento era parafítico, medroso e malcriado. Recebia todas as notícias com impropérios não sabia conter-se ante os fenômenos naturais da enfermaria. Maldizia a ciência, a fé, a fragilidade humana:

— Não podemos gozar uma alegria nesse lugar maldito, se algum de nós se ergue a doença vencida se vinga em outro. Aí está o pobre Edson pagando pelo restabelecimento de Cícero. Esta vida é uma porcaria; não sei porque nos deixam viver, se temos que passar por essa experiência miserável. Vejam eu, impossibilitado de escolher a posição de morrer, não me deixam nem a oportunidade de golpear a morte, recebê-la-ei passivo, sem poder esboçar o movimento de recusa. Diabo de vida bosta.

(Cont. na página 58)



MARCO

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEV

Desenho de RAMÓN

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierro Horay

(Continuação do número anterior)

♦ **RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA** — O famoso cientista russo Piotr Kapitza, coadjuvado por um grande grupo de físicos soviéticos, realiza, secretamente, as experiências atômicas que dariam à Rússia a supremacia das armas nucleares. Para dispistar os observadores ocidentais, alguns literatos e jornalistas, entre os quais se encontra o célebre romancista Ilya Ehreburgo, iniciam uma terrível campanha de descrédito contra as referidas pesquisas. Os sábios partem para a Mongólia, onde fundam inúmeras cidades atômicas. Kapitza volta a Moscou e tenta conseguir maiores verbas. Com a presença de Stalin reúne-se o Conselho de Cientistas e Políticos. O crédito exigido por Kapitza é concedido. Neste ponto, um outro personagem, émulo científico de Kapitza entra em cena. É Kurtchatov, que vai dirigir um dos importantes setores das pesquisas.

STALIN observa.

Algumas semanas antes, ele havia recebido, em Moscou, a visita improvisada de Winston Churchill.

Este comunica que se as entregas de materiais americanos encontrassem grande dificuldade de transporte havia a possibilidade da intervenção americana num outro domínio mais eficaz...

Stalin compreendeu que se tratava daquilo que ele procurava há cinco anos. A advertência é bem clara: Os aliados têm, ou estão prestes a entrar na posse de uma nova arma.

— Abraão Feodorovitch, e você também Piotr Leonidovitch, escutem bem: hoje nós não iremos falar de tristezas!

Nesta reunião, Stalin, Béria, Malenkov, o marechal Voroshilov e o general Jukov estão em minoria em face dos dezessete sábios, e estes não gostam muito de serem chamados «camaradas».

— Assim que tivermos iniciado estes trabalhos, estaremos prontos para todo e qualquer sacrifício. Naturalmente que fizemos tudo o que estava à nossa altura. Kapitza, você teve o seu terceiro zero, não é verdade? E devorou tudo. Durante este último ano, você recebeu mil vezes mais do que há cinco anos. Se você ignora isto, peça informações ao seu amigo Ioffe. Ele é quem tem controlado as contas.

Stalin não eleva a voz, porém fala claramente.

Kapitza recorda vagamente de papéis cheios de cifras, mas demonstra sua impaciência. Afinal de contas a física nada tem a ver com a contabilidade.

As referidas despesas eram e são necessárias.

— Nada gastamos que não visasse as finalidades colimadas! — responde ele friamente.

— Eu sei disso — falou Stalin. — Admitimos tudo, mesmo novos e maiores sacrifícios, mas queremos saber POR QUE!

— Ainda não podemos assegurar nada — diz Kapitza.

Ele julga indispensáveis certas experiências.

— Admitimos perfeitamente isto e estamos prontos a aumentar os créditos. Mas, sai-se mais depressa da confusão marchando, caminhando para frente. Nada de apalpadelas. Você deve ter aprendido esta verdade durante o tempo que passou na Inglaterra!

— Nós temos progredido — responde Kapitza. — Mas com a prudência que se impõe.

— Na situação em que nos encontramos vale a pena tudo arriscar, se é que não queremos perder tudo — observa Stalin. — Eu quero, eu exijo uma data certa, um prazo. Não devemos brincar com as derrotas!

KURTCHATOV

Stalin perdeu a paciência. Em cada quinta-feira, ele entra em contato com um dos «grupos dos grandes», exige um relatório, se faz senhor da situação. Na maioria das vezes, interroga Ioffe, que lhe faz uma breve exposição do estado em que se encontram as coisas.

Segue-se uma troca de pontos de vista. É Galerkin quem toma a palavra.

— Preciso de mão de obra — diz ele secamente. — Duzentos e sessenta mil homens trabalham sob as minhas ordens. Mas é preciso duplicar este número!

Após uma breve pausa, Galerkin recomeça:

— O recrutamento é insuficiente. A mobilização de prisioneiros alemães só parcialmente cobre as nossas necessidades.

Infelizmente isto é verdade. Não que os esforços de Béria tenham sido relaxados, que ele não tenha agido com o mesmo ardor de outrora. Tribunais e comissões judiciárias trabalham dia e noite, condenando de qualquer maneira. O maior dos delitos é o derrotismo e dele se faz um grande emprego.

As frentes de tabalha continuam numa situação indecisa e exigem novas massas de combatentes. Todos indiferentemente são considerados «aptos para o serviço militar», e milhares de prisioneiros são trazidos do «reino das sombras» para formar batalhões de disciplina que são imediatamente lançados nas linhas de frente. Os prisioneiros alemães são também afetados pelo Geo-Stroi de Galerkin, mas só podem ser empregados nos trabalhos exteriores, nas construções de estradas e de vias férreas, longe das zonas reservadas.

— Só conseguiremos caminhar mais depressa se concentrarmos os esforços, se não for preciso ocupar todas as frentes de trabalho — conclui Galerkin.

A idéia é excelente. E Stalin se aproveita dela.

Está vendo, Kapitza! Nosso caro Boris Nikolaievitch nos é muito caro. Seu conselho é judicioso: é preciso forçar numa das duas direções das pesquisas! É assim que chegaremos a um resultado tangível e seremos recompensados das nossas perdas. Se é que compreendi as palavras de Ioffe, Kurtchatov estaria mais avançado que você. Mas deve fixar com Béria e Malenkov as suas necessidades essenciais. Muito obrigado, senhores. Kurtchatov, você partirá logo para Jumi. E se possível, ainda hoje...

Os cientistas pedem permissão e começam a sair. Stalin diz ainda algumas palavras a Kapitza que é e continua sendo o chefe de toda a operação.

— Piotr Leonidovitch! Kurtchatov vai esclarecer as suas confusões. De resto, ele nada tem a mudar.

— E como pagará ele os seus insucessos? — perguntou Kapitza.

— Não haverá pagamento se, afinal de contas, ele se sair bem. Não há obra que não exija sacrifícios. Não se faz omeletes sem primeiro quebrar os ovos! Eu conto com você, Kapitza e Ioffe, para ajudar Kurtchatov, temporariamente.

Os dois homens saem. O dia não está bom.

O ULTIMATUM DE BÉRIA

O professor Kurtchatov deve esperar. Béria e Malenkov querem, antes de lhe falar, fixar entre eles o prazo que lhe vão conceder.

Por algum tempo, Kurtchatov ocupa o primeiro lugar, em melhores condições que o próprio Kapitza; mas ele não se felicita por isto. Sabe que se incorrer em erro, o que lhe acontecerá. Mas este pensamento, esta certeza não o atemoriza.

Os pensamentos do sábio são bem outros. Não deveria ele recusar imitando Kapitza? Que tinha a perder? Teria chance de chegar ao fim, dentro dos limites do prazo imposto? Seu «curto efeito» é uma coisa clara, perfeitamente compreensível, mas há uma distância muito grande entre um simples efeito projetado numa tela e uma explosão real. Ele pode muito bem desencaminhar e penetrar num deserto sem água e sem sombra. E se ele o conseguir, deverá tudo ao trabalho concentrado, coerente de pesquisador — e não a um golpe do acaso.

É preciso que ele reflita ainda...

— Faça o favor de entrar, professor!



Num canto do salão, Béria e Malenkov recebem Kurtchatov. Raramente vê-se os dois homens juntos.

— E' de todo impossível — diz logo Kurtchatov, antes de sentar-se — é impossível marcar uma data precisa. Em primeiro lugar...

Malenkov faz um gesto decisivo com a mão, e fala:

— Dois meses — diz ele.

Kurtchatov teve vontade de rir.

— Impossível! A primeira vista parecerá provável o prazo de um ano. Talvez mais.

— Seis meses? — arrisca Béria.

— E' melhor pensar...

— Não podemos dar um prazo maior.

O sábio baixa a cabeça. Ele sabe a que o pode levar uma oposição firme. Por outro lado, sabe que no prazo de seis meses nada poderá fazer.

— Você atinge agora os seus trinta anos de professorado — observa Béria, procurando agradar.

— Precisa de alguma coisa mais? — pergunta Malenkov brevemente.

Kurtchatov fica em silêncio; olha Béria, depois Malenkov, balança a cabeça e, em seguida, sai.

Dentro de pouco tempo, ele estará em Sterlitamak. Béria coloca à sua

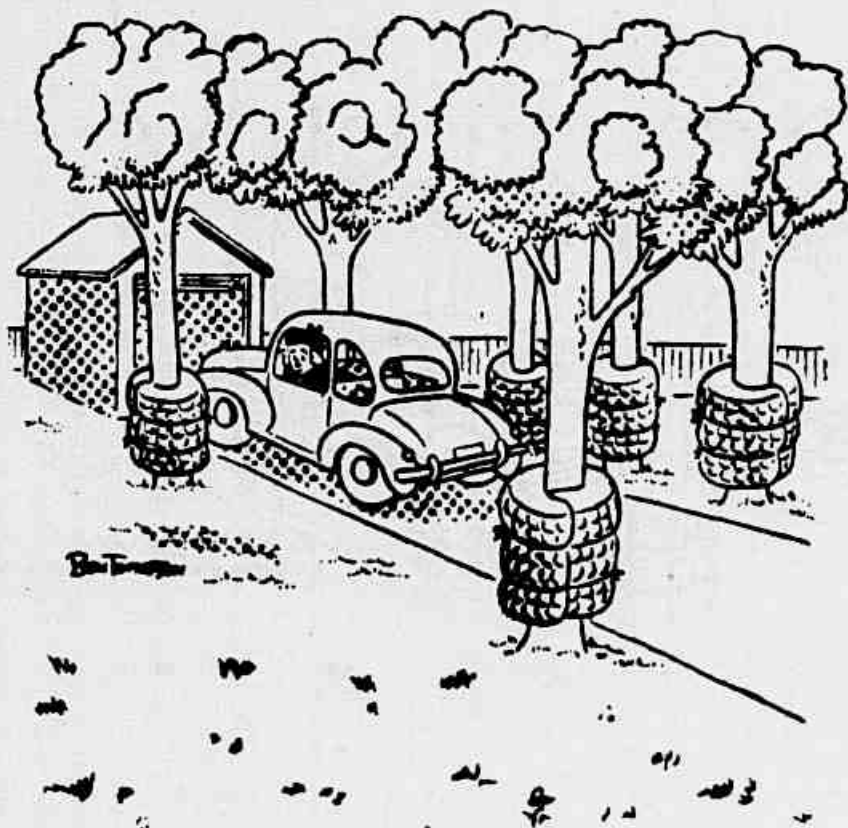
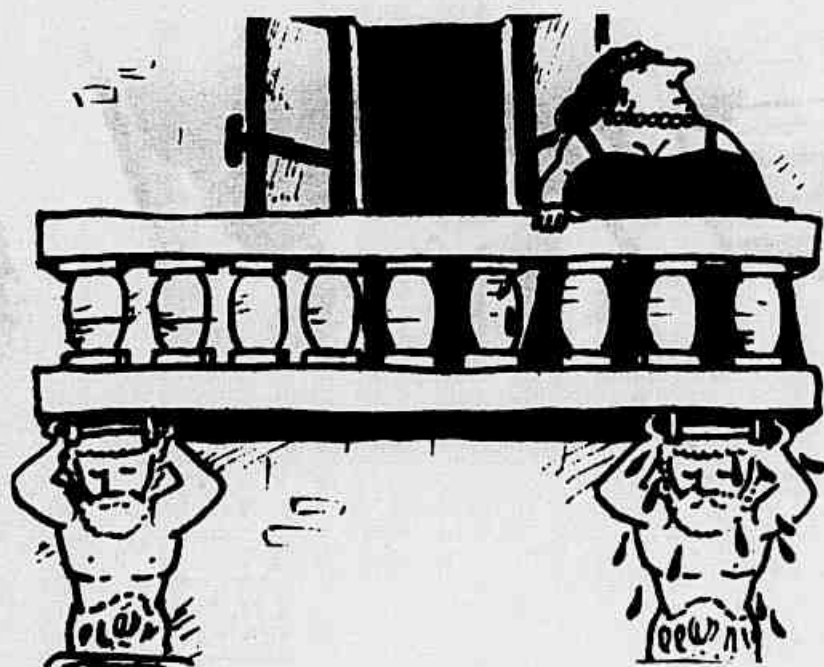
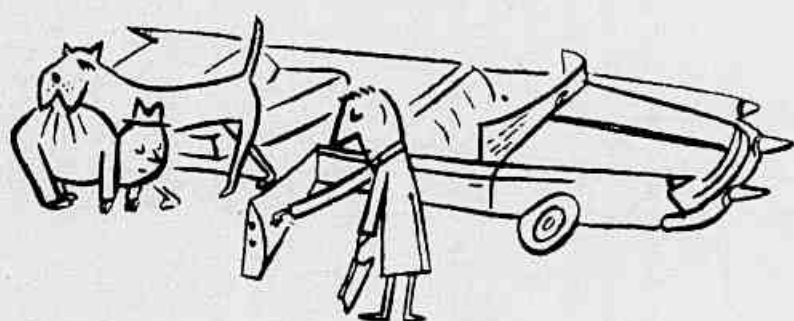
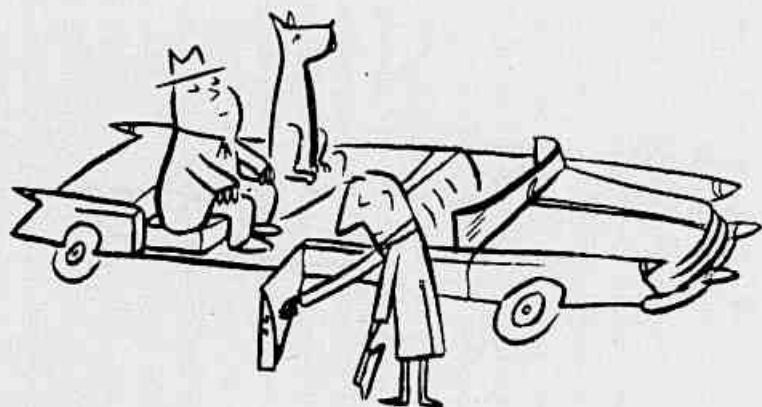
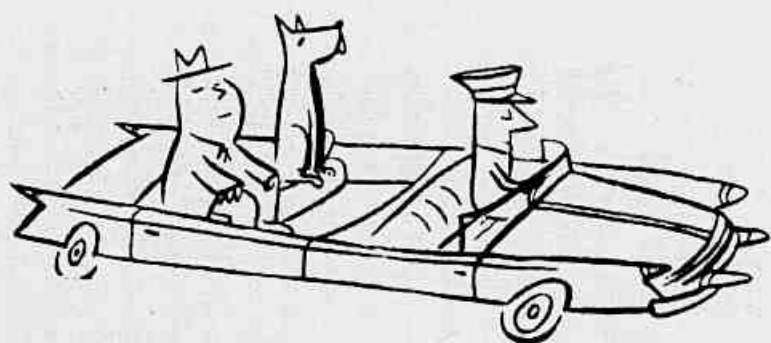
disposição um avião especial e, no último momento, resolve acompanhar o professor.

Alguns segundos antes da partida dois homens entram no avião: são eles Kapitza e Ioffe. Para onde se dirigiam os pesquisadores e tão depressa que Ioffe teve o tempo exato para apanhar a sua escôva e Kapitza o seu cachimbo?

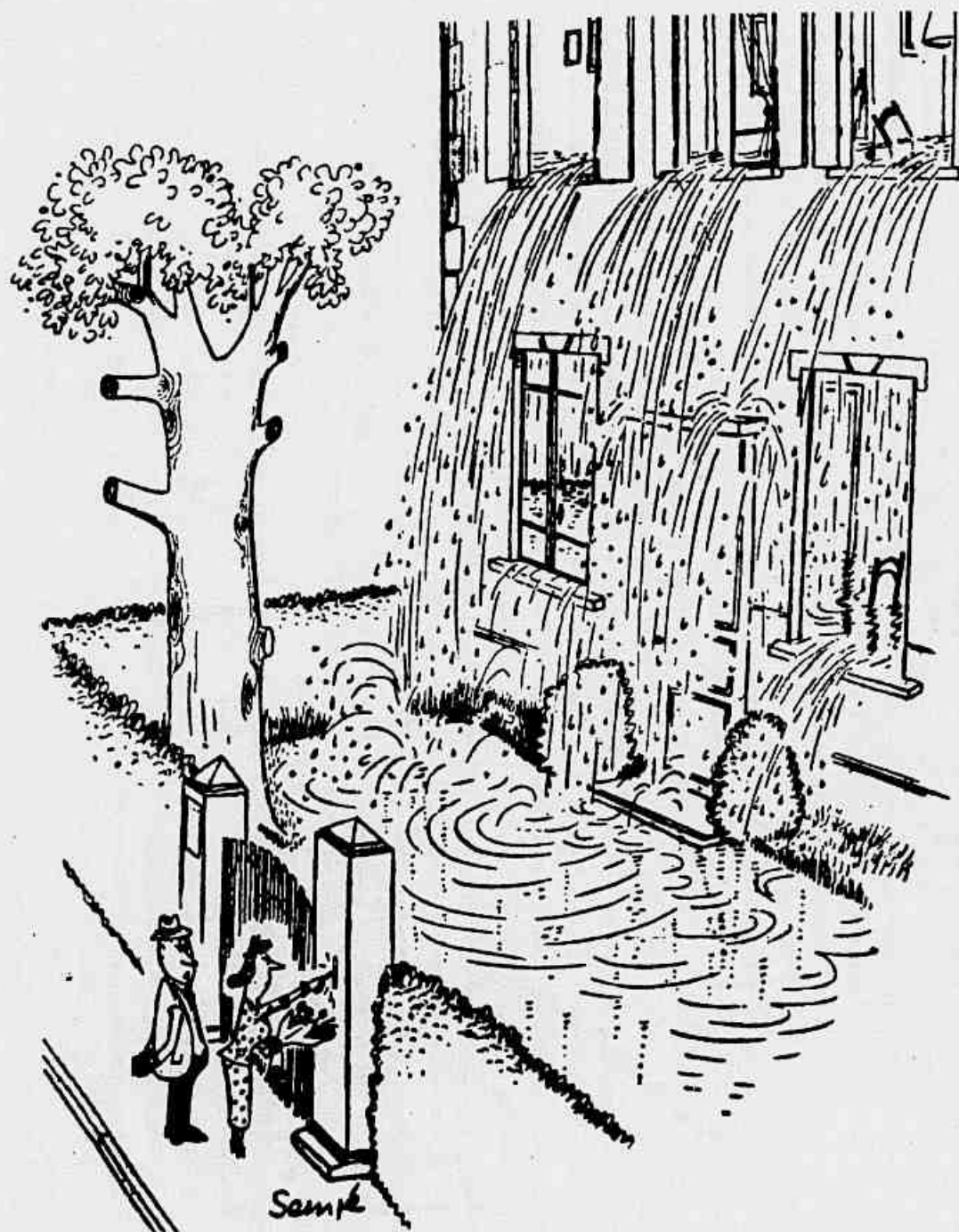
O avião voa para Sterlitamak, cidade industrial dos Urais. Ao sul e a oeste se estendem duas grandes usinas, uma fábrica de produtos químicos e uma siderúrgica. A quarenta quilômetros de Sterlitamak, em Jumai, um pequeno povoado, começa a Corolesia, poderoso massiço de montanha. A trinta quilômetros a este de Jumai um vale fechado, estão as cavernas de Jumai. Algumas delas são vastas «como uma catedral e profundas como o inferno», segundo se diz na região.

E' aqui no Tchortov Dol (o Vale do Diabo) que o professor Galerkin e um dos novos primeiros supergrupos. Seis desses grupos trazem o nome de Kust ou de ATOMGRAD (Cidade Atômica). Os três outros chamam-se simplesmente «objetos» e estão juntos a uma cidade atômica. Quando, depois da guerra, decidiu-se construir sete novos grupos, resolveu-se elevar o «objeto» denominado «Tchortov Dol» à categoria de cidade atômica. Ele será conhecido, mais tarde, no estrangeiro, pelo nome de ATOMGRADO X-71.

Mas, durante algum tempo, Tchortov Dol não chega ao oitavo lugar na hierarquia das cidades atômicas russas. (Continua no próximo número)



MARIDO PRECAVIDO



— Pelo jeito não tem ninguém em casa...

O RISO DOS OUTROS



— Desculpe velhinho, mas seu lugar é no Purgatório.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Quem escreveu «Atala»:
— Chateaubriand?
— Lamartine?
— Madame de Staehl
- 2—«On n'est pas sérieux lorsqu'on a dix-sept ans» — verso de:
— Chirstovam de Camargo?
— Rimbaud?
— Mallarmé?
- 3—Van Gogh nasceu em:
— Haia?
— Amsterdam?
— Groot Zundert?
- 4—As Bemaventuranças são em número de:
— quatro?
— cinco?
— oito?
- 5—Como se diz «óculos» em alemão:
— Spectacles?
— Augengläser?
— Gläser?
- 6—Machado de Assis morreu em:
— 1922?
— 1891?
— 1908?
- 7—Qual dessas cidades é porto de mar:
— Lisboa?
— Rotterdam?
— Malmoe?
- 8—Que filme projetou Marlene Dietrich em Hollywood:
— Extase?
— Anjo Azul?
— Sétimo Céu?
- 9—Que têm em comum esses homens: Calvino; Zuinglio, Henrique VIII:
— todos são ingleses?
— todos são reformadores religiosos?
— todos foram mortos em circunstâncias trágicas?
- 10—«A natureza aborrece o vácuo» — frase de:
— Arquimedes?
— Aristóteles?
— Euridemo?
- 11—Como começa o poema «Cimetière Marin»:
— «Ce toit tranquille où marchent des colombes»...
— «La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres...»
— «Comme je descendais des fleuves impassibles...»
- 12—Qual a maior usina de Campos:
— Outeiro?
— São José?
— Sapucaia?
- 13—E' poeta e diplomata:
— Vinícius de Moraes?
— João Cabral de Melo Neto?
— Raul Bopp?
- 14—E' uma conhecida especialidade da cozinha árabe:
— Chucrutz?
— Paprika?
— Guaraana?
- 15—Que era um logógrafo:
— antigo historiador?
— antigo geógrafo?
— antigo músico?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Chateaubriand; 2 — Rimbaud; 3 — Groot Zundert; 4 — oito; 5 — Augengläser; 6 — 1908; 7 — todas; 8 — Anjo Azul; 9 — todos reformadores religiosos; 10 — Aristóteles; 11 — «Ce toit tranquille, où marche des colombes»; 12 — São José; 13 — todos eles o são; 14 — guaraana; 15 — antigo geógrafo.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição física lhes permite ser activas, esportistas e bem-humoradas.

E, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperience dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

CORRETORES (AS)

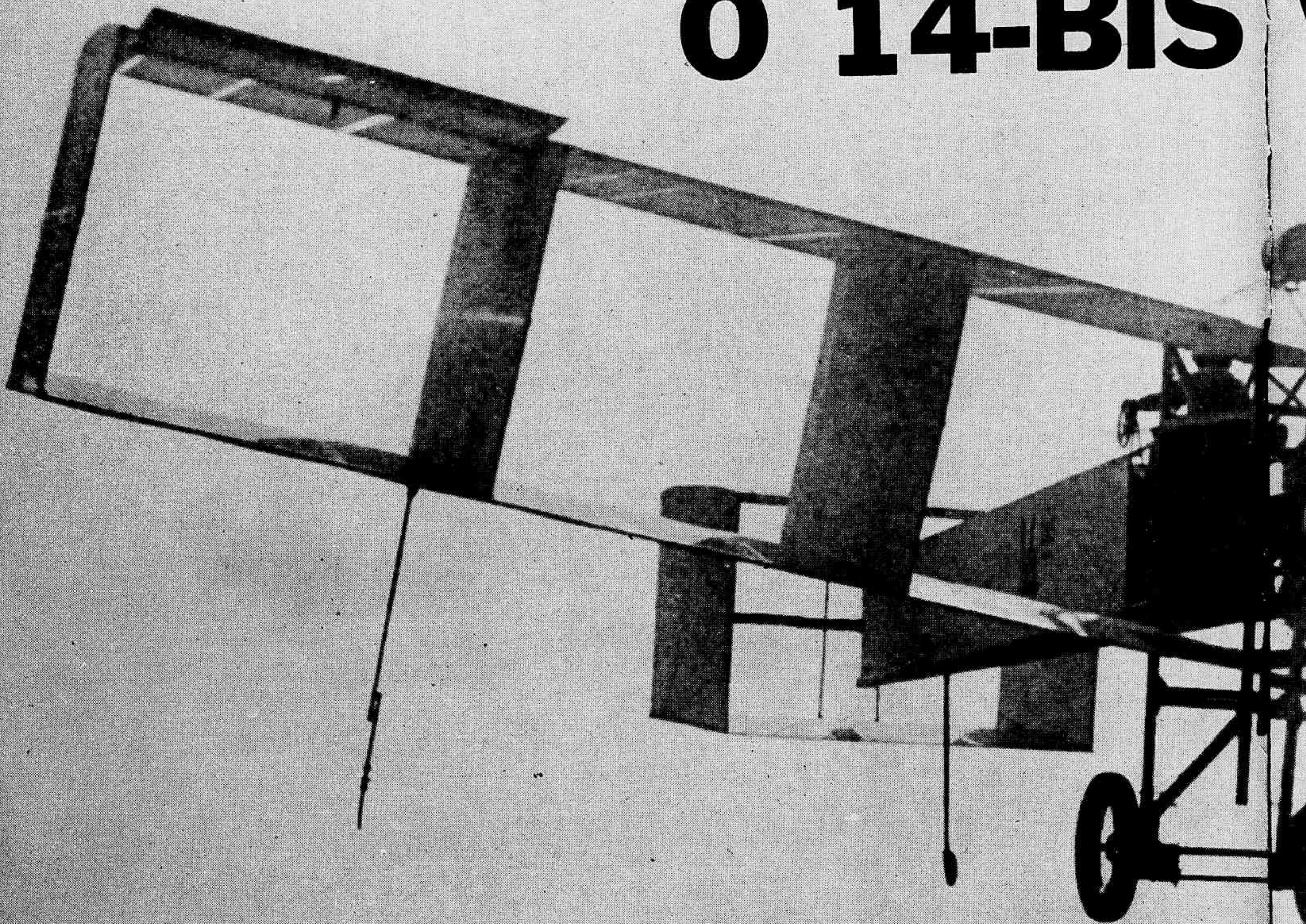
Predial Cruzeiro do Sul S.A. para lançamento do sensacional Plano Novidade, convida os snrs. e sras. que tenham vendido loteamentos, para venda externa, sem horário, de formidável mercadoria imobiliária, que virá revolucionar o mercado de imóveis.

Tratar diariamente das 9 às 18 horas, em sua sede, à Rua da Assembléia, 36 — 11º andar

N.B. — Não se trata de loteamento, nem capitalização.

CINQUENTA ANOS APÓS

O 14-BIS



ECERTO o ponto culminante de tôdas as solenidades comemorativas do cinquentenário do voo do Mais Pesado

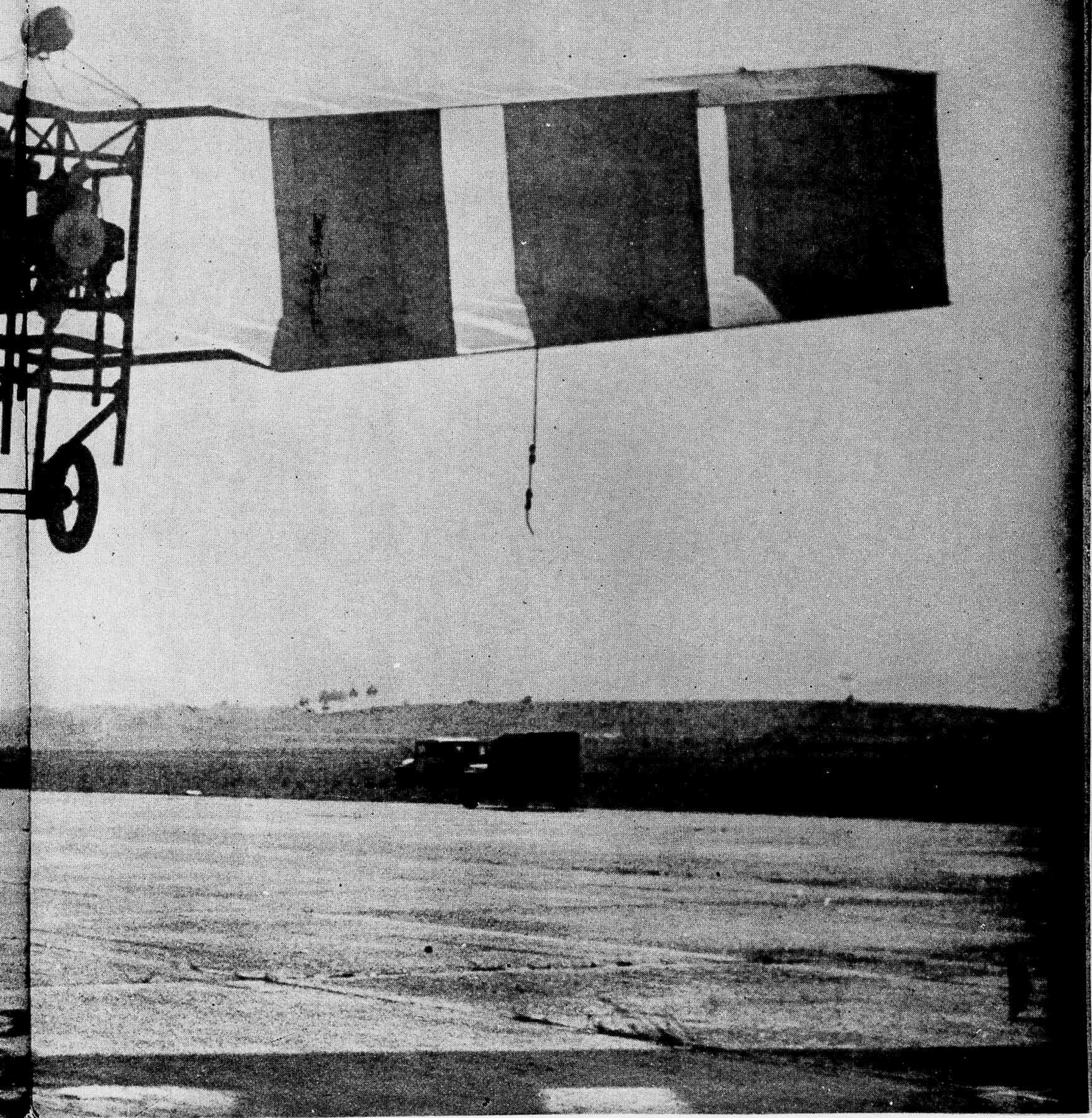
... em 1906, em Bagatelle, Paris. ... mundiais de ... construído ... uma có ... um francês ... poderoso

ça bastante superiores. Nêle, os comandantes Tude de Souza e Abrantes já efetuaram diversos vôos, a uma altura razoável, e numa velocidade que, se comparada à vertiginosa de ... da Força Aérea ... Foi um custo selecionar os pilotos que iriam dirigir o novo 14-Bis, e isso porque inúmeros foram os oficiais da F.A.B., que desejaram participar da honrosa (e perigosa, até certo ponto) missão, como voluntários. Afinal, foram escolhidos os dois já citados, os quais se desincumbiram de sua tarefa às maravilhas. Durante um dos vôos experimentais, o hélice

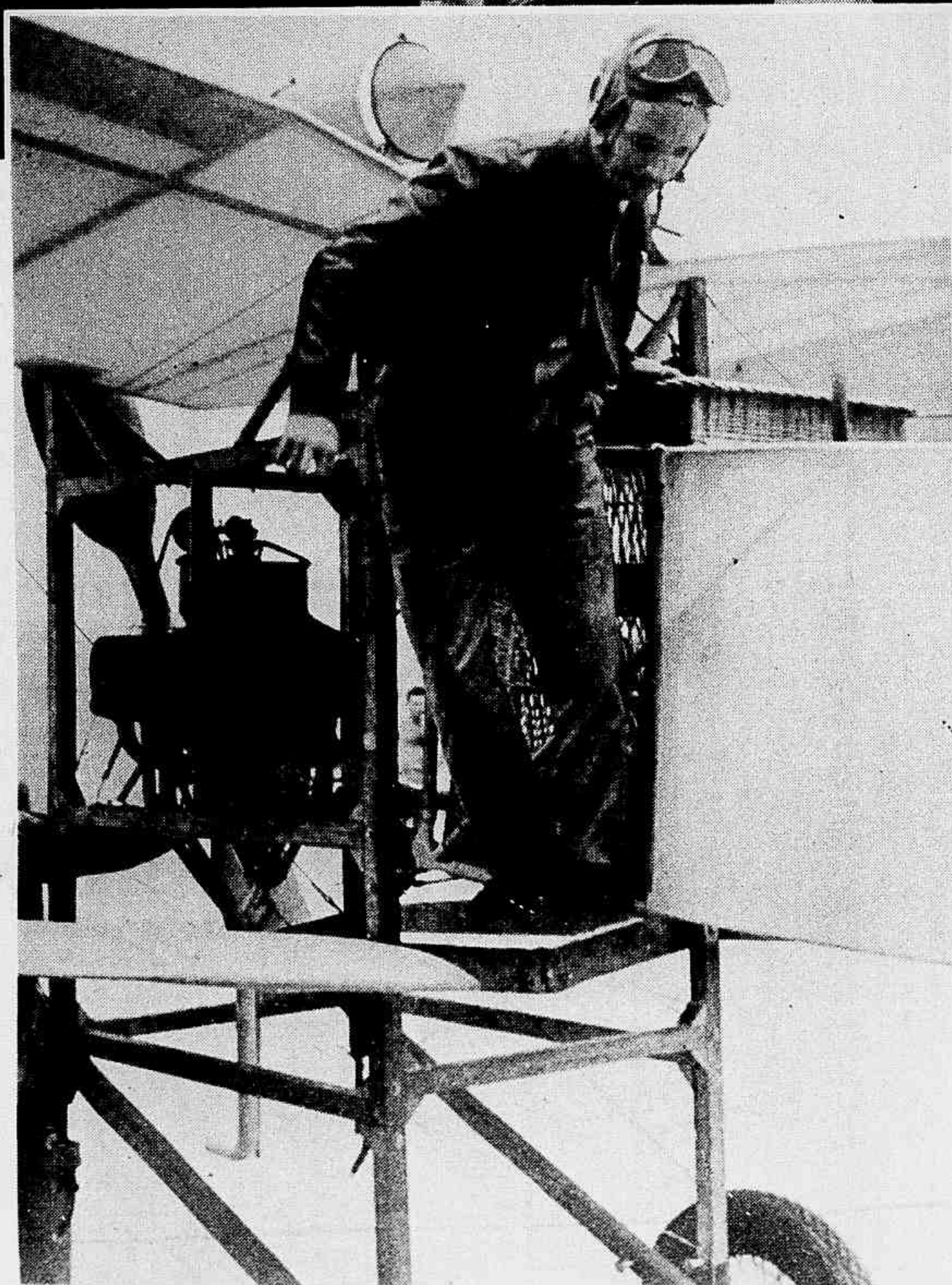
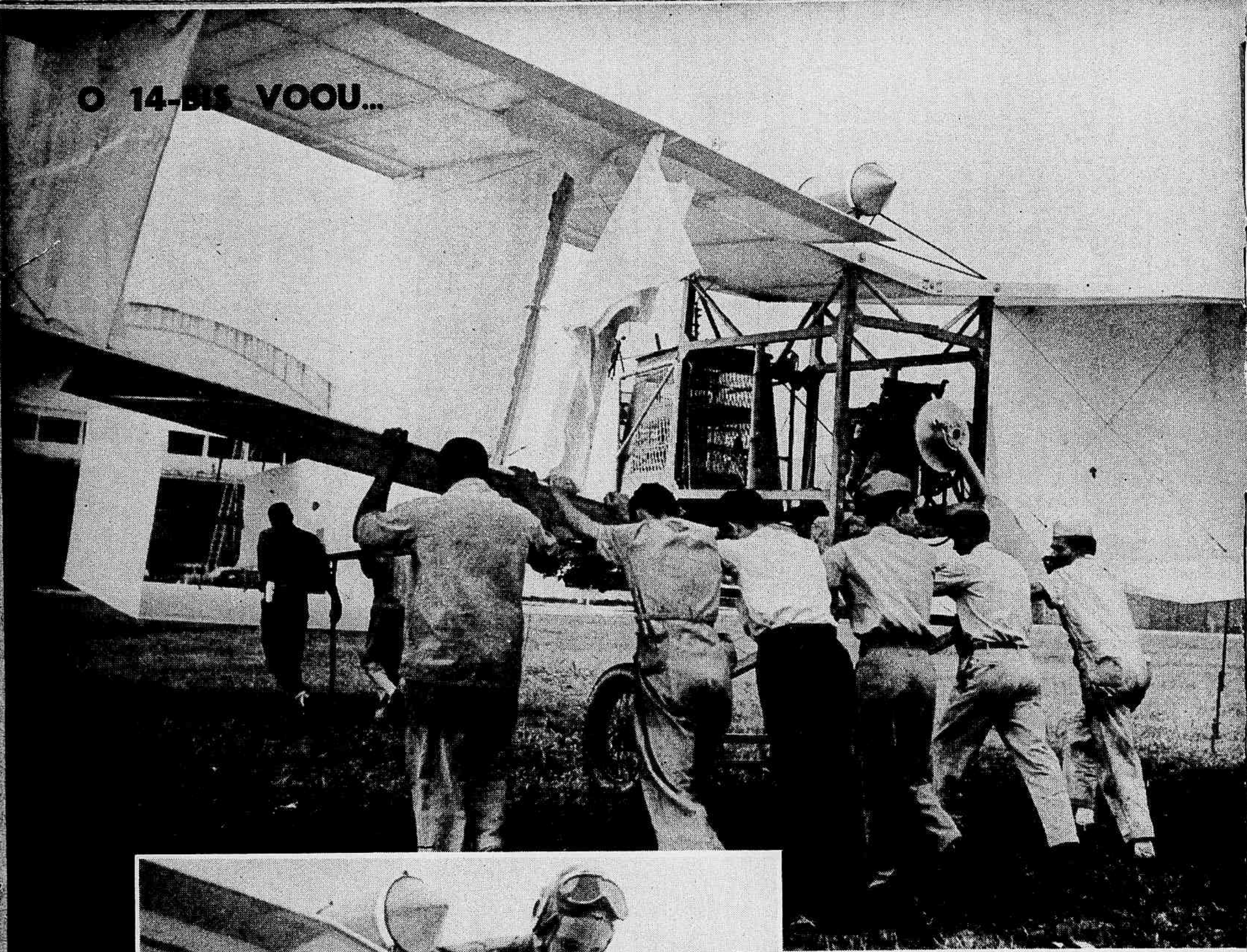
... modelo, ...

VOOU NOVAMENTE

(Fotos de ALBERTO FERREIRA).



O 14-BIS VOOU...



O PESSOAL do Campo dos Afonsos conduz o 14-Bis de volta ao hangar, após o esfacelamento da hélice. Em baixo, o comandante Abrantes, descendo do frágil aparelho, após um voo.

mente, tudo não passou de um susto — que teve aliás a vantagem de emprestar maior emoção aos acontecimentos. Consertado em pouco tempo, o monomotor novamente se aprestou para o voo, e dentro de alguns instantes, já pairava de novo em pleno céu. Sem freios, frágil como uma bicicleta, de asas enormes cobertas de fraco material, exibindo o piloto à fúria dos ventos, o primeiro avião a voar no mundo foi verdadeiramente uma aventura sensacional, realizada por um brasileiro franzino e elegante, que ficará para sempre, na História da Humanidade, como um grande e modesto inventor, que veio abrir novos rumos ao progresso dos homens.. —

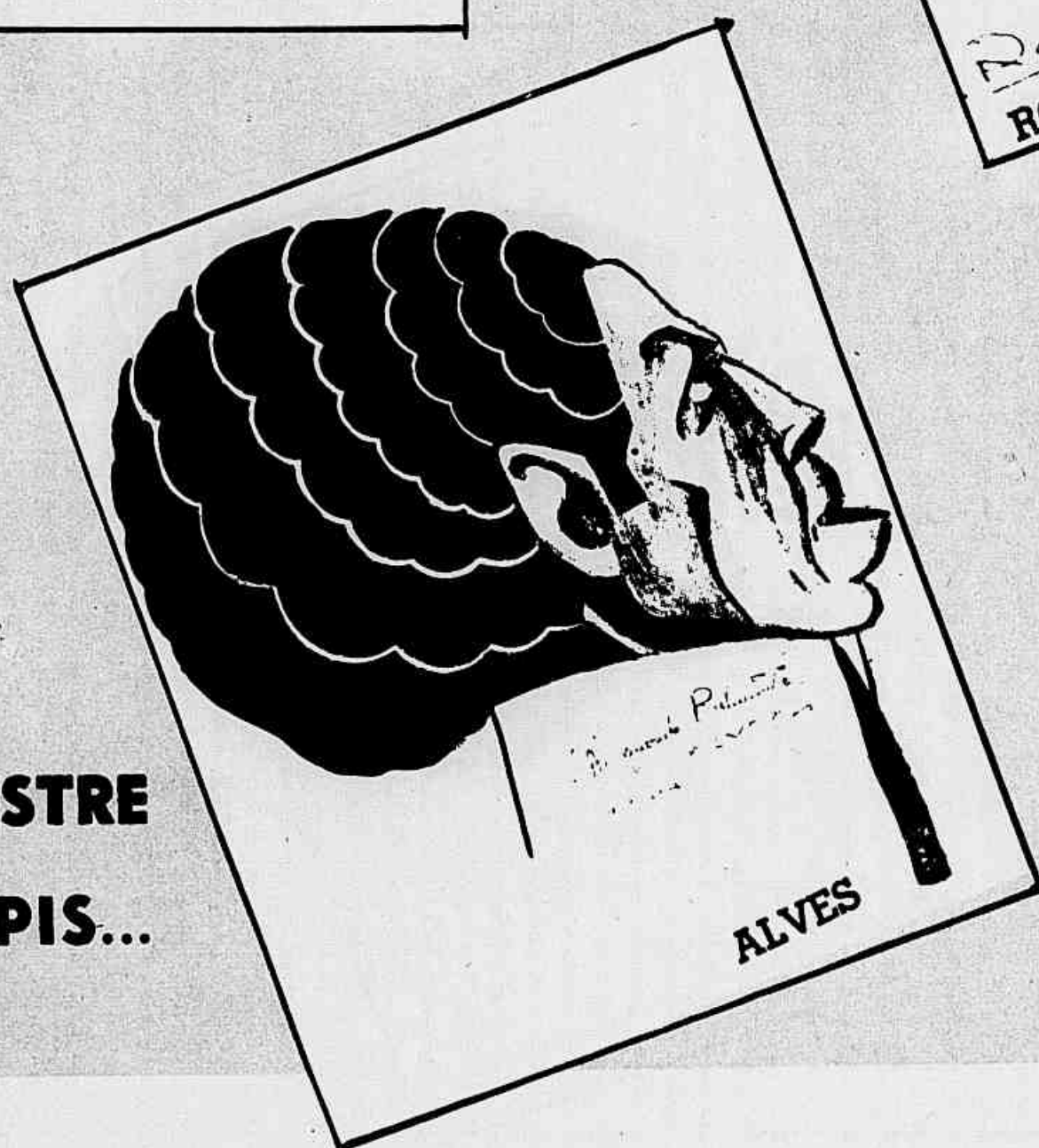
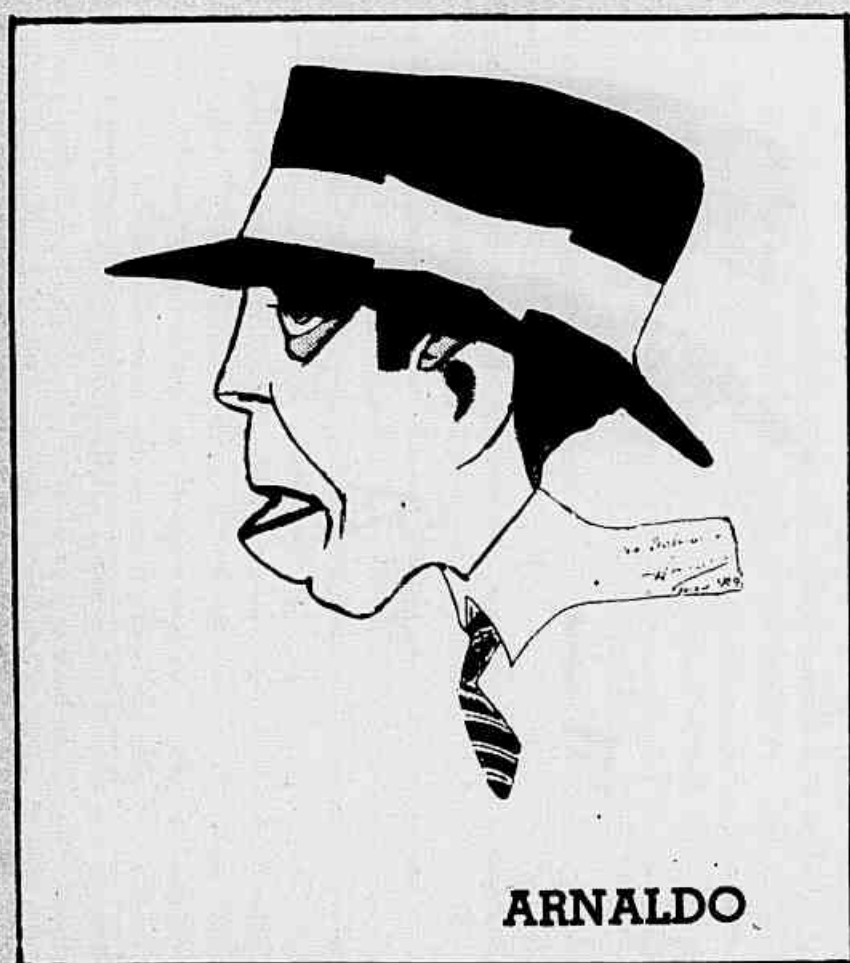
UMA DAS derradeiras fotografias de Belmonte, tirada na própria residência do caricaturista. Ele examina, aparentemente interessadíssimo, uma garrafa de vinho português

• Nelson Vainer, antigo colaborador da REVISTA DA SEMANA e seu correspondente na Europa nos anos de 1947 e 1948, escreve atualmente a biografia de BELMONTE, o grande caricaturista bandeirante falecido em São Paulo, em 1947. A obra de Nelson Vainer será lançada em abril do próximo ano, por ocasião do 10º aniversário da morte do notável artista. Da biografia ora em preparo, REVISTA DA SEMANA divulga hoje um capítulo, em que o autor reúne as melhores caricaturas de Belmonte, feitas por alguns dos seus confrades do Rio e de São Paulo, em diversas épocas. As de João Brito, Amaro e Romano, são inéditas, sendo hoje apresentadas em absoluta primeira mão. As demais apareceram em vários órgãos da imprensa nacional.

Texto de NELSON VAINER



UM MESTRE DO LÁPIS VISTO POR VÁRIOS CARICATURISTAS



UM MESTRE DO LÁPIS...

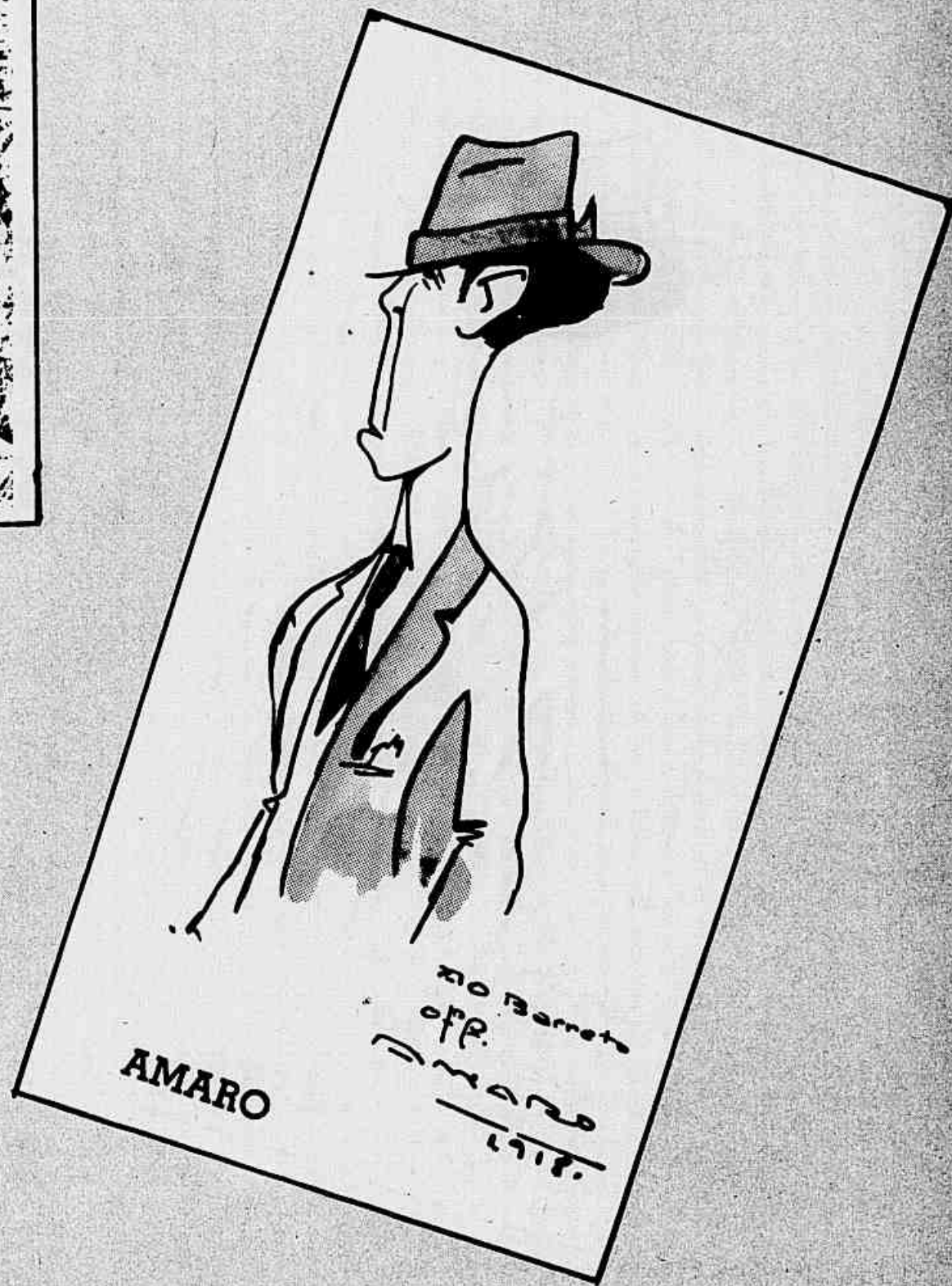
QUANDO Belmonte apareceu nos círculos artísticos e boêmios, no longínquo ano de 1914, em São Paulo, a velha cidade de Anchieta ainda era um imenso centro cultural. A literatura e a arte se fazia naqueles bons tempos à mesa dos cafés e das confeitarias, onde os boêmios viviam de média com pão quente, à custa dos outros... Belmonte apresentou-se a princípio como poeta. Era alto, magro, de face pálida e de fisionomia chupada, cabeleira enorme, chapéu enterrado na cabeça até as orelhas, colarinho alto, precursor do arranha-céu, polainas e luvas, alfinete com brilhantinho na gravata e bengala na mão. Tudo isso lhe valeu o curioso emblema de «Poeta Funambulesco»...

Esse aspecto excêntrico e esguio do artista quase não mudou durante toda a sua existência: o mesmo feixe de ossos, a mesma cabeleira, o mesmo chapéu enterrado, a mesma figura de espectro, com apenas alguns ligeiros retoques. Perfil de eslinga e imagem da deformação não passava duma auto-caricatura. Que modelo esplêndido para uma caricatura! Contudo, essa matéria prima não foi devidamente aproveitada

por nossos grandes caricaturistas. Durante os trinta e poucos anos de atividade artística, jornalística e literária do grande caricaturista bandeirante, apareceram pouco mais de dez caricaturas do Belmonte, feitas por alguns dos seus confrades do Rio e de São Paulo. E desse pequeno número, apenas meia dúzia é aproveitável.

A primeira grande caricatura de Belmonte, se deve ao desenhista João Brito — que ainda hoje trabalha na A GAZETA, de São Paulo — e foi feita em 1918, no mês de maio, em que Belmonte festejava, à mesa da confeitaria «Castelões», o seu 22º aniversário natalício. É dedicado «ao Barreto», sobrenome de Belmonte, com o qual no princípio assinava os seus trabalhos na imprensa. A excelente caricatura de João Brito nunca foi publicada e agora é divulgada em absoluta primeira mão.

Ainda em 1918, os caricaturistas Amaro, Nino e Elyzio, traçaram com nanquim a caricatura do esguio «Poeta Funambulesco». Alguns anos depois, em 1926, quando Belmonte já era artista famoso, o caricaturista Romano então colaborador de DOM QUIXOTE de Bastos Tigre, de «O Ma-



lho», «Fon-Fon» e «O Globo», fez uma interessante caricatura de Belmonte, mas não a publicou. Deu-a ao artista, que se limitou a guardá-la em sua arca de jacarandá, na qual colecionava as coisas mais preciosas sobre a sua vida e a sua obra.

Em 1927, ALVES, pseudônimo de Gastão de Melo, que também assinava os seus desenhos com outro pseudônimo, RATO, dedicou uma notável caricatura ao Belmonte. Dois anos depois, em maio de 1929, quando Belmonte festejava o seu 33º aniversário e o 15º da sua atividade artística, Paulo Barreto, que então dirigia o «Diário Nacional», dedicou uma página inteira do seu matutino ao grande caricaturista, ilustrando-o com uma foto do aniversariante e duas notáveis caricaturas. A primeira, do já citado Alves e a segunda de Arnaldo. Seguiu-se, depois, longo período em que Belmonte aparecia nas colunas dos jornais somente em fotos e raríssimas vezes em auto-desenhos mas não em caricaturas.

Em 1942, já famoso como um dos maiores — senão o maior — chargistas da política internacional, Belmonte foi alvo de uma grande homenagem, devida a um dos mais conhecidos caricaturistas cariocas, o ALVA-

RUS, que lhe dedicou uma página da revista «Vamos Ler», ora extinta, publicando uma esplêndida caricatura do criador de Juca Pato. Outro notável caricaturista carioca, o popularíssimo THEO somente neste 1956, ao ser anunciado o preparo da biografia de BELMONTE, fez publicar, no «O Globo», uma interessante caricatura de Belmonte, feita por ele.

Quanto às auto-caricaturas do incomparável artista bandeirante, nem é bom falar. «Casa de ferreiro, espêto de pau»... Esse notável mestre do lápis, que tantas caricaturas produziu, não deixou uma auto-caricatura sequer digna do seu excepcional talento. Existem algumas, sim, mas muito fracas. A que ele sempre concedia aos repórteres que o entrevistaram, não era bem uma caricatura, mas antes um desenho de poucos traços, em que se destacava o chapéu, a cabeleira, o colarinho, o paletó e a gravata, mas não o seu rosto. As caricaturas, que ilustram este trabalho, foram seleccionadas das 15 que Belmonte guardava na tal arca de jacarandá, fechada a sete chaves, e que não trocava nem pela fortuna de Crespo.

“DIÁRIO” DE DERROTA DE NASSAU

EDUARDO TOURINHO

PELA «qualidade e suficiência» que possuía, foi Pedro Cadena de Vilhassanti — moço fidalgo d'el-rei e cavaleiro do hábito de S. Bento de Aviz — nomeado na Bahia de 1635 para as funções de provedor-mor da Fazenda Real do Brasil. Teve quatrocentos mil réis anuais de ordenado e os «proes e precalços que lhe diretamente» pertenciam. E, assim, foi «logo metido de posse do dito cargo». Na Paraíba fora, antes, capitão de cavalos, escrivão da Fazenda, capitão-mor e governador. Passara, em seguida, a Pernambuco como Provedor da Fazenda Real e Administrador do Pau-Brasil. Desposara d. Beatriz Bandeira de Melo, filha de d. Maria Maciel Andrade e de Felipe Bandeira de Melo, portugueses. Do consórcio nasceram duas filhas — Angela e Lourença — e dois filhos — Gaspar, que morreu criança, e Gregório — na Paraíba nascidos. Um Jerônimo Cadena de Vilhassanti — filho de Gaspar Cadena, tronco da família — na Paraíba foi dono do Engenho Tibiri.

A ele, Pedro Cadena de Vilhassanti — provedor-mor da Fazenda Real — deve-se o curioso e expressivo **diário** do cerco de Nassau a Bahia. Entre os dias 16 de abril e 29 de maio de 1638, quando o inimigo desapareceu desta costa — a Cidade do Salvador e seu Recôncavo — traçou ele as principais ocorrências. Por quase trezentos anos dormiu o **diário** — trinta e oito cartas dirigidas a Felipe III — nos Arquivos de Marinha e Ultramar, que antecederam ao atual Arquivo Histórico Colonial de Lisboa instalado no Palácio da Ega.

Foram, enfim, as missivas descobertas em 1935. Anotadas pelo escritor Manuel Múrias e prefaciadas pelo historiador padre Serafim Leite, vieram oficialmente a público, em 1941.

x x x

A primeira carta dessa heróica correspondência é datada de 22 de abril. Conta a el-rei a perda do forte de S. Felipe de Itapagipe — que era no Montesserrate — e a do forte de S. Bartolomeu — que ficava na Penha e fechava a cinta de fortificações litorâneas. Narra como na véspera, no «quarto da prima» hora, investiram os sitiados contra as trincheiras de Santo Antônio Além do Carmo, principal ponto de resistência dos defensores da Cidade do Salvador. Após uma hora de escaramuças, retirara-se o inimigo com perda de muita gente. Os sitiados tiveram, apenas, nove soldados mortos, além de um ajudante Rêgo e do capitão João da Silva de Azevedo, muito valente soldado. As forças holandesas foram, então, avaliadas em 7.500 homens entre gente de mar e guerra. Na segunda missiva — a 23 — fala da permuta de prisioneiros e de haver a cidade recebido trezentas cabeças de gado. Na de 24, narra como se instituiu um registro de empréstimos para sustentação da guerra. A Câmara concorreu com 25.000 cruzados; o bispo, com 2.000; Lourenço de Brito Corrêa, com 1.500 — que, então, valiam seiscentos mil réis. Menciona, também, haver o bravo capitão Francisco Souto — numa emboscada — matado a trinta e sete contrários e aprisionado nove. Furando ousadamente o bloqueio barcos do Recôncavo trouxeram à cidade sitiada dois mil alqueires de farinha.

A do dia 25, comunica a el-rei ter Souto matado o famoso capitão Manstel e estar agonizante o capitão Torlon. No dia 26 — segundo a correspondência — os defensores da «urbs» trabalharam porfiadamente em obras de fortificação. A bateria de Santo Antônio Além do Carmo repeliu belonaves inimigas que tentaram aproximar-se da praia. Pela carta de 27, sabe-se que o bravo Souto liquidou seis e captura mais cinco holandeses. Descobriram os sitiados que o plano do inimigo era render a cidade pela fome. Mas Vilhassanti — ufano — enumera a existência de «10 alqueires de farinha, 60 pipas de vinho vinagrão, 200 barris de azeite, 30 quartas de farinha do Reino e 400 alqueires de sal». De vinho de mel — a aguardente — tinha ele armazenado dez pipas cheias. E a carne continuava a salgar-se para indefinida conservação. A 29, assinala a chegada de mais

gente para reforçar a guarnição da cidade. A Câmara pagara o soldo à tropa vinda de Pernambuco. Mais duzentos bois desceram pela Estrada das Boiadas. No dia seguinte, o mais importante foi a troca de prisioneiros.

x x x

A 1 de maio sofreu a cidade cerrado canhoneio que se prolongou até as dez horas da noite, como então se dizia. Mas seus defensores continuavam «muito animados». No Adro da Sé mais dois canhões foram montados e o lesto Souto — mestre em guerrilhas — matara mais nove e deitara a mão em mais cinco soldados batavos. Dia e noite — a 2 — continuou o inimigo a conhonear a área urbana. Mas Rebelinho — o capitão Antônio Ribeiro Rebelo, que servira nas tropas do Alentejo e na restauração da Bahia, em 1624 — com vinte e oito brancos e trinta negros, no dia seguinte realizou feliz sortida em que matou um sargento e dez praças holandesas. E quando Domingos Cardoso — português que por dois mil cruzados vendera-se como espião — foi preso para ser enforcado no dia imediato.

No decorrer do dia 4 continuou a Cidade do Salvador a receber balázios. A 5, no mar foi agarrado um negro que pretendia passar-se para o inimigo. Foi levado à força. E novas porções de farinha trouxeram os barcos do Re-

côncavo. Mais de trezentos balaços de vinte e cinco libras despejaram os sitiados sobre os sitiados no dia 7 de maio. E' nesse dia que Afonso Rodrigues — de Cachoeira — à frente de seus bravos índios morreu junto ao rio Matoim pelejando contra trezentos holandeses. E nesse dia, ainda, quatrocentos negros quilômbolas chegaram à Torre de Garcia d'Ávila e pediram alforria sob pena de passarem-se para os atacantes. E escreveu Vilhassanti: — «Parece que faremos tudo o que eles quiserem».

A 9, saqueia o inimigo alguns Engenheiros do Recôncavo. Mas a 10, os defensores da cidade investem contra as novas trincheiras construídas pelos batavos. Foi um ataque de duas horas dirigido pelo capitão Manuel Gonçalves Dórea — que infringiu ao inimigo cinquenta baixas. Mais gado bovino chegou à cidade, onde havia em reserva mil arrôbas de carne salgada e quarenta pipas de aguardente.

No dia 13, certo navio português foi apresado e Nassau — industriosamente — mandou fazer sondagens sobre se reforços eram esperados.

A 14, rijo temporal varreu a cidade. Os holandeses recuaram para Itapagipe enquanto Nassau enviava a Bagnoli intimação para render-se. Isso, entre os sitiados foi motivo de galhofa, esclarece Vilhassanti.

No dia 15 recrudescu o canhoneio, mas a 16



Composição panorâmica da Cidade do Salvador no século XVII. Vê-se o Forte do Mar. No alto, distingue-se a desaparecida Sé da Bahia.

consegue escapar-se a caravela de mestre Antônio da Silva — «vizinho de Alfama», em Lisboa — com a correspondência do provedor-mor para el-rei. A 17, a casa onde morava Gabriel Corrêa Bulhões — almoxarife em Pernambuco — foi atingido por uma bombarda, alcançando estilhaços ao morador.

x x x

Foi a 18 de maio que, num supremo esforço, desfechou Nassau o ataque definitivo às trincheiras de Santo Antônio. Nesse combate — que durou quatro horas — empenhou o príncipe os melhores dois mil homens de suas forças. Mas os defensores da Cidade do Salvador — «cabeça de Estado do Brasil» — resistiram denodadamente nas posições. Ao retirar-se, contava o inimigo trezentos e vinte e sete mortos e entre quinhentos a seiscentos feridos. Os sitiados tiveram sessenta mortos e noventa e nove feridos, entre os quais — gravemente — o intrépido capitão Francisco Peres do Souto.

Esse encontro decidiu, em verdade, a derrota de Nassau.

Realizou-se, em regozijo, uma procissão e, na Sé, houve «Te Deum» solene em que oficiou o bispo. No dia imediato às solenidades religiosas — o dia 20 — entraram na cidade mil bois e dez alqueires de farinha — «que dariam para cinco meses» — como, regozijado, anotou Vilhassanti.

Entre 21 e 24 registrou-se fraco canhoneio. Mas na noite de 26 — valendo-se de duro temporal que desabara sobre a cidade — os holandeses abandonaram as posições e se meteram nas naus. Ao romper do dia, estavam embarcados. A 25 quiseram permutar prisioneiros no que não foram atendidos. A 28 de maio, Luís de Vedoya — que ao inimigo entregara covardemente o forte de S. Bartolomeu — foi aprisionado e condenado à força. E nesse dia também, Nassau — vencido — deixava a Bahia de Todos os Santos e velejava para Recife.

x x x

O governador geral Pedro da Silva — «o Mole», como escreveu Miralles na HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL — comunica a vitória a el-rei. Nassau e sua gente — escreveu — «suspenderam o sitio com pouca reputação aos quarenta dias dele». Diz que as baixas dos defensores não foram além de duzentas, computados oitenta mortos. E, em seguida, faz a citação dos que mais se haviam distinguido: — Gion Vicenzio de San Felice, conde Bagnoli, a quem cederam o comando das forças; Duarte de Albuquerque Coelho; os mestres de campo Fernando de Loudenha, Luís Barbalho e Heitor de la Calce; o provedor-mor Pedro Cadena de Vilhassanti; os oficiais Lourenço de Brito Corrêa, Afonso Ximenez, Pedro Corrêa da Gama, o bravo Francisco Peres do Souto e Gregório Cadena Bandeira de Melo — filho de Pedro de Vilhassanti — que, numa galera, levou ao Reino a boa nova. Comemorando o triunfo, que permitiu talvez a Portugal não perder então sua melhor colônia — o Brasil — a 12 de junho desse ano de 1638, o grande Vieira num sermão laudatório graciosamente desferiu ironias e esgrimiu dramáticas antíteses contra o malôgro do grande Maurício de Nassau — «o Americano», como era chamado.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

JAZZ E MÚSICA ERUDITA

♦ Fala-se, comumente, de influências da música jazzística sobre a criação musical de plano superior, quer em suas manifestações puras, quer nas formas essencialmente descritivas. O canto negróide, argumentam certos críticos, perde muito com as possíveis estilizações realizadas por um Stephen Foster, esta espécie de Schubert americano, no qual descobrimos influências mais do folclore branco do que propriamente do negro. Mas a música de «jazz» nada tem de folclórica. É elaboração rítmica fundamentada na pura improvisação de caráter individual. De modo que as canções de Foster poderão aqui se enquadrar. E que dizer de Dvorak, o eslavo que transplantado para a América deixou-se fascinar pelo ritmo enlouquecedor tanto do folclórico negro, como dos embrionários conjuntos jazzísticos então existentes? No compositor tcheco o que se sente é uma implantação viva de certas formas originárias, como o «negro spirituals», visíveis e identificáveis em obras como a «Sinfonia do Novo Mundo» e, provavelmente, em um dos seus famosos «Quatuor».

♦ Schumann, o reflexo da música de jazz parece ser ainda mais distante ou praticamente nulo, uma vez que a temática do compositor é demasiada universal e a expressão super-intelectualizada. Dada a natureza inflexional da sua música, a evidência abundante do elemento rítmico, a persistência dos motivos e o aspecto mórbido da sonoridade, George Gershwin é apontado como o maior repositório erudito da influência jazzística. Isto pode ser apreendido não somente através da sua música vocal (Porgy and Bess, berceuses, blues) mas também — e ainda com maior clareza — das composições instrumentais, cujo texto, em geral ousado, dá margem a comentários aventureiros no plano do solo isolado, exatamente como ocorre no «jazz». Veja-se, por exemplo, a bossa ou o livre relêvo apresentado pelo piano na «Rhapsody in Blues» e a participação caricatural do violino na suite «An American in Paris», cujo poder de arrebatamento compara-se ao desses pistons tresloucados que gemem nos autênticos «jazz-bands».

♦ Sucede, porém, que os grandes conhecedores do «blues», do «be-bop» e do «Dixieland» não aceitam a determinação de tais influências. Acham que música de jazz e música erudita são absolutamente irreconciliáveis, desde que se leve em consideração a clássica dicotomia de forma e conteúdo. Mostram-se ainda mais extremados quando sustentam que mesmo o jazz branco não merece crédito, em que pese o virtuosismo de certos intérpretes. A música jazzística é negróide quanto à concepção. Sua execução estabelece um fluxo envolvente de caráter universal, visando a uma comunhão entre ouvinte e intérprete, mas uma comunhão sem qualquer sentido palpável que não o inesperado da sequência musical em si. É o que chamam de música pura, impossível de ser anotada dentro do sistema tradicional de inscrição. Admitam, entretanto, que o «blues» exerceu alguma influência sobre a música de Gershwin. Mas meramente quanto à forma. O seu conteúdo fluidico jamais abandonou o peculiaríssimo aparelho fonol do negro americano, que o monopoliza inteiramente, a despeito de inúmeras opiniões contrárias.

NOTAS

O compositor Francisco Mignoni tomou posse da cadeira para a qual foi eleito por unanimidade, na Academia Brasileira de Música. Pronunciou o novo acadêmico uma longa oração quando lembrou muitos fatos da vida musical brasileira no decorrer dos últimos anos.

★

Estreou com grande sucesso a Temporada de Ballet dirigida por Leonide Massine. Constaram do programa «O Lago do Cisne» de Tchaikowsky «Danças Polovizianas» de Borodine e «La Boutique Fantastique» de Rossini-Rispinghi.

★

Realizou-se a 18 de outubro no auditório da ABI um recital da pianista Maria Alice Sales Frantz, que executou Scarlatti, Beethoven, Debussy, Delibes e Vila-Lôbos. A jovem pianista, aluna do professor Roberto Tavares, obteve sucesso, pois além de demonstrar segurança na técnica, evidenciou acentuada sensibilidade artística.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Remembol Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

LEIAM

EU SEI TUDO

PREÇO

CR\$ 10,00

Cabelo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

ÓLEO DE
VIOLETAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837



UMA DAS últimas fotografias de James Byron Dean, tirada semanas antes do desastre que lhe roubou a vida. O ator aparece ao lado da estrelinha Terry Moore, sua amiga, por ocasião da «avant-première» de um filme. Dean passou como um meteoro na história do cinema. Mas seu brilho cresce.

O MITO JAMES DEAN

NO FIM de uma grande avenida — o Boulevard Ventura — em Los Angeles, um amplo recinto vem recebendo, desde fins de setembro do ano passado, verdadeiras enchentes de moças e rapazes beijando todos a idade de vinte anos: é o local em que está exposto, em frangalhos, o automóvel em que o jovem e grande ator cinematográfico James Dean perdeu a vida, num desastre que ainda hoje não ficou bastante esclarecido. O bilhete de entrada custa vinte e cin-

co centavos. Na parede, um gráfico mostra como aconteceu o acidente na estrada 466; como o automóvel do artista, um «Porsch» último tipo, foi estatelar-se de encontro a uma cerca — a uma velocidade de 140 quilômetros horários, e como, afinal, a fatalidade parecia nortear os passos deste rapaz de vinte e cinco anos de estranho temperamento, que amava a solidão e que guardava, a despeito de tudo, certa pureza infantil — a traduzir-se por exemplo em seu riso cristalino e franco. James Dean — que

em sua curta carreira cinematográfica (lêz apenas três filmes: «Vidas Amargas», «Juventude Transviada», e «Giant», com Elizabeth Taylor, ainda sem título em português), conheceu a fama em doses até então somente conhecidas por um Valentino, por exemplo, é hoje um mito, nos Estados Unidos. A tal ponto conseguiu atrair as atenções gerais, que já existem inúmeras canções dedicadas à sua memória, como a «Balada de James Dean» e existe, em Hollywood um movimento no sentido de lhe conceder, post-mortem,

tem, as honras do «Oscar», fato inédito em toda a história do cinema norte-americano.

◆ OS ÚLTIMOS MESES — James Dean transcorreu os últimos meses de sua vida ocupadíssimo. Costumava dizer, brincando, a seus pouquíssimos amigos, que ele, como todos os nervosos, tinha necessidade de uma válvula de escoamento, por onde desse vazão aos sentimentos terríveis que queimavam-lhe a alma. A sua — acrescentava — era recitação. Já havia tentado tudo, na vida. Tocava todos os instrumentos, do saxofone à bateria. Amava sobre tudo no mundo a música do compositor húngaro Béla Bartók — um neurótico, como ele, que trocara a sua terra natal pela imensa Nova York, para afinal terminar os dias de sua existência em meio à miséria e à angústia. Amava a fotografia, gostava de praticar o tiro ao alvo. E metia-se em doidas, alucinadas correrias de motocicleta e de carro, pelas estradas excelentes das cercanias de Los Angeles. Quantas vezes os diretores de Hollywood lhe haviam proibido a inscrição em corridas de automóveis? James porém, não se importava com tais proibições.

Temperamento selvagem, não nasceu James Dean um ator: ele se fez ator, burilando, aresta a aresta, as imperfeições imensas de suas atuações. Desde que saiu de sua cidade natal, Fairmont, em Indiana, até ao dia fatídico de sua morte, não se passou a bem dizer um momento sem que o jovem Dean tentasse aprimorar ainda mais sua arte. Trabalhou em filmes para a TV, como figurante, frequentou cursos de declamação sob a orientação de Whitmore e Elia Kazan. Kazan deu-lhe enfim a oportunidade de figurar como protagonista de «Vidas Amargas», que lhe granjeou, de imediato, imensa popularidade. Com «Juventude Transviada», sua fama cresceu, e solidificou-se. Ele, porém, continuou o mesmo estranho rapazinho, fechado dentro de si buscando por todos os meios a seu alcance, entender os seres e as coisas que o rodeavam. Quando foi surpreendido pela morte, terminava seu terceiro filme, «Giant», ao lado de Elizabeth Taylor, e sob a direção de George Stevens. Filmava na longínqua e diminuta cidade de Marfa, no Texas, intrometendo-se pelo deserto a dentro, quotidianamente, voltando pela noite, cansados e cobertos de poeira. James Dean parecia feliz. As voltas com



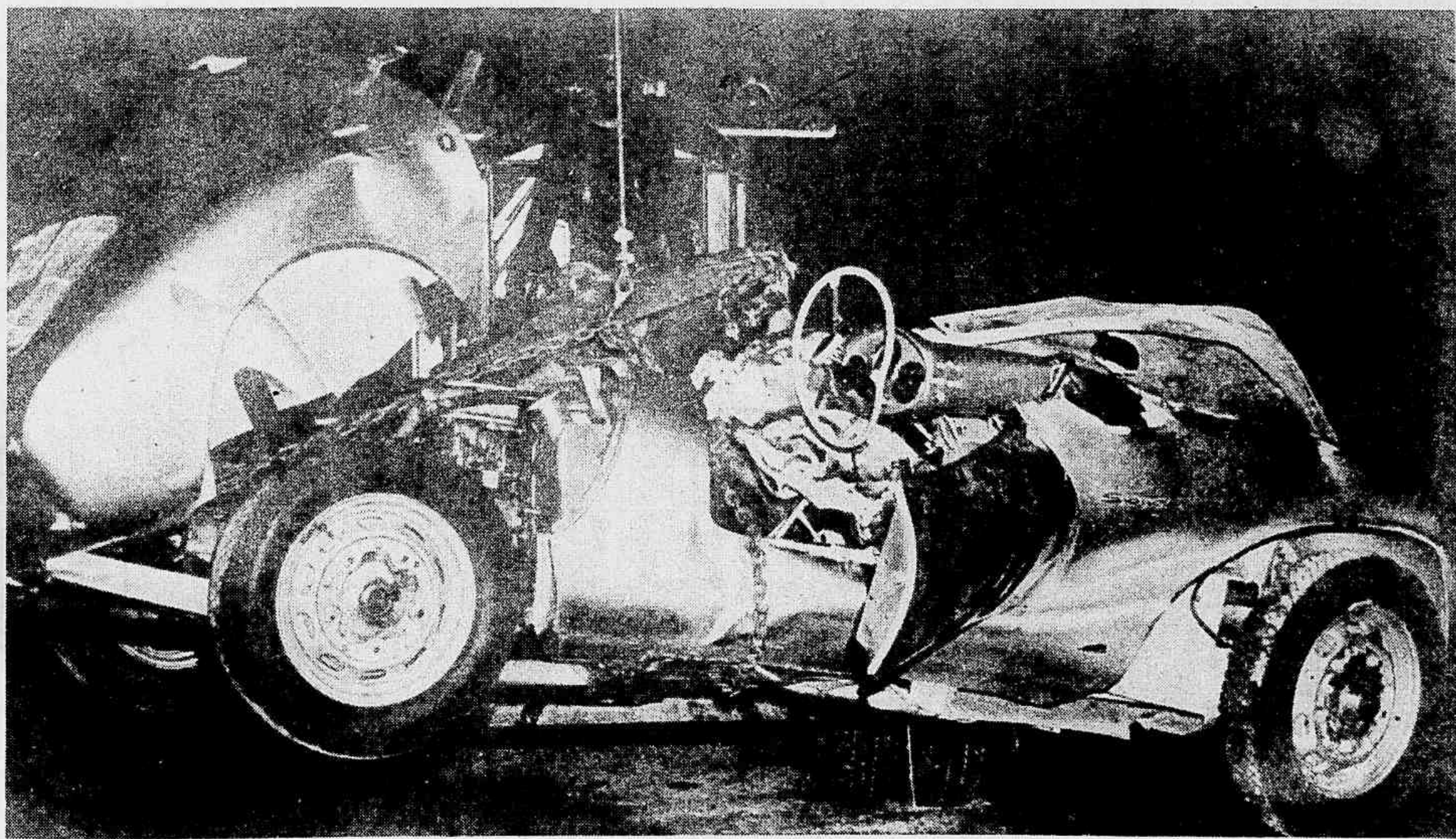
O TÚMULO singelo de James Dean, com as datas de nascimento e de morte, 1931 e 1955, ergue-se em Salinas, a pouca distância de Los Angeles. Jovens americanos cobrem-no diariamente de flores

seu trabalho, não podia, vencido pelo cansaço, cair nas crises de profunda apatia em que costumava mergulhar, quando na cidade. E de resto, entre ele e Elizabeth Taylor nasceu uma amizade profunda, que havia quem dissesse não ser apenas uma amizade.

A trinta de setembro de 1955, poucos dias após o término do filme, Jimmy Byron Dean partira de Los Angeles, em sua velocíssima «Porsche» com destino a Salinas. Ia tomar parte em uma corrida de carros. No cruzamento com a estrada 466 seu auto desgovernou-se. Ia a grande

velocidade, e não soube manter a direção, quando outro automóvel atravessou à sua frente. A «Porsche» capotou, para ir afinal arrebentar-se de encontro a um barranco. James Dean, gravemente ferido, morreu quando era transportado para o hospital. Seu corpo foi sepultado em Salinas, depois de ter sido encomendado pelo reverendo James de Weerd, que fora seu professor, na infância. Quando seu corpo baixou à sepultura, o padre, com lágrimas nos olhos, falou aos amigos do morto, que rodeavam a tumba:

(Continua na página 58)



O AUTOMÓVEL em que James Dean precipitou-se para a morte — uma «Porsche» do último tipo — está exposto num salão, numa das avenidas de Los Angeles. A multidão de jovens de ambos os sexos acorre para vê-lo, a despeito dos vinte e cinco centavos que lhes custa o ingresso.



A IMPERATRIZ Soraya, da Pérsia, chegou à Côte d'Azur, para ali passar as férias. Até agora, cinco anos após seu casamento, Soraya não conseguiu dar um herdeiro ao Xá da Pérsia. Será consequência da má qualidade do chá?...



MISS AMÉRICA 1957, por incrível que pareça, já está eleita! Chama-se Marian Ann McKnight, tem dezenove anos, é loura e de olhos azuis. Ganhou representando uma imitação de Marilyn Monroe, denominada «Doutrina Monroe».

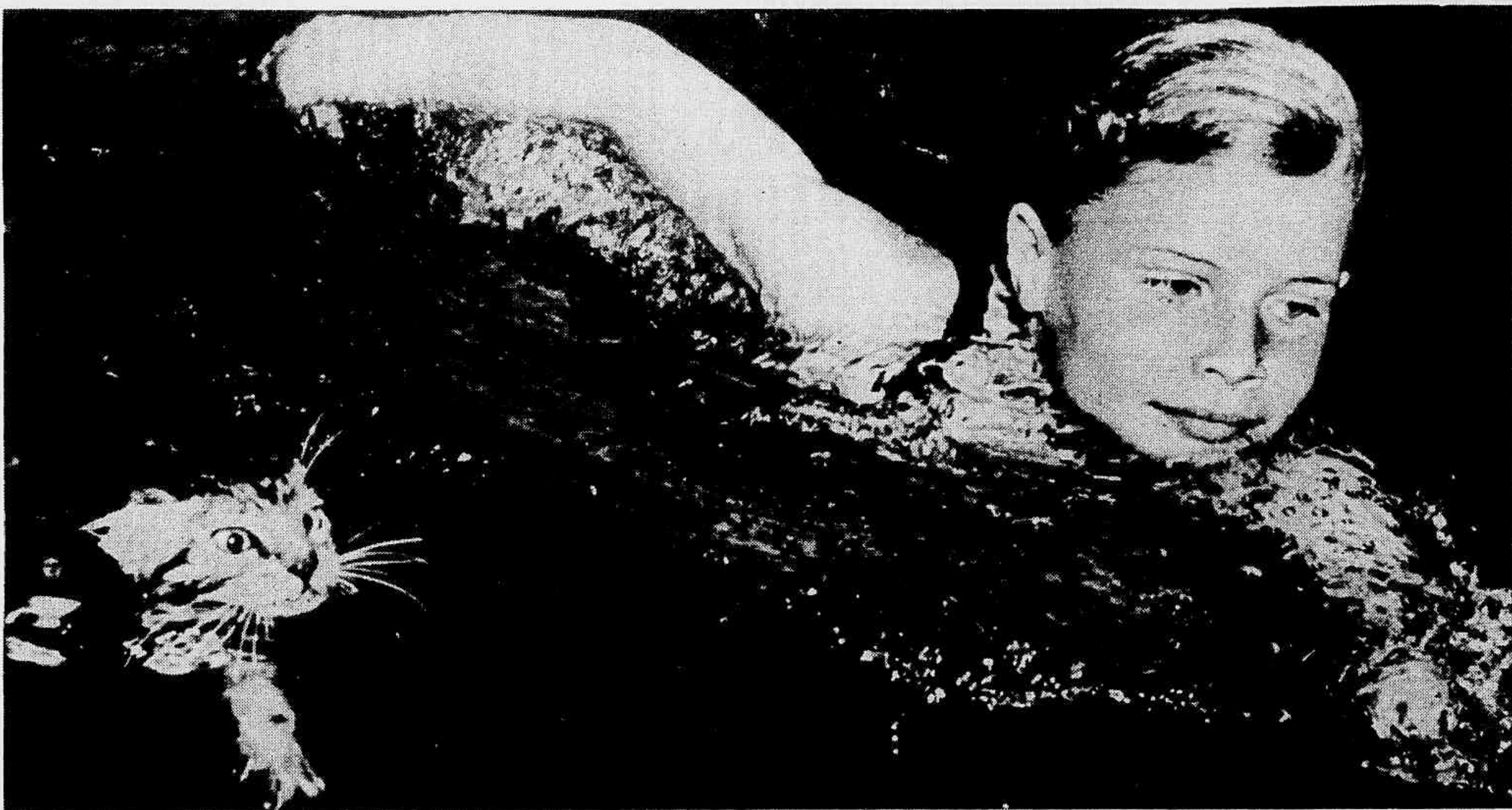
POR ESSE MUNDO DE DEUS



EM INSBROCK, na Áustria, o primeiro restaurante «submarino» acaba de ser inaugurado. Enquanto os fregueses saboreiam deliciosos pratos alemães, jovens de maiô dançam, numa piscina, valsas de Strauss.



A FIM de fotografar a cratera do Fuji-Iama, célebre vulcão japonês, um piloto norte-americano teve de efetuar essa proeza com seu aparelho, um «Sabre». Por pouco que êle não descrevia a cratera, desde o seu interior...



DONNA FICK, essa garotinha de dez anos que aqui é vista nadando, conseguiu ensinar seu gato (outro que aparece na foto) a nadar também. Mas, pela expressão do bichano, ele não se sente muito seguro das braçadas.



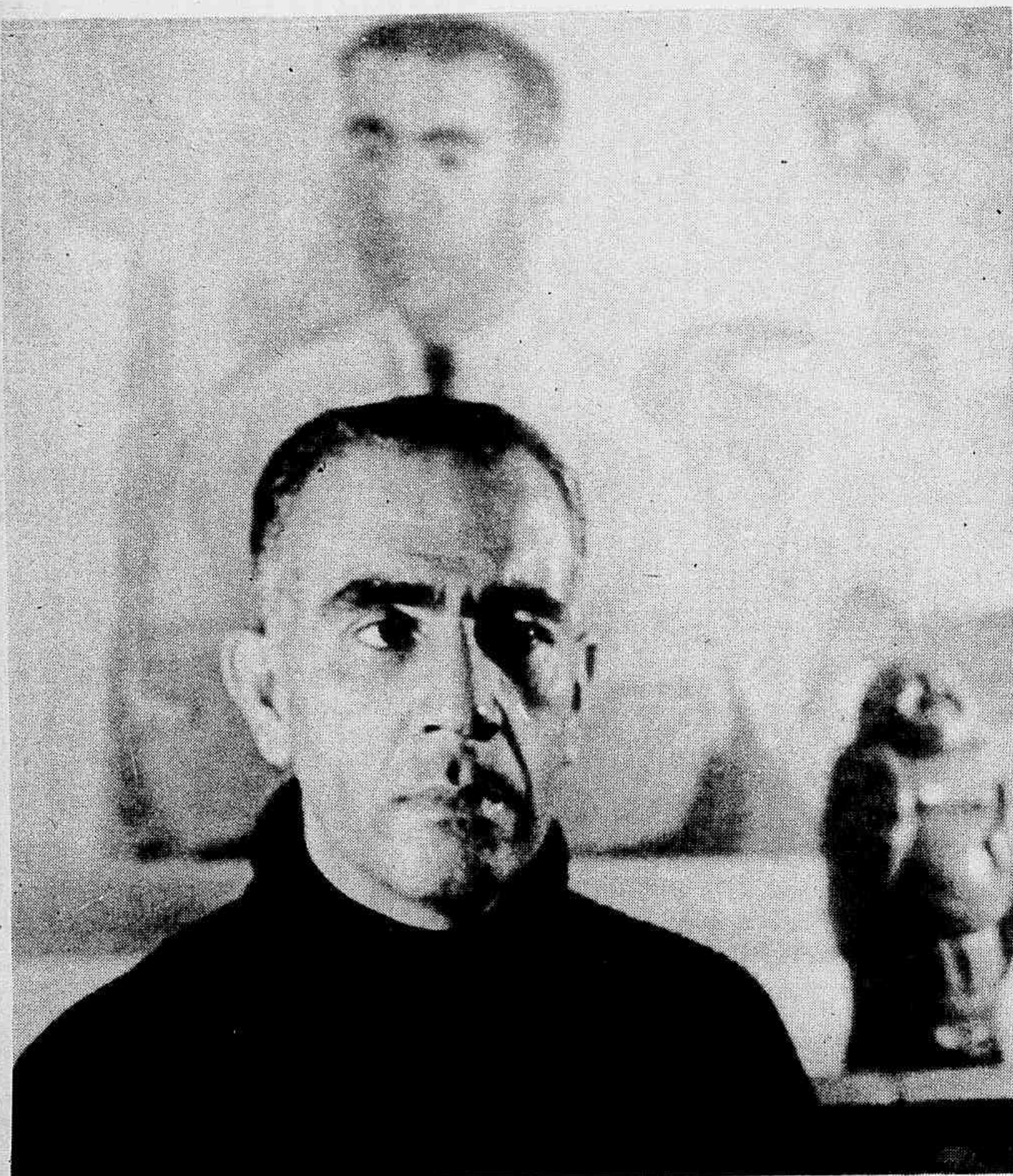
O **PRIMEIRO** advogado Kikuyu é esse cavalheiro (à esq.), de peruca branca. Charles Njonjo, de 36 anos, formado em Londres. Agora voltará para a sua tribo africana, no Kenya, onde pretende abrir um escritório.

A **CONHECIDA** Samia Gamal, atriz do cinema egípcio, já está preparada para o que der e vier, na questão de Suez. Ei-la quando, próximo ao Cairo, treinava com um fuzil-metralhador. Diz ela que exercício faz emagrecer.



ORSON WELLES, sua esposa Paola Mori, condessa de Giffalco, e o filhinho do casal, fotografados na residência luxuosa em que habitam. Orson Welles coleciona estátuas de Buda, uma das quais é vista entre flores.





Érico Veríssimo

UMA VIAGEM CURIOSA

♦ Aí por volta de 1947 resolvi fazer uma viagem rápida ao Rio Grande do Sul, viagem esta que era apenas de dez dias e findei passando dez meses! O caso é simples. Dois rapazes conhecidos meus, um dos quais sobrinho de Alberto Torres, ex-componente da FAB, haviam organizado uma companhia de transporte. E para isso compraram dois velhos aviões tipo «Catalina», aqui deixados pelas Forças Aéreas Norte-Americanas, após a guerra. A viagem, como já se vê, não direi que era arriscada, porém lenta, uma vez que os ditos aviões iam fazendo todo o litoral até o Rio Grande do Sul. E pegavam, além de passageiros, como é natural, toda espécie de carga que ia aparecendo... Animais domésticos, bichos do mato, engradados, até mudanças...

Ainda hoje não posso esquecer um jovem casal de japoneses do Exército da Salvação, cuja única bagagem era um filho recém-nascido e

um bumbo enorme! A mulher não largava o filho, que mamava à toda hora, enquanto que o marido não se apartava do bumbo! Achei a coisa tão divertida, tão interessante, que durante a viagem tirei uma quantidade imensa de fotografia do casal de japonezinhos. E uma tarde, estava muito bem e despreocupado no quarto de certo hotel meio granfinóide de Porto Alegre, quando lá me apareceu o gerente, muito assustado, dizendo: «Sr. Jorge, está lá em baixo um casal de japoneses... O sr. não vai me dizer que este homem vai ficar hospedado aqui, com aquele bumbo!» Eu achei muita graça no assustado gerente. E desci imediatamente para ver o jovem casal nipão, prometendo ao homenzinho que eles não ficariam hospedados no hotel; que podia descansar, ficar sossegado. O japonezinho, que realmente não se separava um instante daquele curioso, ridículo e enorme bumbo, recebeu-me muito contente. Os hóspedes (e vocês sabem como são esses gaúchos, cheios

As reminiscências do fotógrafo JORGE DE CASTRO, narradas por GASPARINO DAMATA.

de coisas, formais...) é que não despregavam os olhos de nós, espantados... Após algum tempo, o gerente do hotel, de lado, nos observando curioso, o japonezinho com a natural discrição dos orientais, perguntou-me pelas fotografias. Aí aliviei, pois confesso que até então tinha lá as minhas dúvidas, cheguei a pensar que eles queriam mesmo ficar hospedados no hotel... E mandei que esperassem um instante, tomei o elevador, fui lá em cima; apanhei as fotografias, desci e ofereci-lhes algumas cópias de presente. O mais curioso, de tudo, porque essa não esperava! é que ao se despedirem de mim, a japonezinha tirou da bolsa de palha uma cestinha cheia de morangos e me ofereceu. O presente mais barato, mais poético, mais tocante que já recebi em toda a minha vida!

X X X

A primeira pessoa que procurei na capital gaúcha, foi o romancista Érico Veríssimo, que apenas conhecia através de sua interessante obra. O ilustre escritor gaúcho, nessa época ainda não desfrutava do renome internacional, do merecido prestígio de hoje, diga-se de passagem. Os seus primeiros romances — «Clarissa» e o discutido «Olhai os Lírios do Campo» e outros, embora com um sabor bastante local, ressentiam-se porém de uma certa profundidade, de amadurecimento. Os tipos que descrevia, principalmente no segundo, pareciam figuras perdidas, deslocadas, numa cidade cosmopolita, dinâmica, que pouco ou em nada parecia com a que agora visitava. Apesar de a capital gaúcha ter vida própria, tentar ser dinâmica como queria o escritor, com sua aparência e costumes à europeia! Afinal, que me importava a cidade, se depois de cumprida a minha obrigação, meu único interesse era conhecer o gaúcho — do peão ao literato. E enriquecer a minha coleção de tipos?...



Dionélio Machado

O romancista, que morava num dos bairros mais tradicionais da cidade — o Moinhos de Vento, marcou encontro comigo na livreria da Ed. Globo, que fica na rua dos Andradas, mais conhecida como a rua da Praia. O Érico acabara de chegar da praia da Tôrre, onde costumava ir passar todos os anos uns meses com a família. E queimado como estava, o cabelo negro corrido, deu-me a impressão de ter sangue de índio. O que o próprio romancista viria a confirmar, horas mais tarde, quando tomamos a sua camionete, e ele passou a mostrar-me a cidade. O romancista, além de dirigir bem, com segurança, era um «papo» agradabilíssimo. A alegria, a satisfação com que mostrava, descrevia para mim os recantos mais pitorescos da cidade! As residências mais luxuosas da terra, acompanhadas de um ligeiro histórico dos seus respectivos donos! O passeio margeando a lagoa dos Patos, os recantos mais aprazíveis do calmo e silencioso Guaíba... O romancista, apontando para um chalé: «Ali morava uma família alemã muito interessante». «O sr. aproveitou-a para um dos seus romances?» «Acho que aproveitei o velho...»

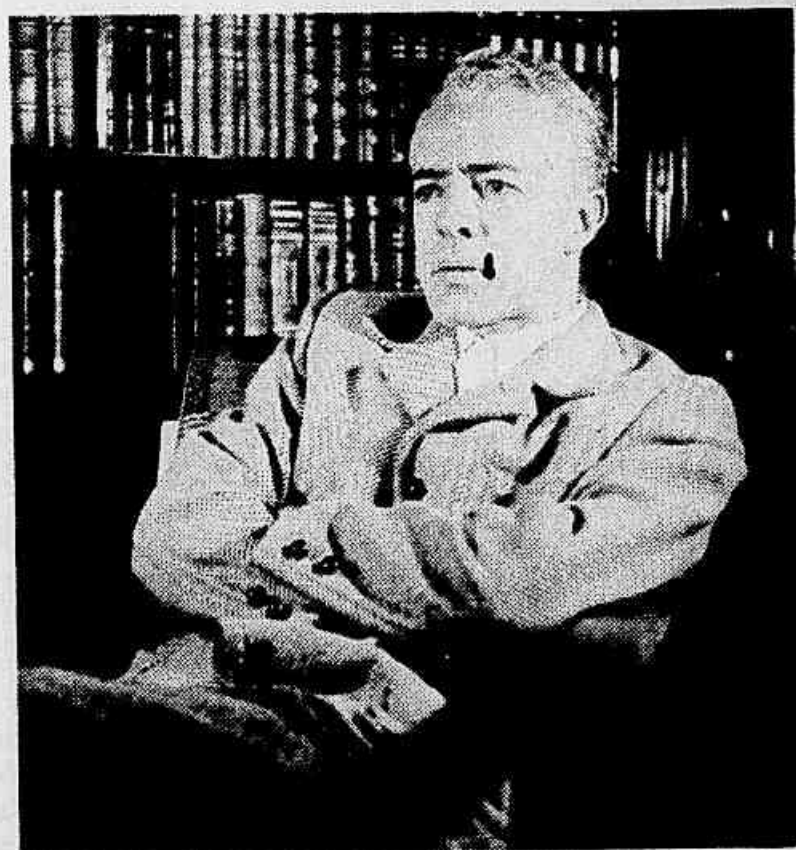
A paisagem em torno da capital gaúcha é exuberante, a terra rica; os guris, filhos de colonos caucasianos, que brincavam no quintal de uma casa, quando viram o carro, correram, meteram por entre as grades os rostinhos rosados. O romancista olhava-os cheio de satisfação, com amor à terra e aos que lutavam pela terra. «São futuros gaúchinhos». E rumamos adiante.

O mais curioso deu-se porém quando de volta paramos um pouco à margem da lagoa; aproveitei então para perguntar ao futuro autor de «O Tempo e o Vento» sobre as pessoas que gostaria de conhecer: por exemplo, o Mário Quintana, o Moisés Velinho, o Guilherme César, o Dionélio Machado, etc. O Érico respondeu-me com aquele seu jeito manso de falar: «Você quer saber de uma coisa, velho? Só vejo essa gente de ano em ano! E assim mesmo quando os vejo! A culpa não é minha não... Você quer um exemplo? O Moisés Velinho... O Velinho mora aqui perto de minha casa. E meu vizinho há vários anos. Pois bem, só nos vemos raramente, assim mesmo na livreria! O Dionélio Machado... bem, esse vive lá para o interior... Agora o Mário não é difícil de você encontrar...» E pondo a máquina em movimento: «O gaúcho é assim mesmo, meio estranho... Um povo quando é amigo é amigo de fato! Mas

muito caseiro, excessivamente reservado, mesmo com os melhores amigos!»

x x x

Alguns dias mais tarde, atendendo a um chamado da «Revista do Globo», que me sabia na terra e desejava contratar-me para uma série de trabalhos (como já disse, vim para passar apenas 10 dias e terminei passando dez meses!) soube, por intermédio do pessoal da redação, do roteiro do Mário Quintana. Um dos rapazes disse, prontamente: «Ah, o Mário Quintana? Bah! é a pessoa mais fácil de ser encontrada nesta cidade, tché! O sr. vai em tal e tal bar, que encontra o Quintana. Aliás o fulano passou agora mesmo por lá e o viu bebericando com uns amigos... O sr. se correr, ainda o alcança lá!» E lá saí eu a tóda, atrás do poeta, que parecia encantado, que todo mundo via ou acabara de ver em tal e tal lugar, mas que nunca me aparecia... E desta vez, como das vezes anteriores, para não fugir à regra (e nesta busca já lá estava eu há mais de vinte e tantos dias!) encontrei o lugar às mósas, vazio. Nem sombra do poeta! O garção, quando indaguei



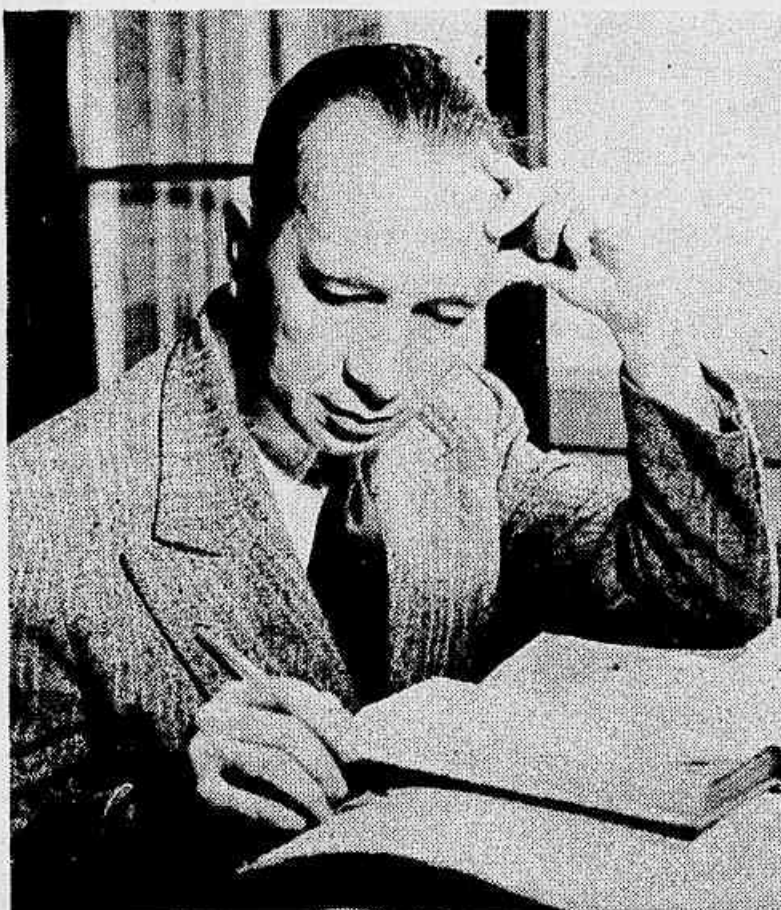
Moisés Velinho

é que, em cima de uma cristaleira, havia um ovo de ema, que segundo a dona da pensão, tinha mais de vinte anos. Ai um dos rapazes, um pouco mais «alto» que os outros, agarrou o bicho e jogou para um companheiro; este, por sua vez, jogou-o para outro... e assim se estabeleceu a brincadeira. Aconteceu que, quando eles estavam no melhor da coisa, alguém jogou o ovo para o Quintana. O poeta, não sei lá como foi, deixou o bicho cair... E o ovo quebrou-se, sujando-o todo, espalhando imediatamente uma fedentina insuportável, que deixou todo mundo doido. Ai cada um procurou safar-se!...

E que faz o Quintana? Saiu correndo atrás do pessoal de escadas abaixo, pela rua afóra, entrando e saindo pelos bares, numa algazarra, numa risadaria doida! Vocês que conhecem bem Porto Alegre, que sabem como é o gaúcho, por aí podem avaliar o escândalo...

O tempo que permaneci na capital gaúcha foi por sinal uma das melhores fases de tóda a minha vida; pois o gaúcho, apesar de ser um povo um tanto provinciano, mesmo ainda hoje, é uma gente que quando é amiga... é amiga no duro! E tive várias provas disto! As minhas relações com Mário Quintana, por outro lado, estreitaram-se, apesar de o autor de «Sapato Florido» ser por natureza uma criatura extremamente reservada. O poeta, nesta época, andava aferrado na tradução, para a Ed. Globo, da obra de Marcel Proust: acabara de traduzir o primeiro volume — «No Caminho dos Swann» e dava início a tradução do «A Sombra das Raparigas em Flor», trabalho que considerava um martírio, — «o seu inferno», dizia-me.

O poeta passava até o meio da semana pelos bares, bebericando; mas quando ia se aproximando o sábado... ninguém dava mais notícias de Mário Quintana! Acontece que (isso me contaram, vendo pelo preço de fatura!) o poeta começou metendo vales e mais vales, e nada de entregar o trabalho. Ai os editores passaram a usar o seguinte método de pagamento, para o tradutor fujão de suas obrigações: só podia meter outro vale aos sábados pela manhã, mas entregando antes tantas e tantas páginas!... E só assim o trabalho progrediu, a obra de Marcel Proust pôde afinal ser lançada em português, do contrário o poeta passaria o resto da vida percorrendo descansadamente os caminhos de «chez Swann»!



Mário Quintana

sobre o poeta, respondeu-me meio espantado: «Pois se há mais de dois meses que este homem por cá não aparece, senhor! Alguém ou deve ter-lhe informado errado, ou viu pessoa parecida; ou então deve ter visto a alma do Quintana!»

O meu encontro com o poeta deu-se pura e casualmente. Um dia, já trabalhando para a revista gaúcha, acompanhei o pessoal da redação a uma determinada pensão, cuja dona primava no preparo de «galleto al primo canto», e por preço bem camarada. E quem encontro lá? O Mário Quintana! Um dos rapazes, logo que o vi, apontando-o, disse: «Ai está o homem quimérico que tu tão ansiosamente procuras, ó Jorge! O autor de «A Rua dos Cataventos» era um indivíduo meio calvo, de estatura mediana, cabelos cor de milho bem penteados para trás, muito tímido; os olhos azuis, miúdos, mais pareciam duas contas...

O resultado deste almôço foi o mais improvável possível; para melhor simplificar, acabou numa bebedeira dos diabos! O mais engraçado



Guilhermino César



OBA! É Consuelo Leandro que descobriu São Paulo e São Paulo está rindo as suas custas! (Zilco Ribeiro).

♦ A noite sempre foi um convite. O homem comum — esse que hoje sofre com a greve dos ônibus, a própria greve, noutros tempos, teve sua vez. Vivendo vida de rotina, uma vez por outra podia fazer a estravagância de ir a uma «bolite», assistir a um bom «show» ou a uma cantora de cartaz. A noite está aí fora e eu desafio esse homem comum a ir ao encontro dela sem um desastre financeiro certo. Ele e muitos. Resta-lhes então pouca coisa a fazer, quando o sol descamba e Júlio Lousada já rezou a sua Ave Maria regulamentar. Um cinema de bom filme

Isso era por volta de 1942. O Cassino da Urca tinha a música de suas roletas em orquestrações bem fortes. Uma infinidade de «shows» ali aconteceram, bem como os maiores cartazes do mundo por ali desfilarão. Naquela época não havia essa sofreguidão dos donos em querer que tudo fosse «elogiado sob pena de demissão do jornal a quem pertence». A época era outra. Mais branda e mais branca. Não havia tanto cronista noturno, em compensação, a média com pão e manteiga custava 400 réis e a canja do «Café Universo» por 4 mil réis enchia o estômago dos boêmios sem maiores problemas. Esta fotografia é daqueles tempos bons, quando havia no palco moças bonitas e

CUIDADO! PERIGO!

Fernando LÔBO

— apontado pelos variados críticos: um teatro de revista alegre ou uma peça teatral que também a crítica apontou como de boa qualidade — ou então enfiar-se no pijama sem riscas e assistir a programas de televisão, tudo é programa. Nas suas mãos e a sua vontade ele tem a crítica do que procura dentro da noite, como um guia certo. Um filme péssimo apontado como péssimo é porque é péssimo mesmo. Uma peça de teatro água com açúcar, é assim dita por toda a imprensa especializada neste gênero. Não há pois o perigo de uma saída pela noite à dentro com o risco de não só ver dinheiro sumir como também gastar horas em vão. Quanto as nossas variadas «bolites», nem vale a pena tocar neste assunto! O «show» mais mediocre que certo cidadão faça suspender nos seus paços é endossado por um grupo e elevado a categoria de espetáculo «maior que qualquer coisa apresentado em Nova York ou Paris». E o homem comum lê e fica seduzido. Uma artista que chega, cuja fotografia é exibida nos jornais com argumentos lobebrigidianos uma vez de perto, é mais uma Mistinguete nos últimos dias, mais uma mentira que a maior parte da crônica aponta como fenômeno! E aí de quem falar mal do que é das «bolites» nestes dias de agora! Mr. Eco foi fazer isso e se deu mal na gahada. Foi para rua e o «rei da noite» se banquetear com seus «meninos», e entre um picadinho e um doce de abóbora, traça planos para futuros «lançamentos». Seria bonito se as companhias cinematográficas, bem como os empresários teatrais ameaçassem a imprensa de só anunciarem nela se todo o informativo de suas apresentações fosse dado como bom! Seria um bom começo de fim! A lei de imprensa está chegando e quem



MARIA CRISTINA depois de ter apertado o cinto está agora no «Tutu a Mineira» (T. Jardel).

sabe se ela não irá até lá. Vamos aproveitar enquanto ela não está ainda bem ajustada e dizer bem alto aos que estão em casa, aos homens simples que não trocam a noite pelo dia mas que têm no peito a curiosidade ou a ansiedade de uma noite alegre: não sigam o caminho apontado pelos cronistas elogiosos. Creiam no que dizem uns bem poucos e não se arrisquem aos assaltos de certas casas que se dizendo gráficas são mais perigosas que meia noite na Praia do Pinto. Sim, porque o «rei» reina no seu domínio e dentro dele não há Cosme e Damião. Há Leão e Leão.

O Show de Ontem

na mesa um uísque honesto por 12 cruzeiros. Agora tudo é diferente. A noite é coisa morta. Mas vamos deixar a saudade

para lá e descobrir quem está na fotografia. A memória só me aponta: Alvarenga, Linda Batista, Ranchinho, Matilde Broide (?) e Wilson de Andrade.



ROTEIRINHO

O «show» que há tanto e tanto anuncia o «Night-And-Day» até o presente momento está sendo anunciado como «Rio... de Janeiro a Janeiro». É de Haroldo Barbosa este título. ★ A revista de Sérgio Porto e Nestor de Holanda (Teatro de Alumínio de São Paulo) estrelada por Dorinha Duval vai ser: «T Ver para Crer». ★ Amália Rodrigues sem compromisso no Copacabana. ★ Regine Roche está no «Le Carroussel».



O CHEFE da tribo chama-se Sam Willis, e desce em linha direta do grande chefe Osceola, que, segundo dizem, foi morto de emboscada pelos brancos, durante a guerra do ano de 1842.

OS SEMINOLES

UM POVO DIFERENTE

MULHER SEMINOLE, vestida em típicas roupas, prepara a comida — certamente fornecida pelo marido, que na véspera saíra para caçar. A tribo indígena dos Seminoles habita na Flórida.

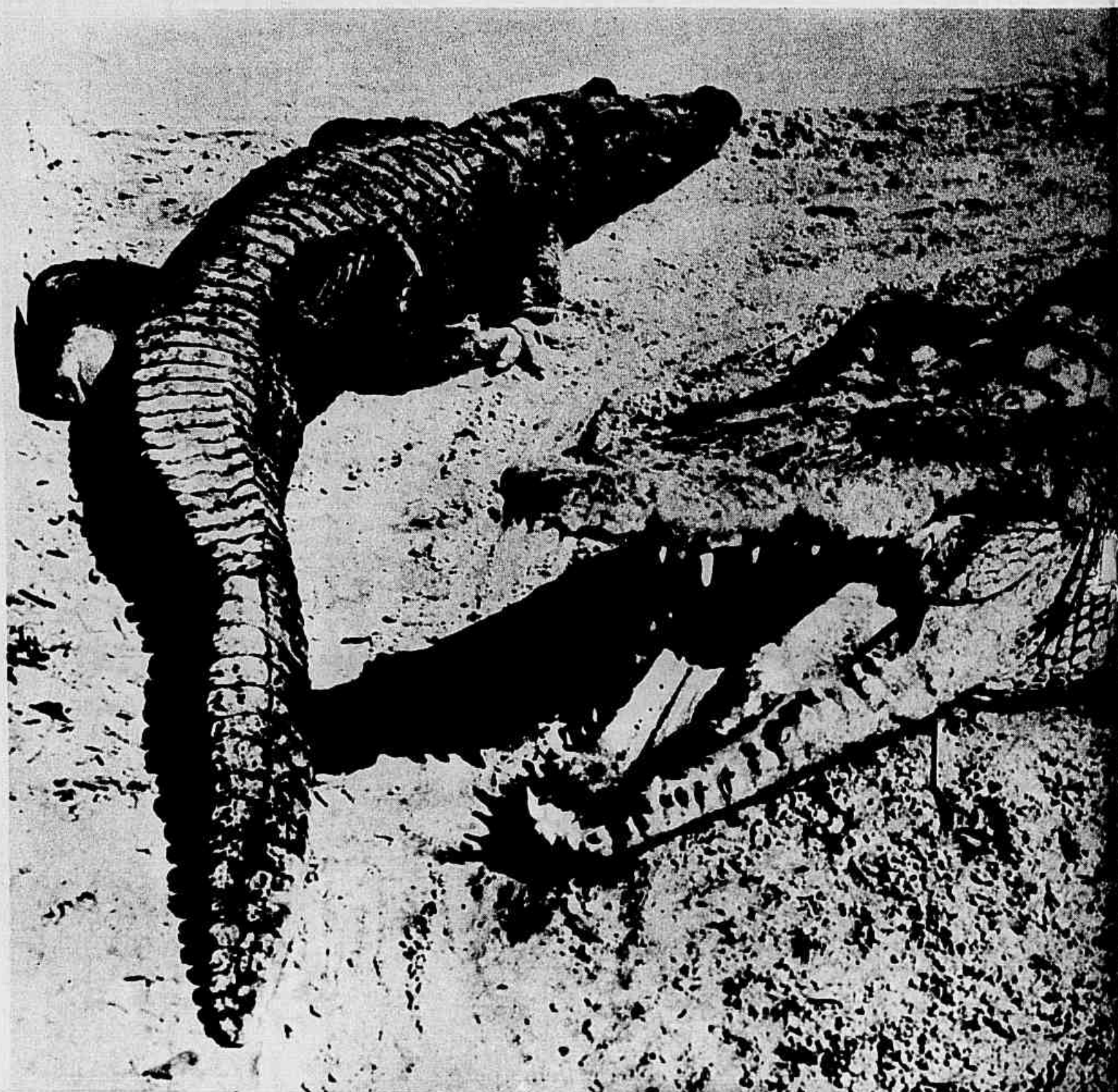




Entre los primitivos y los modernos
hay una gran diferencia. El uno
se contenta con lo que le da la vida,
el otro quiere más y más.

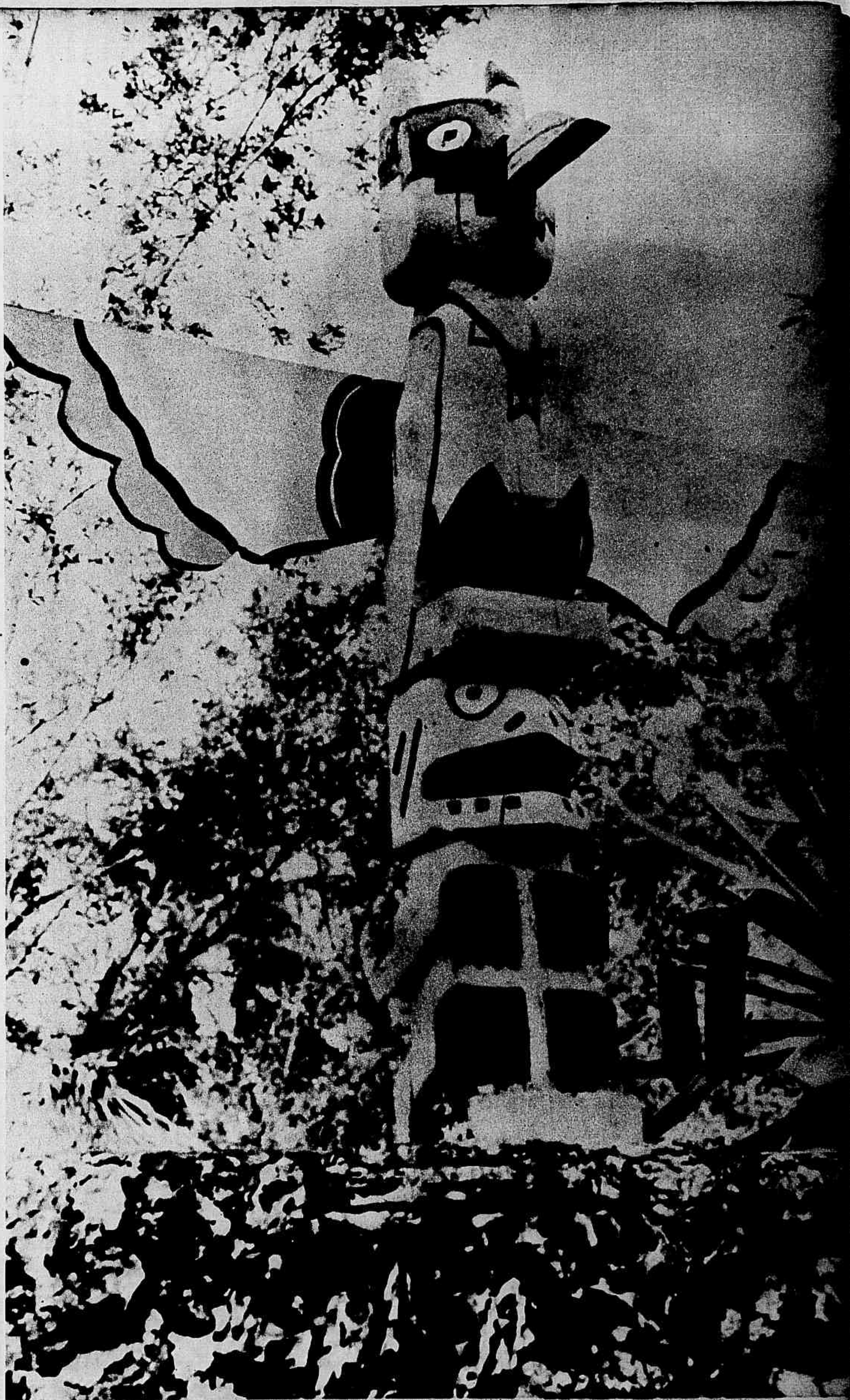
OS SEMINOLES

Los seminolas son un pueblo
que vive en la Florida. Son
un pueblo muy interesante
por su historia y su cultura.



OS ANTEPASSADOS dos seminóis
erigiram telas como ídolos, que ain-
da podem ser vistas, em grande nú-
mero, próximo ao local em que vivem
ainda hoje os remanescentes da tribo.

OS HOMENS e mulheres que mos-
tramos nessas páginas, entregues
a seus afazeres habituais, em suas
residências, às voltas com seus
deuses primitivos, lidando com
suas tóscas armas e em suma,
vivendo, amando e morrendo, são norte-
americanos, porém, perante a lei dos Es-
tados Unidos da América do Norte, não
existem: não são, pois, cidadãos norte-
americanos. São índios da velha tribo
Seminole, habitantes da Flórida, onde já
os foram encontrar os primeiros conqui-
tadores brancos da região. Se não são
cidadãos norte-americanos, é porque os
seminóis, povo altivo e independente ao
extremo, jamais reconheceu a autoridade
do governo de Washington sobre a sua
tribo. E não existem, oficialmente, porque,
há muito tempo, a tribo seminole deslo-
cou-se, por completo, para o Território In-
dígena, só ficando na Flórida alguns pou-
cos rebeldes, escapes à terrível guerra
dos seminóis, no já distante ano de
1842. Os seminóis possuem sua própria
e complicada língua, têm costumes que
divergem quase que por completo do dos
demais peles-vermelhas, porém não co-
nhecem, nem fazem questão de conhecer,
qualquer sistema de escrita. De geração



**ELES SÃO NORTE-AMERICANOS, MAS... ★ DO GRANDE
CHEFE OSCEOLA (MASSACRADO PELOS BRANCOS EM
1842) ATÉ AO ATUAL CACIQUE SAM WILLIS, OS HÁBI-
TOS DA TRIBO POUCO SE MODIFICARAM ★ AS MULHE-
RES TRABALHAM ENQUANTO OS HOMENS DORMEM...**

UM POVO DIFERENTE



NA MAIS completa promiscuidade vivem, na Flórida, diversas famílias Seminoles. Como são acontecer entre os indígenas, as mulheres sempre trabalham, enquanto os homens descansam...

em geração seus costumes são conservados, passando de uma para outra como um precioso dom, que deve ser mantido a qualquer preço fora da esfera de influências do homem branco. Os homens são grandes caçadores, e quando não se entregam à tarefa de encher com caça graúda as dispensas de casa, divertem-se a caçar os pequenos caimões, que infestam a Flórida. As mulheres são bordadeiras de mancheias, e os turistas sabem apreciar os seus serviços delicados e rápidos. A caça do caimão não é brincadeira. Os seminóis caçam-no à maneira antiga, usando apenas uma faca para deter o animal, liquidá-lo e esfolá-lo — tudo em uma fração de segundos. São homens fortes e valentes, habituados a toda sorte de perigos — e certamente o povo mais estranho dos Estados Unidos. (Fotos L. N. S.)

NOVAMENTE o chefe da tribo, Sam Willis, aqui manejando o arco e flecha — que em suas mãos se torna uma arma temível. Ele ainda guarda ressentimentos de seus irmãos «cara-pálidas»...



COMERCIAIS NA TV

SPECTATOR

♦ E' Rudy Bretz, um dos principais produtores para TV nos Estados Unidos, quem sugere alguns princípios que devem ser seguidos na elaboração de comerciais a serem televisionados. Todas as regras são bastante simples e lógicas a tal ponto que ao lê-las conclui-se que mesmo os indivíduos não especializados no assunto têm plena percepção da utilidade dessas informações. Infelizmente, porém, com frequência vemos em exibição no video propagandas que estão em completo desacôrdo com esses princípios básicos.

1 — Especialmente para aqueles que estão acostumados a escrever anúncios que se destinem ao rádio é muito difícil redigir um texto que possa ser exibido na TV em um minuto e que seja bastante objetivo. E' bom ter sempre em mente que o espectador está constantemente impaciente aguardando o próximo entretenimento que lhe será proporcionado, e, portanto, só prestará atenção à propaganda que for muito bem preparada.

2 — O comercial apresentado sob a forma cômica, principalmente através de desenhos animados, produz muito maior efeito do que o que é apenas narrado.

3 — Os comerciais ao vivo devem ser muito bem planejados, inclusive tendo em vista a moça ou rapaz que irá apresentá-lo. Nada é mais desagradável para o telespectador do que ter à sua frente os propagandistas embaraçados, visivelmente nervosos, procurando constantemente ler o que estão dizendo.

4 — Não são os anúncios demasiado prolongados os que trazem maior lucro, por melhor confeccionados que sejam. Em TV o tempo, justamente por seu alto valor, tem que ser aproveitado ao máximo. Tudo deve ser feito com bom gosto, de maneira clara, objetiva e dinâmica, desde a composição dos cenários até às demonstrações e a narração dos propagandistas.

O número de audiência de determinados programas em Los Angeles poderá ser controlado de meio em meio minuto, durante toda a transmissão, através de um aparelho aperfeiçoado por uma firma especializada dessa cidade. O invento é capaz de reportar a um centro, em cada meio minuto, o que se está localizando em 20.000 aparelhos receptores espalhados pelo país.

A NBC e a CBS estão muito interessados no invento que, embora ainda esteja em fase de experiência, poderá funcionar normalmente dentro de seis meses.

E' fácil imaginar-se a grande utilidade que apresentará esse contróle para as principais estações de TV norte-americanas, uma vez que



Fred, Carequinha e Horácio por muito tempo continuarão a alegrar os espectadores mirins do Canal 13, pois renovaram contrato com essa emissora.

Do Exterior

elas poderão fiscalizar com bastante segurança a audiência dos seus mais importantes programas, para efeito de publicidade, o que não é possível com muita eficiência através dos costumes inqueritos utilizados até agora para esse fim.

★

Os artistas cinematográficos norte-americanos continuam obtendo grande sucesso na TV. Doris Day fará em Hollywood um «show» colorido com uma hora de duração, televisionado, durante o qual serão tomadas cenas aproveitadas

no seu mais recente filme «Julie». Dessa maneira a CBS levará aos telespectadores um magnífico programa e os produtores do filme aproveitarão o trabalho da estrela.

★

Red Skelton tem apresentado com grande sucesso vários programas cômicos na TV. Ainda recentemente produziu um «Robin Hood» que teve como principais intérpretes, vivendo o papel dos bandidos, nada menos que John Carradine, Sterling Holloway e Billy Gilbert. Não é preciso dizer que o programa obteve pleno agrado junto ao público...

NOTÍCIAS DO CANAL 13

«Festival de emoções», programa que conta com a colaboração de Madeleine Rosay, José Acrísio, Lamartine Babo e outros elementos de valor, tem ainda a abrilhantar as suas exibições atrações de destaque como Maria Helena Raposo e o «Trio Paraguai» que alcança sempre grande sucesso, todas as vezes que aparece ante às câmaras.

★

Dentro do programa «Destile Tele-Neno» deverá ser realizado em breve um concurso no qual se pretende selecionar entre as candida-

tas, uma cantora que será contratada em rádio e televisão durante três meses ou mais. A produção será entregue a João Loredi, que desse modo presenteará o Canal 13 com mais um novo elemento, como aconteceu após a finalíssima do concurso «Garôta propaganda».

Essas iniciativas de João Loredi são bastante louváveis, não só pela oportunidade que oferecem a elementos promissores e que somente aguardam o momento oportuno para aparecer, como também para a TV-Rio, que pode contar no seu elenco com figuras de valor, selecionadas após criteriosas provas.

O QUE HÁ PELA TV-TUPI

Maurício Sherman é sem dúvida um dos elementos de maior destaque na TV-Tupi. Seu talento já há muito vinha sendo comprovado pelos telespectadores; pode agora, no entanto, ser notado com muito maior campo nos papéis em que Sherman vem aparecendo em programas feitos exclusivamente através de mimica, como «Ele e o seu cigarro» e «Tragédias de bolso», nos quais o ator transmite aos espectadores tudo o que lhe passa no íntimo, através de excelentes expressões fisionômicas. Grau dez para Maurício Sherman!

As aulas de ginástica ministradas pelo coronel Pereira Lira, auxiliado por professores que executam os exercícios especialmente destinados ao sexo masculino ou feminino, continuam obtendo o maior agrado junto ao público.

Valoriza em muito essas apresentações a nua os exercícios com ritmos adequados, que acabam por incentivar mesmo aos espectadores que já se encontram um pouco «enfierrujados», a seguirem os movimentos que são exibidos no video.



Sempre com sucesso Jair Alves continua participando de vários programas do Canal 6.

A ÚLTIMA CAÇADA



— «VOCÊ GOSTA DE CHARLES?» — PERGUNTA ELE A INDIA, CUJO MISTERIOSO SILÊNCIO CONTINUA.

SANDY cortou os cabelos e, em seguida dirigiu-se ao hotel, onde tomou um banho com água quente. Depois passou água de colônia no corpo, mas não conseguia se livrar do cheiro de búfalos de que estava impregnado. Vestiu sua roupa nova e foi para o bar onde bebeu bastante. Ao seu redor, caçadores de búfalos e empregados da estrada de ferro conversavam e bebiam alegremente.

Uma moça aproximou-se de Sandy e pediu que ele lhe pagasse um «drink». Sandy pagou o primeiro, mas recusou-se a pagar o segundo. Estava sombrio e sentou-se com seu copo na mão, profundamente preocupado com qualquer coisa. Tentou evitar conversa com quem quer que fosse; mas dois fortes, barbados e sujos caçadores de búfalos começaram a provocá-lo. Disseram algo sobre a sua roupa e sobre o cheiro de búfalos que dele rescendia.

— Você cheira a cortador de pele de búfalo. Exatamente como nós — disse um dos caçadores.

De repente, Sandy bateu-lhe violentamente com o pulso no rosto.

— Não seja mentiroso. Eu não estou cheirando a búfalo — disse ele. — Não andei agarrado com búfalos.

Quando Sandy lançou por terra o primeiro caçador, um segundo avançou contra ele. O dono do bar interveio, e Sandy desferiu-lhe um tremendo golpe na cabeça. O chapéu de Sandy saltou fora da cabeça. O paletó estava rasgado e a camisa ensanguentada. Ele estava embriagado, mas suportou a luta. Dava socos e recebia

socos, mas o torpor da bebida não o abandonava. Seus olhos brilhavam. Sandy julgava que estivesse lutando contra Charles.

— Continua, Charles! — Exclamou ele, derubando o caçador com um sóco no rosto.

Em seguida, agarrou-se ao balcão.

— Que tal este sóco, Charles? Ainda continua pensando que eu sou um caçador de búfalos?

— Você está enganado, senhor. Eu não me chamo Charles.

(THE LAST HUNT)

CAPITULO IV

ELENCO

Charles Gilson	ROBERT TAYLOR
Sandy McKenzie	STEWART GRANGER
Woodfoot	LLOYD NOLAN
A Índia	DEBRA PAGET
Jimmy	RUSS TAMBLYN
Peg	CONSTANCE FORD
Ed Black	JOE DeSANTIS

Dirigido por RICHARD BROOKS — Produzido por DORE SCHARY.

Em CinemaScope, Technicolor, da M.G.M.

Sandy soltou o homem e se pôs de pé. Depois apanhou o seu chapéu amarrotado, colocou-o na cabeça e olhou para os três homens que haviam sido vencidos por ele. Retirou-se do bar.

Quando Sandy voltou ao acampamento percebeu logo que algo estava errado. Não havia ninguém à sua espera. Nenhum movimento e nenhum ruído dentro. As varas onde estavam estendidas as mantas de carne se achavam nuas. As peles tinham desaparecido. As cinzas do improvisado fogão estavam frias, frias há bastante tempo. O silêncio era absoluto. Todos haviam partido.

Depois de alguns instantes ouviu um som fora. Era Woodfoot montado numa mula. Este comunicou a Sandy que haviam mudado o acampamento.

— Foi idéia de Charles. Ele está agora na caverna. Lá há muito conforto.

Woodfoot ofereceu um «drink» a Sandy e disse que não mais esperava vê-lo.

— Por que você vai embora? Você o detesta, não é?

— Eu não sei ao certo. Sim, tenho horror a ele. E sinto-me também responsável por ele. Sinto muita pena. Mas, suponho que o compreendo, suponho...

— Mas compreendê-lo não basta para que ele pare de matar — continuou Woodfoot, com ar meditativo.

— E' provável que não.

— Você não vai evitar que ele pare de cometer crimes, vai?

— Sim. E vou libertar a mulher também.

— Como? Não é com o revólver, não? Vai

◆ RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Charles, o caçador de búfalos que tem mania de matar, realiza uma caçada com o pacífico vaqueiro Sandy. Os dois homens estão acompanhados de Woodfoot, famoso tirador de peles de búfalos, e de Jimmy, jovem de meio sangue índio. Quando suas quatro mulas são roubadas pelos índios, Charles persegue os ladrões e mata a todos, exceto uma mulher que leva consigo uma criança. Charles faz ver a todos que a mulher é sua propriedade exclusiva. Sandy mata um búfalo branco, cuja pele vale muito dinheiro, mas Jimmy recusa-se a tirar-lhe a pele por ser esse animal objeto de adoração religiosa dos índios. Quando um índio amigo de Jimmy oferece seus dois cavalos pela pele, Charles não aceita a proposta e mata o índio em duelo. Jimmy sepulta o amigo. Porém, a mulher rouba a pele e esconde para evitar que a mesma seja vendida. Sandy vai à cidade vender as peles e lá descobre que a branca havia desaparecido. O negociante comprador conhecendo o temperamento do companheiro de Sandy, pede que este tenha muito cuidado quando for dizer a Charles como não encontrara a ambicionada pele.

pedir que ele se torne um bom rapaz? Filho, veja as coisas com realismo: ele é louco, completamente louco. E só morrerá depois de matar muita gente. E ele quer aquela mulher... só para apertá-la e fazê-la gritar. Não é outra coisa que ele faz. E suponhamos que a mulher goste da situação em que se encontra?

— É o que descobrirei, e logo — disse Sandy.

No novo acampamento, Charles estava sentado perto de uma lâmpada de óleo, limpando o seu rifle desmontado. Ao lado, a índia costurava, sentada.

— Não sabe falar? Não quer aprender a falar? Não sabe sorrir, também? — disse Charles.

A mulher não lhe deu resposta. Continuou costurando.

Quando Charles ouviu a voz excitada de Jimmy, cumprimentando Sandy, ficou rubro. Correu para fora, todo feliz por ver Sandy de volta.

— Fomos obrigados a nos mudar — disse ele. — Os búfalos começaram a fugir. Grandes manadas pareciam ir embora. Ainda existem alguns por aqui. Mas em pequenas manadas. Cinco, dez, vinte, trinta no máximo. — Solto uma gargalhada. — Mas eles voltarão. Agora que você está aqui, eles voltarão.

Da entrada da caverna, a índia olhava para Sandy, com olhar estranho. Depois saiu e, silenciosamente, começou a preparar comida para Sandy.

— Índia muda — disse Charles. — Qualquer dia dêsses vou ensiná-la a falar. — Bateu com a mão no joelho de Sandy e solto outra gargalhada. — Bem, quanto em dinheiro você apurou?

— As peles e as línguas renderam mil dólares. Eu gastei setenta. Ed Black comprará quantas nós tivermos.

— Que bom! — Disse Charles. — Mas isto sem contar com a pele branca. Quanto rendeu

aquela belezinha? Aposto que mais de dois mil.

Sandy ficou em silêncio.

— Você não vendeu-a por menos, não é verdade? — Insistiu.

— Eu não levei-a — disse Sandy após uma pausa. — Desapareceu. Não estava com as outras peles.

Charles saltou nas pontas dos pés com o revólver na mão:

— Você é um mentiroso!

Sandy sentou-se calmamente, esperando o tiro. Woodfoot e Jimmy também. Somente a mulher moveu-se. Ela apanhou a faca de cortar carne e partiu para Charles que estava de costas.

— Você está me roubando — disse Charles. — Você colocou as peles dentro da carruagem. Ajudado por ela... por ela... — parou de falar voltou-se, e viu a mulher em pé próximo.

Pela primeira vez, Sandy ficou alarmado. Charles dirigiu-se para a mulher:

— Você roubou a pele, não foi? Responde!

Ela estava apavorada e tremia. Com extrema violência, Charles bateu-lhe com o pé.

— Foi você quem roubou a pele?

— Como você sabe que não fui eu? — Perguntou Woodfoot.

— Pode ser que eu tenha vendido, Charles — disse Sandy.

— Talvez o búfalo tenha vindo buscar de volta a sua pele — acrescentou Jimmy.

— E como podemos saber que você mesmo guardou-a para si? — perguntou Sandy.

Charles recuou, olhando para um e para outro. Seus dedos seguravam o cabo da pistola. De repente, virou as costas e entrou na caverna.

Nos dias que se seguiram, a temperatura bai-

xou sensivelmente. Charles fazia suas incursões sozinho a procura de búfalos.

— Só apanhei um búfalo — disse ele. — Andei o dia inteiro. Ouvi o barulho que faziam, mas não consegui nada mais. Por que? Que é que há com eles agora?

Em seguida, voltou-se para Sandy e acusou-o de haver passado quatro dias caçando e não matar um só búfalo. Depois, acusou Sandy e a índia de terem vendido a pele branca. Estava agitado. Entrou na caverna e insistiu para que a mulher lhe dissesse o que havia feito da pele. Como ela nada respondesse, Charles começou a espancá-la. Bateu impiedosamente. Do lado de fora, Sandy, ao ouvir o barulho puxou sua faca e olhou para a entrada da caverna. Mais alguns instantes, Charles saiu, e Sandy começou a amolar a faca na pedra.

— Se você tocar nessa mulher de novo, eu o matarei, Charles — falou Sandy, calmamente.

— Você tentará, isto sim.

— Certo. Eu tentarei.

Neste instante, ouviu-se ao longe uma trovada no solo. Começou em cima da colina e veio descendo, pesadamente. Charles apurou o ouvido, e imediatamente esqueceu a raiva.

— Búfalos! Ouve! São milhares, são milhares! Eles estão de volta. Bem que eu disse.

E dirigiu-se, correndo, para o curral dos animais.

— Vou logo entrar em ação.

Os três homens olharam simultaneamente para Charles.

— Ele está doido — disse Woodfoot.

Os homens sabiam que ia suceder com Charles o mesmo que acontecia a muitos caçadores de búfalos. Ouviam o estouro da manada, corriam e acabavam sendo envolvidos pela poeira levantada.

(Continua no próximo número)



Com a faca na mão, Sandy fará com que Charles não maltrate a mulher. Inesperadamente, ela cruza o seu destino e parece amá-lo profundamente.

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros.

Record

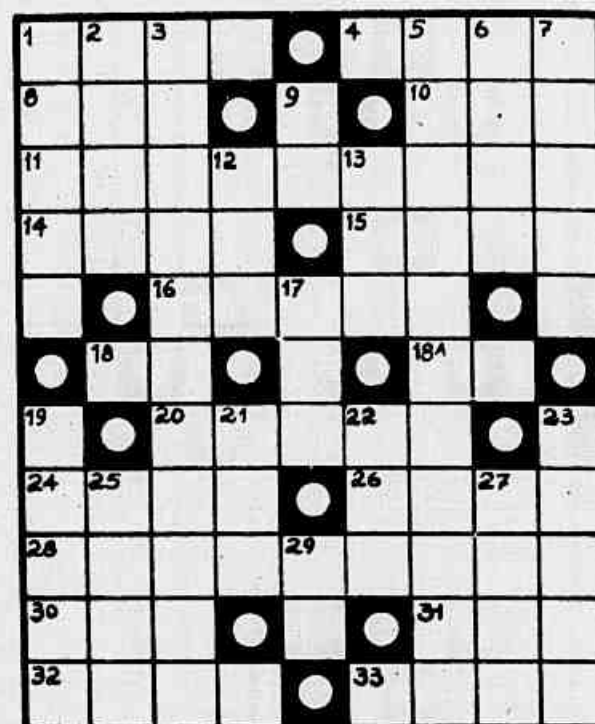
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 143

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Covil de veado — 4. Oração — 8. Pequena moeda persa — 10. Órgão secreto — 11. Mitiga — 14. Nome de homem — 15. Também — 16. Considerem — 18. Nota musical — 18A. Desinência verbal — 20. Proíbe — 24. Derrotei — 26. Alinhada — 28. Amotina — 30. A toca dos animais — 31. Rio da Inglaterra, afluente do Lea — 32. Terra inculta que passa a ser cultivada — 33. Refreia.

VERTICAIS: — 1. Gelo à superfície da água dos tanques (pl.) — 2. Gênero de plantas aróideas — 3. Desventura — 5. Instrumento que serve para cálculos aritméticos — 6. Combate — 7. Malhado de preto e branco — 9. A origem de todas as coisas — 12. Admite — 13. Aventura — 17. Nome dado pelos hindus às idades do mundo — 19. Assusta — 21. Cidade e porto da Somália italiana — 22. Espécie de sapo — 23. Templo muçulmano em Meca — 25. Ajustar — 27. Pequeno papagaio — 29. Nota musical.

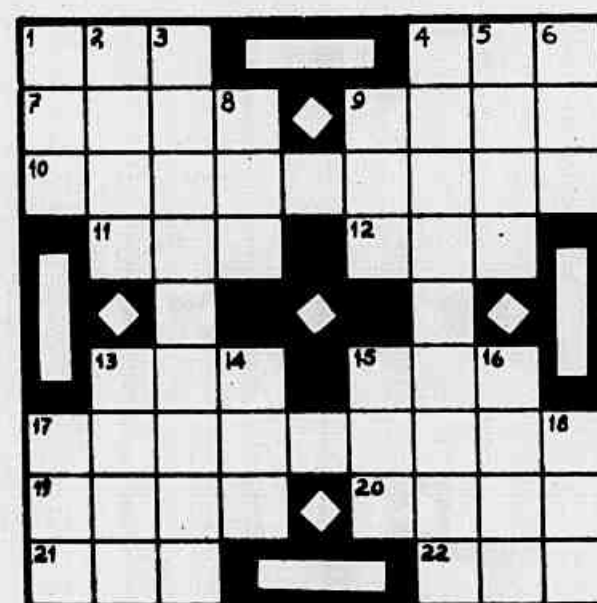


Chenit - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Uma centena — 4. Mil e cinqüenta e um romanos — 7. Querer bem — 9. Perversos — 10. Pessoa que faz licores — 11. Escarnecer — 22. Pinha — 13. Rema para trás — 15. Atuei — 17. Doce de marmelo — 19. Ligai — 20. Lavrar — 21. Chefe etíope — 22. Membro empenado das aves.

VERTICAIS: — 1. Óxido de cálcio — 2. Chefe de algumas tribos muçulmanas; o mesmo que amir — 3. Árvore rosácea, cujo fruto é a maçã (pl.) — 4. Triturara com os dentes — 5. Briga, combate — 6. Nome de mulher — 8. Grande porção — 9. Dá miados — 13. Busca — 14. Aranha amazônica — 15. Fileira — 16. Jornadas, partidas — 17. Oceano — 18. Pedra do altar.



Chenit - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 142

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: gará — ocna — ata — Ain — reso — rulo — futurosos — orega — ota — apeda — comemorar — aral — rami — Tad — rua — arar — cáos.

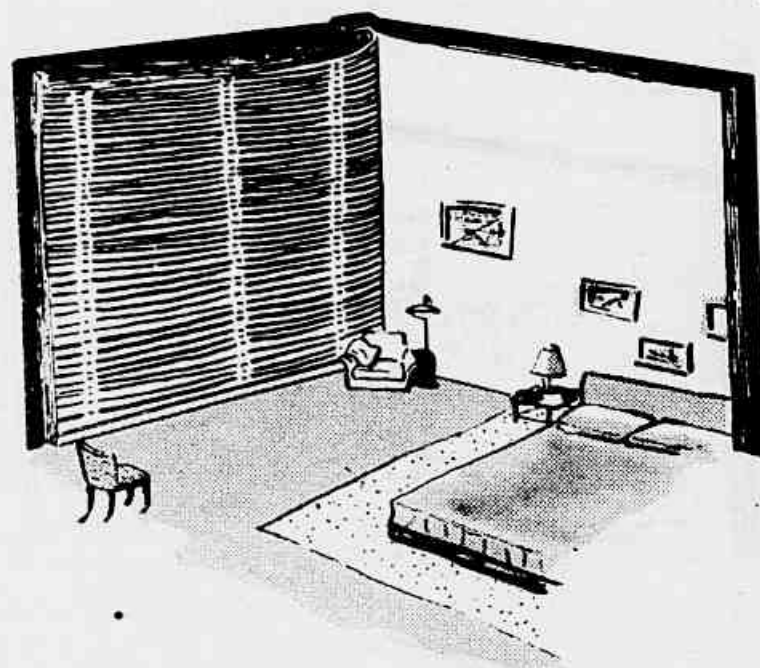
VERTICAIS: garlo — ateu — rasto — causa — nilo — anoso — ouro-pel — rogador — retém — acata — amada — arará — árias — orar — amuo.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mula — ucas — Ari — ora — cara — aram — ataca — ira — trará — atoa — amir — mal — ama — alas — orar

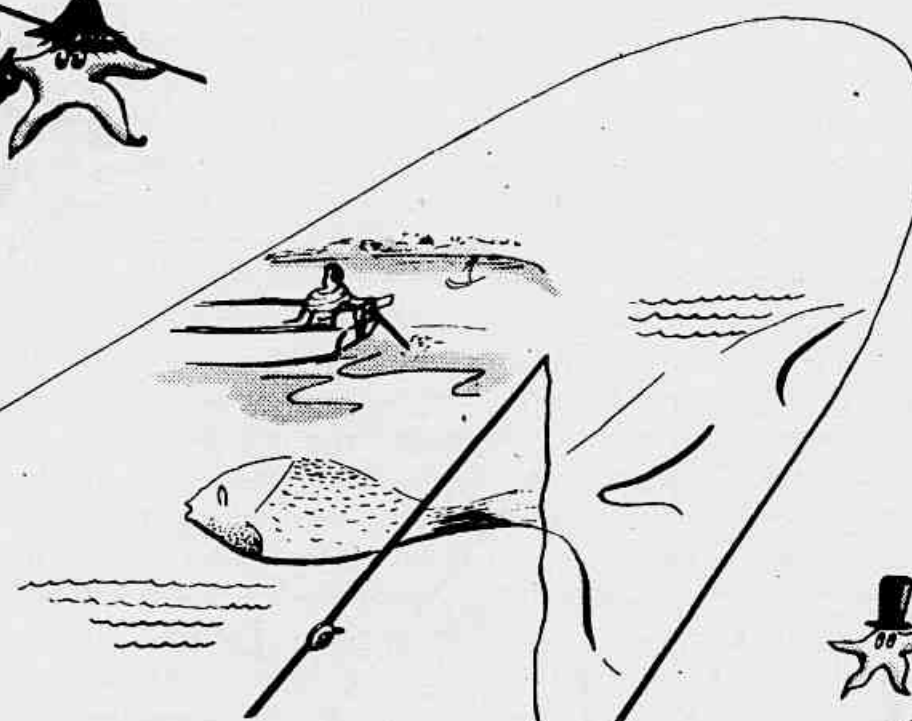
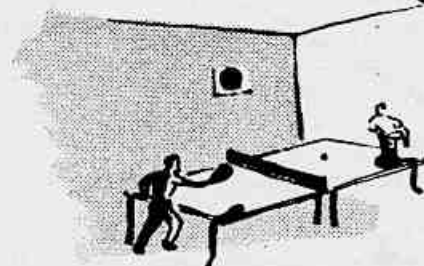
VERTICAIS: maca — ura — lira — ara — sama — atira — acarã — ara — cama — tola — amar — irar — tal — ima.

O que lhe oferecemos



Apartamento com vestibulo, dormitorio, banheiro, completamente mobiliado, atapetado e cortinado.

O Hotel Beira-Mar assegura para sempre o gozo de suas férias, graças ao plano econômico de quotas-partes de propriedade mobiliária



Preço de 25 mil cruzeiros com 2 mil cruzeiros de entrada e 46 prestações de :

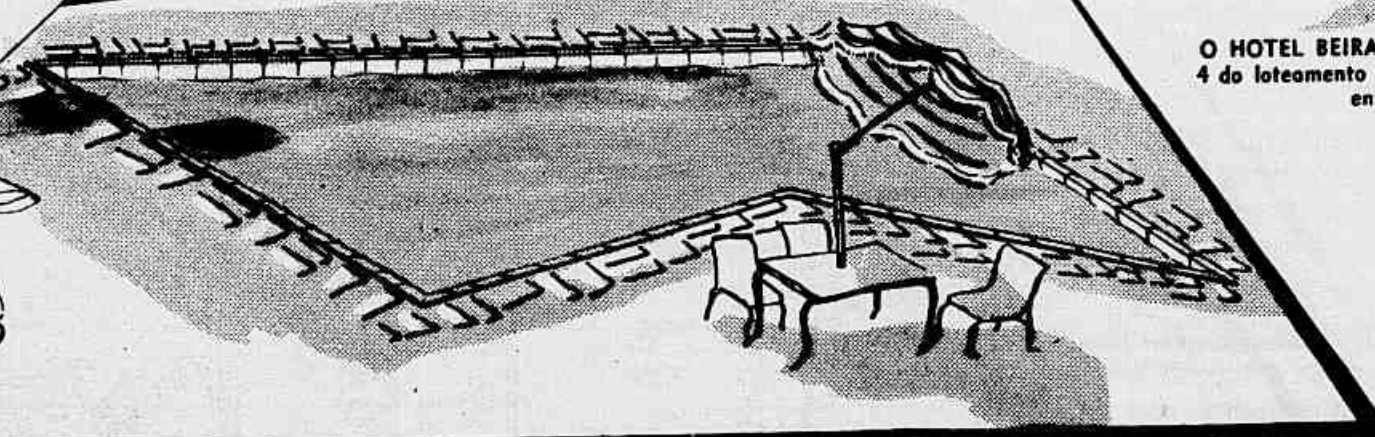
500,00 mensais!

Todas as diversões de um grande centro de turismo: Cinema, Teatro e "Boite"

- Cada quota — parte do HOTEL BEIRA-MAR confere a seu proprietário :
- a) Posse e domínio de uma parte ideal do terreno, do edificio e de todas as instalações do HOTEL BEIRA-MAR.
 - b) Uso e gozo de um apartamento do HOTEL BEIRA-MAR durante uma quinzena anual, máximo 4 pessoas.
 - c) Direito de vender, transferir ou hipotecar em qualquer tempo a sua quota — parte que é transmissível aos herdeiros.
 - d) Abatimento de 30 por cento nos serviços do Hotel.
 - e) Direito à cessão de seu periodo de férias.
 - f) Participação nos lucros da exploração do Hotel Beira-Mar.

Planejamento e Vendas da
PREDIAL CRUZEIRO DO SUL, S/A
 Rua da Assembléia, 36 11.º andar. — Telefone 22-7930
 Incorporação da
HOTELEIRA MONTE MAR LTDA.
 RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56
 S/loja, 2 — Telefone 32-9933

Barra de São João, suas belissimas praias e sua pesca abundante, tornou-se um convite para os dias de repouso e férias



O HOTEL BEIRA-MAR, já em franca construção, está localizado nas quadras 3 e 4 do loteamento Cidade Beira-Mar, em Barra de São João, Est. do Rio de Janeiro, entre a rodovia Amaral Peixoto e a praia das Ostras.

Para informações e detalhes escreva-nos

NOME
 ENDEREÇO
 CIDADE ESTADO

Literatura e arte

JOSE' ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

Paradoxo

*A ave, num último impulso,
cégo e esvoaçante,
feriu o ar.*

*Febril, corre o sol entre as nuvens;
e as sementes redivivas
gemem no ventre da terra.*

*Descem os pássaros alados
ao pouso da árvore e dos frutos.*

SILVIO CASTRO

ANEDOTA DE PAPAGAIO



♦ Gipson de Freitas acaba de pôr em letra de fôrma sua «Sêde de Marido». Até aí nada de mais. E até fazemos votos sinceros para que ela venha a ser estancada tão rapidamente quanto possível. Acontece que o citado senhor abespinhou-se com a notinha que publicamos a respeito de seu «Papagaio de Deus». Insurgiu-se sobretudo por causa da classificação de **MEDIOCRE** que demos à sua magra «obra-prima». Esperava uma crítica — disse-nos, — e o que leu, foi uma notinha também mediocre. Ora, nunca nos intitulamos críticos literários. E será ne-

cessário, para classificar de mediocre um mero papagaio (embora divino), ser-se um crítico? Achamos que não. Porém passemos à sêde de maridos do senhor Gipson de Freitas. Estamos praticamente na obrigação de elogiá-la sem reservas. Elogiamo-la, porque, se acaso tivéssemos de fazer-lhe alguma restrição, talvez o papagaio — divino, apesar de tudo — nos desse alguma bicada, a despeito de seu pequeno porte. Mas elogiá-la, só, seria pouco: vamos mais longe. Daqui, desta modesta coluna, tomamos a iniciativa de indicar «Sêde de Marido» e seu glorioso autor para o Prêmio Nobel da Literatura de 1956, que agora mesmo um jornal, certamente mal informado, afirma será disputado entre os poetas Juan Ramón Jiménez e Saint-John Perse... Há um papagaio no páreo, senhores, da Academia Sueca! (Edição Sinal dos Tempos, Niterói, 1956. 114 páginas. Cotação: *****).

Livros em desfile

C O T A Ç Ã O : — * ruim; ** mediocre;
*** regular; **** bom; ***** muito bom

RAIZES DO BRASIL, a obra já classificada de Sérgio Buarque de Holanda, fundamental para a compreensão do Brasil e da mentalidade brasileira, acaba de merecer uma reedição, revista pelo autor, e acrescentada de um Apêndice composto de «Variações sobre o Homem Cordial», objeções e considerações feitas por Cassiano Ricardo a respeito da primeira edição da obra, e «Carta a Cassiano Ricardo» resposta do autor (Livraria José Olympio Editôra, Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1956. Terceira Edição. 329 páginas).

RENE RIBEIRO, ainda muito moço e já notável por seus conhecimentos sobre Sociologia, vê agora editado, no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, seu ensaio «Religião e Relações Raciais». No prefácio, entre outras coisas, afirma Gilberto Freyre: «O ensaio do professor René Ribeiro é dos que vêm honrar, sob a forma de livro, a ciência brasileira, especializada no estudo do Homem e das Culturas Humanas. É livro honesto além de inteligente. Honesto na documentação e nas citações e escrupuloso nas conclusões» (Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Coleção Vida Brasileira, dirigida por José Simeão Leal, Rio de Janeiro, 1956. Prefácio de G. Freyre. 241 páginas. Cotação: ****).

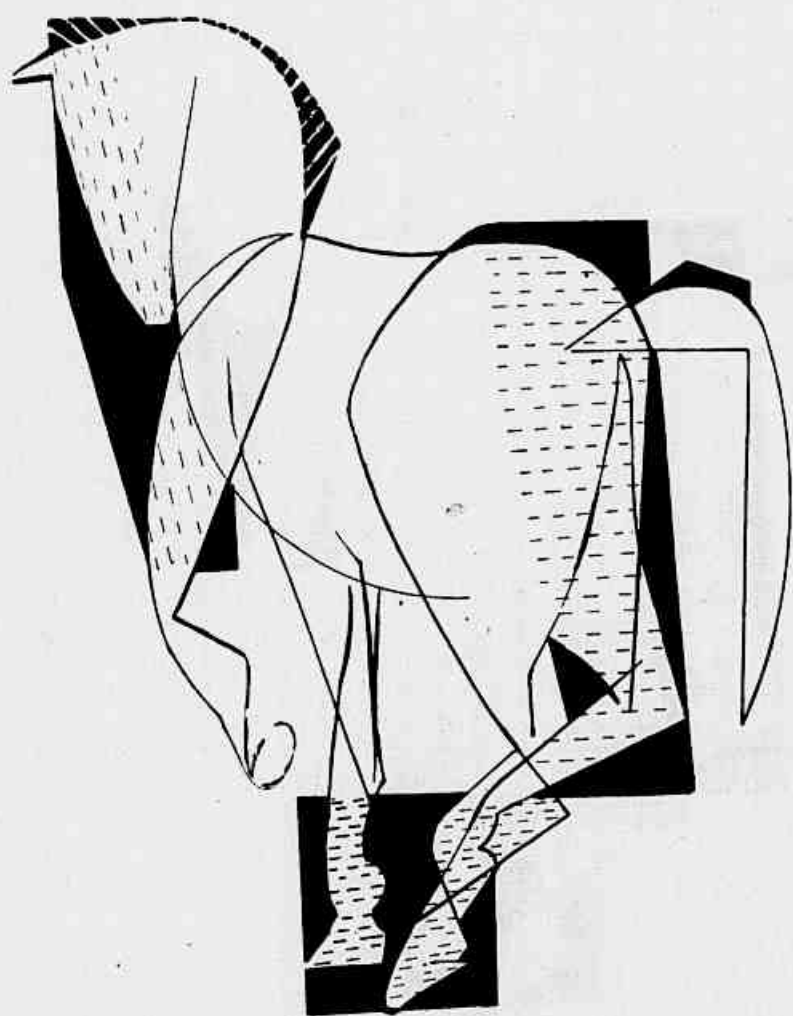
O SURREALISMO, eis o título de novo livro recentemente aparecido na coleção SABER ATUAL, da Difusão Européia do Livro. Seu autor é Yves Duplessis, e a tradução se deve a Pierre Santos. O volume é boa introdução ao conhecimento dessa importante tendência artística. Traz boa bibliografia complementar. (Difusão Européia do Livro São Paulo, 1956. 40 páginas).

NOVA SÉRIE editada pela Simões é essa «Documentos Políticos», de que recebemos os dois volumes iniciais: «A Situação Nacional», discursos de Otávio Mangabeira, e «Episódios de História Contemporânea», orações de Afonso Arinos. O formato dos volumes é cômodo e atraente. (Organização Simões, Rio de Janeiro, 1956. 87 e 69 pgs.).

PAGINAS SOLTAS, de Angélica S. Colle, é uma série de crônicas singelas, algumas interessantes, outras mal conseguindo fugir à trivialidade, todas mais ou menos ingênuas. O livro recebeu menção honrosa em um concurso literário realizado no Paraná. (Edição da autora, São Paulo, 1953. 135 páginas. Cotação: **).

A LIVRARIA Agir editou, de Alceu Amoroso Lima «Introdução à Literatura Brasileira», livro anterior a 1949, mas só agora publicado. Toda a cultura e a experiência enormes de Alceu estão presentes neste livro, que se compõe de duas partes, a primeira analisando as repercussões, em nossa Literatura, da Renascença, da Reforma e da Revolução, e a segunda, as diversas divisões didáticas em que sói ser ela esquematizada. A primeira parte é particularmente valiosa para os estudiosos. (Agir, Rio de Janeiro, 1956. 191 páginas: Cotação: ****).

TIVESSE SIDO publicado há alguns decênios, em plena efervescência parnasiana, e o livro «Raios de Sol», do senhor Menezes de Oliva, certamente teria alcançado grande repercussão. Porque Menezes de Oliva tem sensibilidade poética, e maneja decassílabos, alexandrinos e outros metros com perícia e leveza. Infelizmente, para 1956 seus poemas parecem-nos já superados, padecendo de uma doença fatal à poesia: imagens e vocábulos cansados, temática esgotada técnica abandonada há trinta e tantos anos. Isso não nos impede de recomendar o livro aos que ainda preferem a poesia escrita nos moldes tradicionais. (Gráfica Laemmert Editôra, 1956, 112 páginas. Cotação: ***).



Desenho de QUAGLIA

Notas e informações

ACABA DE ser vertido para o holandês o livro «No Tempo dos Flamengos», de José Antônio Gonçalves de Melo Neto — obra considerada a melhor já escrita por brasileiro a respeito do domínio batavo de parte de nosso território. O Real Instituto dos Trópicos, de Amsterdam, pensa editar o volume até meados de 1957, quando for inaugurada a grande exposição brasileira por ele patrocinada. Recordar-se que, não faz muito, outro livro brasileiro, o romance «Lições de Abismo», de Gustavo Corção, traduzido para o neerlandês, alcançou grande êxito. Já os livros holandeses não têm, entre nós brasileiros, a repercussão que certamente mereciam ter. Aliás, com exceção do historiador Huizinga, poucos são os nomes de escritores da Holanda atual que gozam de certo prestígio, no Brasil. Por que não traduzem para o português os bons autores contemporâneos holandeses, contribuindo assim para uma compreensão maior entre os dois países?

★

UM JOVEM carioca, respondendo na televisão a perguntas sobre a vida e a obra de Balzac, entusiasmou por algumas semanas a cidade inteira. Sério, compenetrado, porém modesto, seu conhecimento sobre o autor de «Ilusões Perdidas» é profundo e sólido. Paulo Frederico — que é esse seu nome — deveria tornar-se um símbolo de certa parte da mocidade brasileira, para a qual a vida não se resume apenas em futilidades e em baboseiras. E dá gosto real-

mente fazer esse registro, numa época em que os velhos entram em putrefação, e em que a grande maioria dos jovens longe está de manifestar o mínimo interesse pelas coisas sérias.

★

LUIS DA GAMA CASCUDO, que ainda há poucos meses nos dava a magnífica «Geografia do Brasil Holandês», trabalha com afinco em seu «Dicionário de Palavrão», que promete ser realmente algo de muito diferente de tudo quanto estamos acostumados a ver, em matéria de dicionários.

★

AUGUSTO MEYER está no sul, em sua terra natal, até onde foi, a convite dos intelectuais locais, pronunciar algumas conferências. Só nos primeiros dias de dezembro retornará ele ao Rio de Janeiro.

★

DILATADO ATÉ ao próximo dia 31 de dezembro o prazo para a entrega de ensaios (patrocinados pelo «Jornal das Letras») sobre a obra de José Lins do Rêgo e de Gilberto Amado, tal a quantidade de interessados.

★

O IPASE concedeu seu Prêmio de Contos a Aluísio Furtado de Mendonça, e o de ensaios ao conhecido poeta maranhense Oswaldino Marques, tal como estava previsto.

★

LANÇADO pelo Pen Clube do Brasil, um grande prêmio literário, de monografia sobre o Rio de Janeiro. O prêmio está reservado apenas a estrangeiros. Valor: duzentos mil cruzeiros.

★

CONTEMPLADO com o «Luís Cláudio de Souza» — o livro «Minha Formação no Recife», de Gilberto Amado. Trinta mil cruzeiros para o melhor livro do ano passado, segundo o julgamento dos colunistas literários da cidade.



STELLA LEONARDOS, que já nos deu quatro livros de versos, vem de publicar «Pedaço da Madrugada», poemas onde uma ternura muito grande busca a extravasão através da métrica. Exemplo de seu estro: esse bonito poeminha «Fragilidade»: «Teu riso — floco de espuma.

/ Tua face — rosa e neve. / Teu gesto — fre-mir de pluma. / Teu sonho — revoadas breves. / Frágil frágil. Leve leve». Outro momento de lirismo: «Era uma voz na distância. / Voz de canção comovida. / «Era uma vez uma infância». O resto do livro não é tão bom. (Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956. 89 páginas. Cotação: ***).

ARTES

NOTINHAS

★ TIVEMOS a oportunidade de ler o número de julho de «Literatura Soviética», revista de literatura e arte editada em Moscou, em várias línguas. Na parte dedicada às exposições atualmente realizadas em Moscou, a revista focaliza mostras de Konstantin Yuon — velho artista, de 80 anos —, Guerasimov, já com setenta anos, o já falecido Mashkov, o desenhista Kanevski, o gravador Goncharov, etc. etc. Todos eles fazem uma arte acadêmica, com naturezas mortas e retratos que poderiam ter figurado, com destaque, no último Salão Nacional de Belas Artes.

★ POR FALAR em arte acadêmica, lembos, há tempos a entrevista que Oswald Teixeira concedeu ao jornalista Maurício Meira, de «Última Hora». Profundamente ridículos os conceitos emitidos pelo conhecido pintor de caçarolas e tomates sobre a Arte Moderna, conceitos que apenas traduzem sua absoluta ignorância sobre o que seja a essência, mesmo, da arte. E dizer-se que a esse homem está confiado o nosso Museu Nacional de Belas Artes!

★ O COLUNISTA, por proposta de Mário Barata, acaba de ser admitido como membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte, filiada à «Association Internationale de Critiques d'Art», sediada em Paris. Juntamente com ele, vêm de ser admitidos na entidade brasileira os comentaristas Jayme Mauricio e Pedro Manuel Gismondi, segundo comunicação do crítico Antônio Bento, recém-chegado da Europa.

★ DA CONHECIDA artista Noêmia recebemos o belo álbum «Bahia em Quinze Estampas», editado em Buenos Ayres, com prefácio de Murilo Mendes. São doze estampas em preto e branco, e mais três a cores, de grande beleza e doladas da emoção de uma legítima artista.

BATE PAPO

COM SANTA ROSA

- ★ Onde nasceu?
Em João Pessoa, Paraíba.
- ★ Onde queria morar?
Na Itália, ou em Paris.
- ★ Que influências recebeu?
Portinari, Picasso, Beardsley.
- ★ Em música, quais as predileções?
Bach, Ravel, Brahms, Bartok, Hindemith.

- ★ Viajado?
Uma vez, à Europa. O resto, pequena cabotagem.
- ★ Que artistas ficariam, se o Brasil desaparecesse?
Os grandes acadêmicos, e Portinari.
- ★ Que acha do Teatro brasileiro?
Em plena ascensão, começando a enxergar.
- ★ Algum homem, no Brasil, exerceu influência que reputa realmente importante no âmbito artístico?
Mário de Andrade.
- ★ Que espera ainda da vida?
Nunca espero: faço.



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



ESCOLA DO MUNDO

◆ Mais um trabalho do consagrado escritor Aristides Villas-Boas. Um livro absolutamente inédito nos annos do pensamento humano, muito principalmente pela bravura moral com que foi escrito. Livraria São José — Rua São José, 38. Atende-se pelo reembolso postal — Cada exemplar Cr\$ 60.00 — Rio de Janeiro.

REVISTA DA SEMANA 7 CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70.00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202



A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 4 de novembro de 1906.

O exterior: politica hespanhola

◆ A reabertura do Parlamento Hespanhol não teve a importancia que era de esperar, nem correspondeu á grande expectativa que nos circulos politicos haviam provocado as reformas annunciadas pelo novo ministerio presidido pelo general Lopez Dominguez. O programma democratico desse velho estadista alarmou os elementos conservadores que temiam uma mudança radical de certos principios que de ha muitos annos e até seculos, constituem a idiosincrasia dos governantes e soberanos do reino da Hespanha. Como na França a questão religiosa, é actualmente a patria de Cervantes um dos maiores problemas a resolver: duas correntes completamente oppostas se degladiam pelos seus ideaes, dispostas a tudo. O actual governo representa a corrente liberal contraria ao predominio da Igreja sobre o Estado e partidaria do ensino leigo, e da liberdade completa de culto. Á frente do ministerio, porem, acha-se o partido catholico chefiado pelos Bispos e o conservador, principaes sustentáculos das tradições religiosas do paiz das Cruzadas. Uma manifestação renovadora do governo Lopez Dominguez sobre o matrimonio civil levantou tantos protestos por parte dos Bispos, que o gabinete, temendo provocar um conflicto serio, desistiu de por em execução as medidas de repressão que tencionava applicar-lhes, resolvendo apresentar a questão ao Parlamento. Esperava-se que esse assumpto fosse discutido nas primeiras sessões, e a esse respeito havia grande curiosidade em todo o Reino. A Camara, entretanto, iniciou seus trabalhos e a questão religiosa ainda não foi discutida. Faltava maioria ao sr. Lopez Dominguez para fazer approvar seus projectos. Nesse caso, segundo o chefe do gabinete declarou, as Córtes serão dissolvidas, elegendo novo Parlamento a gosto do sr. Lopez Dominguez. O Rei Catholico prestar-se-á a apoiar os planos de seu primeiro ministro, arrostando os perigos de expor-se ao desagrazo do clero, principal ornamento da Córte, que facilmente se inclinaria para lado de outro Principe mais autocratico e fanatico, produzindo-se profundas perturbações politicas no Reino? Pode-se affirmar que Affonso XIII, negaria a Lopez Dominguez, como já negou ao sr. Moret, a assignatura regia no decreto de dissolução das Córtes, e a negativa do soberano trará como consequencia a queda do gabinete. Os liberaes já appellaram para todos os meios, alim de se manterem no poder; entregaram a direcção da politica a seus chefes proeminentes, dando diversas orientações mais ou menos democraticas, sem conseguir a estabilidade do Gabinete. Se os conservadores não voltaram ainda ao governo, é só pela necessidade de não dissolver as Córtes: uma vez que essa medida seja indispensavel mesmo para que os liberaes continuem, o rei não hesitará em entregar o governo ao sr. Antonio Maura, chefe do Partido Conservador Catholico.



★ Piada Cinquentenária

Diz um médico ao doente:

— Não gosto nada de the ouvir a tosse.

— Sinto muito, doutor: é a melhor que tenho.



CAPA — Uma alusão ao Dia de Finados, de autoria de Amaro.

CANAL LIGANDO O BALTICO COM O MAR NEGRO

◆ Os ultimos jornaes chegados da Europa trazem uma informação de alta importancia sob o ponto de vista estrategico. A Russia, que ha alguns annos projecta abrir um canal ligando o Baltico ao mar Negro, vae finalmente por em execução esse grandioso pensamento, construindo a grande obra que custará 315.000.000 rublos. O canal será aberto entre os portos de Riga e de Cherson, e pelas suas dimensões e importancia será o maior do mundo. A realização da gigantesca obra trará á Russia enormes vantagens quer do ponto de vista commercial, quer do militar, permitindo-lhe facilmente reunir suas esquadras no sul ou no norte da Europa. Esse projecto tem sido muito discutido sob o ponto de vista technico e economico, sendo afinal votados os creditos necessarios para sua execução.

ASPIRAÇÃO

*Possa um dia eu cantar o teu passado
Como cantei outrora o teu futuro,
Ver-te sempre através daquele puro
Prisma por que te via no noivado.*

*Si pela vida incerta eu me aventuro
Com ar assim tranqüilo e esperançado,
E que pôr este excelso amor levado
Sinto o caminho agora mais seguro.*

*Esperanças me impelem para a frente,
Ambições me conduzem na torrente,
Por mim desfilam mágicas visões.*

*Mas tu ficas em tôdas as mudanças
És a maior de minhas esperanças,
E a mais pura das minhas ambições.*

EDUARDO NAZARENO

CARTAS DE UM TABAREO

Dentro em poucos dias, teremos a substituição de todo o mecanismo administrativo. Ha quem diga que o governo Penna será muito parecido com o dito Alves, razão por que não terá talvez razão a supposição que faço nas precedentes linhas: outras, porem, sustentam que elle será em tudo opposto ao outro. O que for soar: e que mais uma vez não tenha razão a velha de Syracuse, são os meus votos.

E' costume nos fins do governo fazer-se umas tantas inaugurações que não passam de pura phantasia. Ainda agora da-se a inauguração do arsenal de Guerra, que, se não me engano, foi inaugurado no fim do governo Campos Salles. Será definitiva a de agora ou teremos outra quando deixar o leme do Estado o sr. Penna?

Os gafanhotos andam por ahi a pintar a manta. Leio horrores por elles praticados. Ainda ha dias, em uma conferencia realizada na S. Nacional de Agricultura, o sr. Dr. Susviela Guarch, um diplomata que se tem revelado um amigo do Brasil, disse tudo dos malditos bichinhos. Entretanto, não era preciso dizer tanto para justificar o mal que nos pode causar tal praga: bastaria dizer: «Os gafanhotos vieram da Argentina».

Adeus. Teu

BERMUDES.



O dr. Mário de Azevedo Ribeiro proferindo a sua oração, tendo à direita o dr. Gerson Cordeiro e à esquerda o dr. Elmano Cardim.

TARDE DA IMPRENSA NO HIPÓDROMO DA GÁVEA

◆ Com uma corrida inteiramente dedicada á imprensa, da qual se destacava a prova clássica «Grande Prémio Imprensa», com a dotação de Cr\$ 180.000,00 e na distância de 2.000 metros, e um almoço no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea, o Jockey Club Brasileiro promoveu a sua já tradicional homenagem á imprensa. Foi, como sempre, uma festa de confraternização e cordialidade inextinguíveis a que se desenrolou no dia 7 deste mês no maravilhoso prado de corridas da fidalga sociedade carterista. Compareceram representantes de todos os jornais, revistas e emissoras desta Capital, diretores do Jockey Club e das diversas associações de classe que congregam os profissionais da pena. Cerca de cento e setenta pessoas estiveram presentes ao almoço no Salão das Rosas do Hipódromo, cuja mesa, em forma de U, estava magnificamente ornamentada. A sobremesa fez uso da palavra o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, numa eloquente saudação á imprensa, sendo vivamente aplaudido, principalmente quando disse: — «Limitar a livre manifestação de opiniões, sustentadas com independência e denodo, é ceifar uma das mais belas garantias que a civilização reservou ao direito do homem». Em nome dos jornalistas respondeu agradecendo o dr. Gerson Cordeiro, presidente da Associação dos Cronistas de Turi do Rio de Janeiro.



O dr. Gerson Cordeiro agradecendo a homenagem.



Aspecto parcial do almoço realizado no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, ao qual compareceram cento e sessenta convidados.

GALERIA CRUZEIRO

outra tradição que desaparece

UM DOS PRIMEIROS PRÉDIOS DO RIO A POSSUIR ELEVADOR — CARUSO, CANTANDO DO AVENIDA, INTERROMPEU O TRÂNSITO — OS «BOLINAS», OS BICHEIROS E OS ARTISTAS SEM FAMA — POR QUE GALERIA CRUZEIRO ?

Texto de JORGE DE ANDRADA

(Dados colhidos por gentileza de PAULO BERGER e J.C. DUNLOPP)

A Galeria Cruzeiro vai desaparecer. Um dos mais característicos lugares do Rio de Janeiro, foi vencida pelo progresso, e brevemente, no local onde hoje se ergue, surgirá mais um edifício imenso, dêsses que vão aos poucos dando uma fachada inteiramente nova à nossa capital.

◆ CINQUENTA ANOS ATRÁS... — Mil novecentos e seis. E' prefeito do Rio de Janeiro o dinâmico Pereira Passos. Uma frase domina a cidade: «O Rio Civiliza-se». E' o momento do desbravamento das grandes avenidas, das ruas centrais da cidade, do erguimento de prédios como o Municipal, a Biblio-

teca Nacional e a Escola de Belas Artes. A Companhia Ferrocarril do Jardim Botânico tem sua estação provisoriamente, instalada no antigo edifício da Venerável Ordem Terceira da Penitência — no local onde se entrecruzam, hoje, a rua da Carioca e o largo do mesmo nome. A sede é deficiente. E' preciso uma nova, sem tardança. E então, a companhia resolve transferir-se para o edifício da Galeria Cruzeiro em fins de construção. Foi a companhia destarte, a primeira habitante da Galeria Cruzeiro.

◆ OS «BOLINAS» — Desde o primeiro ano, a Galeria Cruzeiro fi-

cou notabilizada pelos seus «bolinas». Ali ficavam êles — geralmente estudantes universitários — horas e horas seguidas, à espera de que uma moça passasse, naturalmente que desacompanhada, para segui-las de longe, lúricamente. Depois de um esbarrão fortuito, e de um outro beliscão bem disfarçado, levavam-nas — se tivessem sorte — até ao bonde, ou mesmo até à porta de casa. Como não faziam distinção entre as feias e as bonitas o povo logo as batizou de «bolinas».

◆ FRANQUEADA AO PÚBLICO — A vinte e três de dezembro de (Cont. na página 46)



EIS UMA vista da fachada do edifício que brevemente será demolido. A Galeria Cruzeiro, sobre a qual funcionava o Hotel Avenida, fazia parte integrante das tradições da cidade. O progresso, porém, exigiu que fôsse sacrificada.





1908, foi a galeria, com sua estação de bondes, definitivamente inaugurada, e franqueada ao público. A construção do edifício saiu por verdadeira fortuna, tendo motivado inclusive queixas de jornais da oposição: afinal de contas, três mil e seiscentos contos de réis, em 1908, não eram brincadeira... Foi o engenheiro Caminhão o construtor do prédio, em terreno que custou o absurdo de trezentos contos de réis, segundo afirma o conhecido historiador do Rio antigo J. C. Dunlop.

◆ **O HOTEL AVENIDA** — Também um hotel logo surgiria no edifício: o Avenida. Possuía duzentos e vinte quartos, e dois elevadores. Foi, aliás, dos primeiros prédios do Rio a possuir elevador. Nove mil réis por pessoa, era a diária cobrada a princípio — e diária alta, diga-se de passagem. Porque o Avenida sempre foi um dos melhores hotéis do Rio, nele se havendo hospedado celebridades internacionais, como por exemplo Caruso, em sua primeira viagem ao Rio. Aliás, conta-se que Caruso, certo dia, ao fazer a barba pela manhã, começou a cantar, a plenos pulmões. Com pouco mais, grande multidão se aglomerara à porta do Avenida, que com isso ganhou uma boa publicidade. Realidade, ou fantasia?

◆ **PORQUE GALERIA CRUZEIRO?** — O nome da Galeria provém do fato de em seu interior se entrecruzarem duas alamêdas, em formato de cruz, uma que vai da rua São José para a Bittencourt Silva, e outra do largo da Carioca para a Avenida Rio Branco. Houve tempo em que essas duas alamêdas se transformaram em centro de reunião de músicos e artistas sem grande cartaz. Porque os de nomeada preferiam a porta do Nice, não convém esquecer. Também os bicheiros manifestaram desde cedo sua predileção pela galeria Cruzeiro. Recebiam jôgo, aceitavam apostas, engoliam as listas, sempre que premidos pelas circunstâncias. E aos bicheiros, quase sempre, aliavam-se também os vendedores de perfumes, os camelôs, os contrabandistas. Vendiam perfumes franceses a oito mil réis o frasco. E ainda havia quem achasse um roubo...

◆ **OS DE BENGALA E ESPELHO...** — A época, todos os cavalheiros usavam bengala. Alguns — justamente os menos cavalheirescos — utilizavam, na ponta da bengala, um espelhinho, através do qual espiavam as pernas das moças... Quanta bengala quebrada e quanto bofetão não determinou esse costume?

◆ **O AVENIDA HOSPEDA UM REI** — O mais célebre hóspede já recebido pelo Avenida foi um rei. Rei diferente, boêmio e esbanjador, por alguns dias, apenas, está atualmente no Avenida, há muitos anos. E' Rei Momo, o gordo e inconsequente monarca, que escolheu o Avenida para sede de seu reinado efêmero e contudo compensador. Mas agora que o velho prédio será demolido, parece que Momo terá de arranjar um novo hotel.

— Então... — Começou ele — Espere... você não me é estranha! Mas de onde...

— De um anúncio...

O homem escondeu o rosto entre as mãos.

— Vá embora, pelo amor de Deus...

— Quase gritou. — Não vê que não posso ver ninguém? Não vê que não lhe posso falar... que não quero falar com ninguém?

— Não fale, então. Ouça-me, apenas.

— Não quero! Vá embora. Não me mate de vergonha.

Liane levantou-se e sem que ela mesma pudesse explicar a razão, estava junto dele, procurando retirar as mãos crispadas do seu rosto transtornado.

— Tive que vir, Júlio. Eu precisava falar com você. Ouça-me, por favor.

— Por que se preocupa comigo? Ninguém jamais o fez. Por que?

Liane puxou a cabeça atormentada para os seus braços, alisando aqueles cabelos escuros e rebeldes.

— Deixe-me falar-lhe, Júlio. Saiba que não guardo ressentimento contra você.

— «Monstro!» Eu sou apenas um monstro asqueroso. Você o disse.

— Eu estava transtornado. Você bebera e fiquei apavorada. Não o conhecia, nada sabia sobre você, do contrário teria conversado com calma e teríamos chegado a um entendimento. Ao invés disso, você me prendeu no escritório, sentou-se contra a porta e quis me agarrar, sem tempo para qualquer reflexão da minha parte.

— Eu sei como agi. Fui um monstro. Toda a minha intenção tem sido aterrorizar as mulheres, essas mesmas mulheres que me amavam antes, mas que depois só piedade demonstravam por mim... como você, agora.

— Você está enganado. Não é por piedade que me encontro aqui.

— E por que é então? — Perguntou ele pondo-se violentamente de pé. — Não me diga que está apaixonada por mim, que deseja meu amor. Não me diga nenhuma mentira, pois eu não a perdoaria. Estou farto da piedade dos outros.

Liane o olhava cheia de surpresa. Júlio estava fremente de indignação.

— Agora vá embora. Já sabe que sua piedade não me importa, que detesto tudo quanto representa este sentimento.

Liane encarou-o friamente: — Covarde! — Disse com desprezo.

— Você não passa de um covarde.

Júlio abriu desmesuradamente os olhos. Ninguém até aí se atrevera a chamá-lo de covarde. — Você é o pior covarde que já vi em minha vida. — Continuou Liane. — Só porque perdeu uma perna, perdeu também a coragem de encarar de frente as responsabilidades de sua vida. Conheço uma infinidade de criaturas que se encontram na mesma situação, que mesmo assim casaram, possuem filhos, mantêm seus empregos e são queridos por todos que os conhecem. Por que só você há de ser diferente? Por que toda essa piedade por você mesmo, e essa ira contra todos? Vamos! Reflita e responda às minhas perguntas.

Júlio estava assombrado. Fixava aquela jovem fremente, de olhos brilhantes e cabelos que refletiam a luz da lâmpada. Seu rosto bonito estava corado de cólera. Júlio não conteve um sentimento de admiração e embora quisesse falar, não conseguiu. Liane o encarou expectante:

— Então, não responde? Pois saiba que vim aqui pensando oferecer a minha amizade a um homem, mas encontrei apenas um covarde. Adeus.

Sem outra palavra encaminhou-se para a porta. Júlio ergueu a mão como para detê-la, mas de sua garganta não

saiu nenhum som. Quando a porta se fechou ruidosamente, o rapaz vagou o olhar pela sala, como se a visse pela primeira vez. Achou o rosa das cortinas muito suave, os móveis polidos e bonitos. Claudicante caminhou para a janela, olhando a noite. Pela primeira vez em vários anos ele olhava a noite com olhos humanos. Nunca lhe parecera tão bonita. «Que se passará comigo?» — Pensou. — «Parece-me que estou respirando com mais facilidade.» — Foi ao seu quarto e mirou-se longamente ao espelho. Estudou cada linha do seu rosto de pele morena. Não aparentava os vinte e nove anos que possuía. Também Ricardo não demonstrava possuir já, trinta e quatro. E' Eles eram apenas dois solteiros. Ricardo não casara receando deixar o irmão sozinho, ou trazer para casa uma moça que iria estranhar o seu procedimento. Júlio não tinha coragem de se interessar por ninguém. Liane havia aberto à sua frente um novo horizonte. Por que deixá-la continuar pensando que ele era apenas um covarde? Era preciso lutar, e ele o faria.

Na manhã seguinte Liane estava ainda com os olhos inchados em virtude das lágrimas que derramara durante a noite. Ricardo tentou saber a razão mas não conseguiu que ela lhe dissesse uma só palavra sobre o assunto.

— Jantaremos hoje? — Perguntou ele carinhosamente.

— Está bem. Pode apanhar-me à hora de sempre.

Mas Liane não estava contente. Ricardo notou seu ar abstrato e diante da inutilidade de suas perguntas, silenciou. Quando a deixou em frente a sua casa, tomou-a nos braços e a beijou.

— Queria que você gostasse um pouco de mim.

— Eu gosto de você. Acho-o uma criatura maravilhosa.

— A frieza do tom, tira todo o valor das palavras.

— Desculpe-me, Ricardo. Acho assim, nada mais.

Na manhã seguinte, os sentimentos de Liane não se haviam modificado. Quando sentou-se diante da máquina de escrever, não controlava os pensamentos.

— Posso entrar? — Tão absorta estava que não ouvira o toque-toque de uma perna de pau. Foi cheia de embaraço que respondeu:

— Naturalmente que pode.

— Bom dia Liane. Incomodo-a?

— De modo algum. Sente-se, por favor.

— Se você quiser perdoar as minhas palavras de ontem...

— Não pense mais nisso.

— E' que... eu deixei o covarde pela rua. Hoje é um homem que está aqui.

Liane sorriu e o fitou. Ele continuou: — Você gostaria de jantar hoje com... um aleijado?

— Desde que esse aleijado seja um homem, terei muito prazer.

O resto do dia transcorreu normalmente, mas para Liane parecia não terminar. Quando Ricardo a convidou para jantar, ela respondeu:

— Já tenho um convite anterior Ricardo.

— De quem? — Perguntou com desagrado.

— De Júlio.

— De Júlio? — Assombrou-se. — Quando você o viu?

— Hoje ele veio aqui expressamente para me convidar.

— E você vai aceitar? Não tem medo dele?

— Não. Ele é uma criatura humana digna de amizade.

— Ele é um aleijado. Você não se achanha de sair com ele?

— Oh! Ricardo! Como pode dizer uma coisa dessas do seu próprio irmão?

— Não é a verdade, por acaso? Ele sempre me tomou as namoradas. Nenhuma delas resistia ao seu encanto.

— Agora entendo. Foi você quem criou em Júlio esse complexo que estava lhe envenenando a vida. Pois fique sabendo que gosto dele, e só agora é que sei porque não pude gostar de você, apesar de achá-lo superficialmente maravilhoso. Até amanhã, Ricardo, se você quiser que eu continue no emprego.

A noite foi Júlio quem a foi buscar e isto trouxe grande satisfação a Liane. Júlio não possuía carro, por tanto, esperava-a num carro de praça.

— Onde iremos?

— Onde você quiser, Júlio. Sou sua convidada, lembra-se?

— Então vamos a um restaurante bem discreto, onde possamos conversar.

Mais tarde, enquanto esperavam o jantar, Júlio falou:

— Você conseguiu um milagre, Liane. Pensei que jamais teria coragem de convidar uma moça para sair comigo.

— Tolo que você foi. Qualquer moça se sentiria feliz em sair com você.

— Ricardo me dizia...

— Não falemos em Ricardo. Hoje somos somente nós dois. Está bem?

— Você é um anjo, Liane, mas acredite que não abusarei da sua bondade.

Quando deixavam o restaurante Júlio perguntou:

— Onde iremos agora? Ao cinema?

— Eu preferia fazer um passeio por qualquer recanto da cidade. O que diz?

— Gosto da idéia.

Assim, viram-se ambos sentados na grama de um jardim que aquela hora estava quase deserto. Liane procurava encorajar Júlio, mas este limitava-se a conversar sobre assuntos estranhos aos dois.

— A nossa governante deixou de casar para nos criar. — Disse ele.

— Ela deve gostar muito de vocês.

— Você gosta, Liane?

— Sim. Gosto muito de vocês, principalmente de um rapaz que usa uma perna de pau, que procurou ser perverso, mas que eu descobri ser uma criatura formidável.

— Você é bondosa, Liane, mas lembre-se que nada me fará obrigá-la a gostar de mim. Prefiro mesmo que você não goste.

— Impossível. Agora é muito tarde para evitá-lo.

— Vou confessar uma coisa. Liane. Eu não gosto de você.

— Não faz mal. Basta-me que eu goste de você.

— E Ricardo? Você poderia gostar dele.

— Não poderia, porque já gosto de você. Antes de nos encontrarmos... de eu ir a sua casa, Ricardo me pedira em casamento e eu não aceitei.

— E por que?

— Já lhe expliquei, Júlio. Será que vou precisar pedir você em casamento?

Olhe que nunca me declarei a ninguém.

— Você está louca, Liane. Não fale mais nisso. Não gosto de você.

Liane aproximou-se mais ainda, tomando-lhe a cabeça entre as mãos. Ele quis fugir, quis retirar as mãos da moça do seu rosto, mas Liane cercou-lhe a cabeça com os braços e desceu os lábios sobre sua boca. Júlio não conseguiu vencer a vertigem que dele se apoderara. Os lábios macios de Liane se comprimiam mais e mais sobre os dele, e seus dedos mergulharam nos cabelos da moça.

Foi aí que o guarda se aproximou, censurando-lhes o procedimento.

— E' que acabamos de ficar noivos — desculpou-se Liane — e eu nunca havia beijado meu noivo.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 3 E 9 DE NOVEMBRO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Faça o que lhe convier, mas reflita bem no que fizer. O perigo não está propriamente no objetivo, mas no meio de que se lance mão para alcançá-lo. Os melhores dias da semana serão sete, oito e nove.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) A atenuação do influxo planetário, durante a semana e no seu caso, beneficiará as iniciativas e dará margem a um relativo êxito no que já houver empreendido. Uma sequência de acontecimentos favoráveis marcará o fim da semana.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — O período facilitará as soluções, levando as pendências para o terreno dos entendimentos e da boa vontade. Aproveite a oportunidade para desfazer as diferenças que estejam prejudicando sua vida doméstica.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Um forte sentimento de passividade se manifestará logo no início da semana. Se o leitor não reagir como deve, perderá o tempo à espera de qualquer solução proveitosa. As oportunidades passarão.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Os últimos serão os primeiros, diz o verso bíblico. Com o leitor acontecerá assim, durante a semana em pauta. Não corra nem precipite os acontecimentos. Chegando por último colherá o melhor.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — A semana será de recuperação e de compensação. Consequentemente, o ambiente propiciará as reivindicações de toda sorte. Em bons termos, o leitor poderá formular as suas, certo de ser atendido.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Não faça exigências nem se torne impertinente, na vida sentimental. Há perigo muito sério de desentendimentos e até mesmo de rompimento definitivo. Contenha-se, portanto.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Não espere que lhe peçam garantias ou a apresentação de comprovantes. Estará no ar uma desconfiança generalizada, mais acentuada, ainda, no momeio dos negócios. Não solicite crédito nem peça favores para não sofrer desilusões.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — As mudanças e as viagens não se recomendam no curso da semana entrante, principalmente nos dias 6 e 8, dias de influxo cruzado e mais carregado. Não obstante, o período será favorável aos negócios.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Os negócios de compra e venda de imóveis, as transações financeiras e os assuntos relacionados à construção da casa própria estarão bem astralizados na vigência da semana. Tudo será facilitado.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Ative seus negócios, redobre sua propaganda e ponha em dia sua correspondência, aproveitando bem a onda de favorabilidade que vem por aí. A semana lhe propiciará pingues lucros, com estorço, não obstante.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Omita-se como puder, na vida social. O período será de agitação e de escândalo. As relações conseguidas durante a semana não serão duradouras e não compensarão, pois levarão o leitor a sérios prejuízos.

OS NOMES DA SEMANA

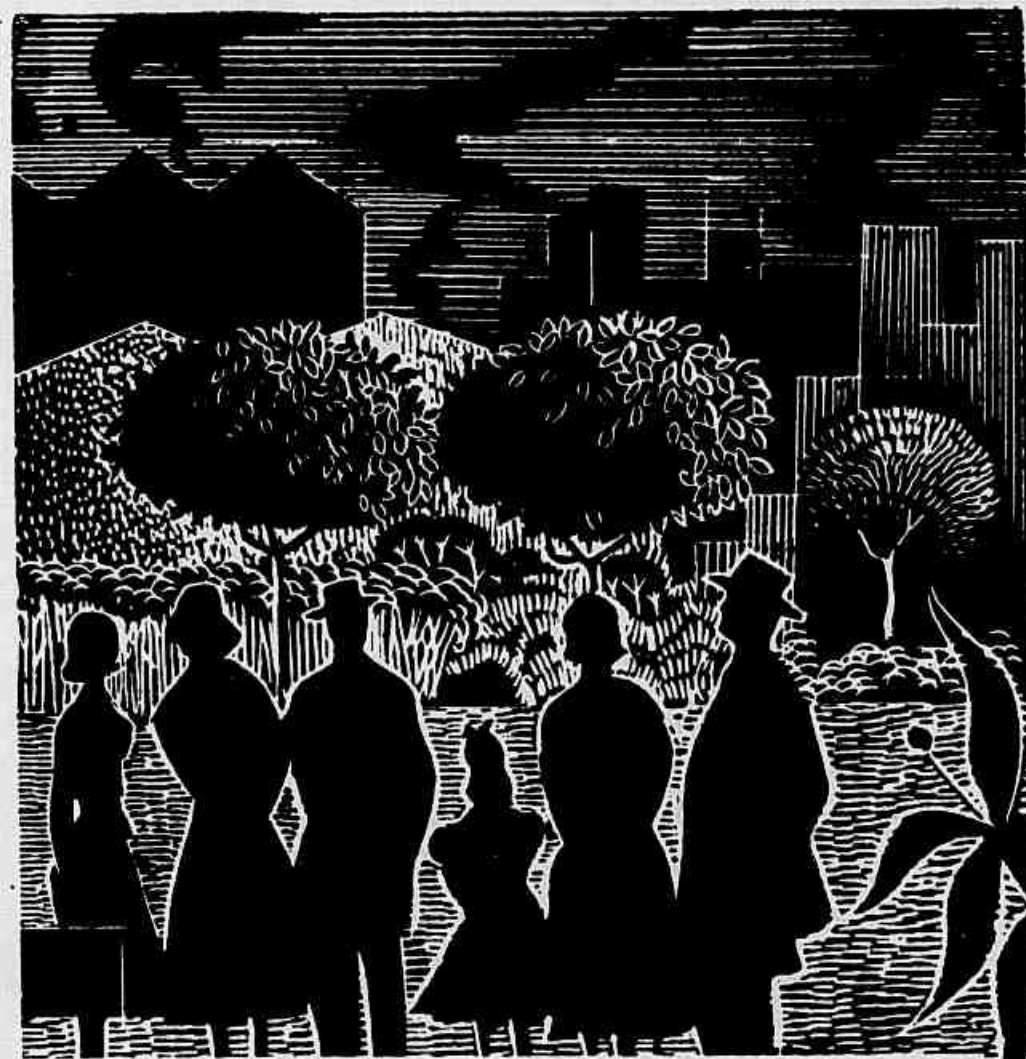
Novembro, 3	—	Januário	—	Joselina.
" 4	—	Gaudência	—	Valentina.
" 5	—	Eudoro	—	Odília.
" 6	—	Geraldo	—	Nicéa.
" 7	—	Clodomiro	—	Anita.
" 8	—	Evaristo	—	Clarinda.
" 9	—	Valério	—	Edméa.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

(Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich)

Novembro, 3	11° 3' 5"	(Signo do Escorpião)
" 4	12° 3' 15"	" " "
" 5	13° 3' 26"	" " "
" 6	14° 3' 39"	" " "
" 7	15° 3' 54"	" " "
" 8	16° 4' 10"	" " "
" 9	17° 4' 28"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, nesta particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.



SOROCABA e SÃO ROQUE

60 VIAGENS POR DIA!

das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221 - 235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

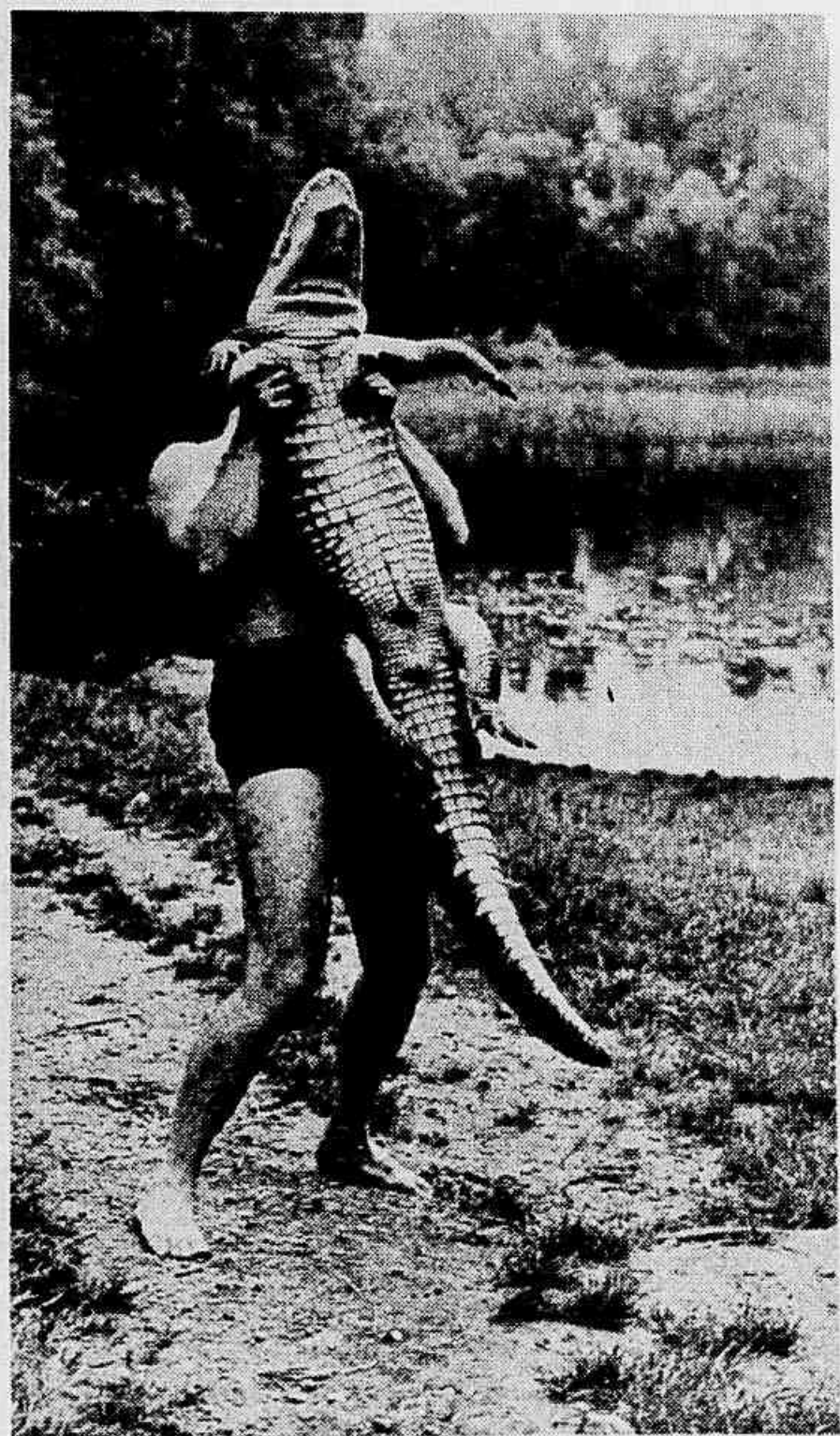
VIAÇÃO Ltda

AZASO - EB-8

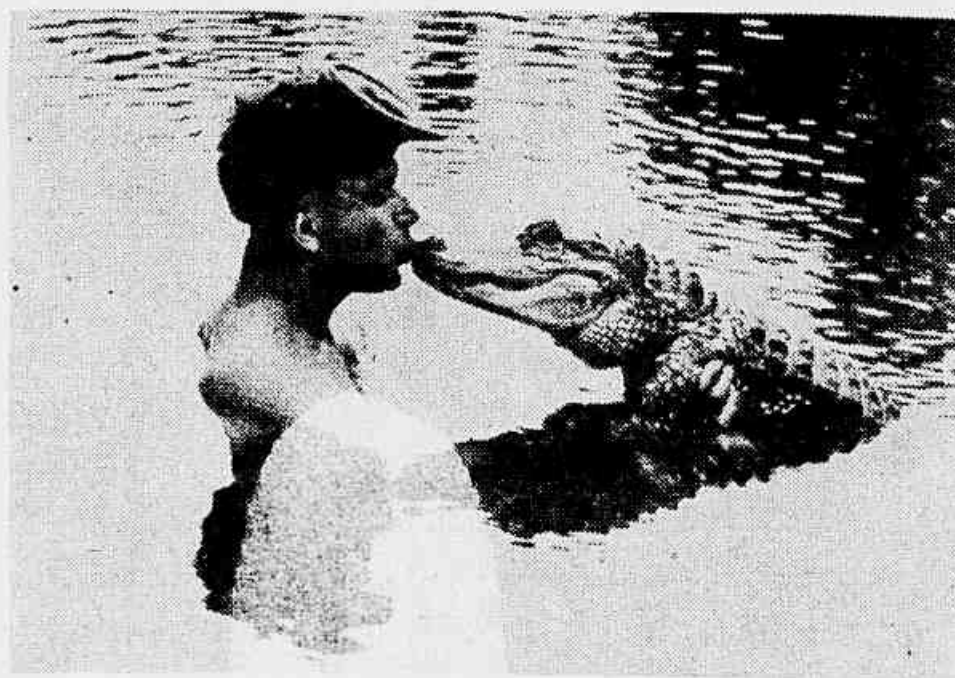


NÃO É LUTA: é chamego puro entre um professor vienense e um jacaré do Mississippi. O prof. chama-se Proesler, e o jacaré, Jockl.

JOCKL—UM JACARÉ BEM EDUCADO



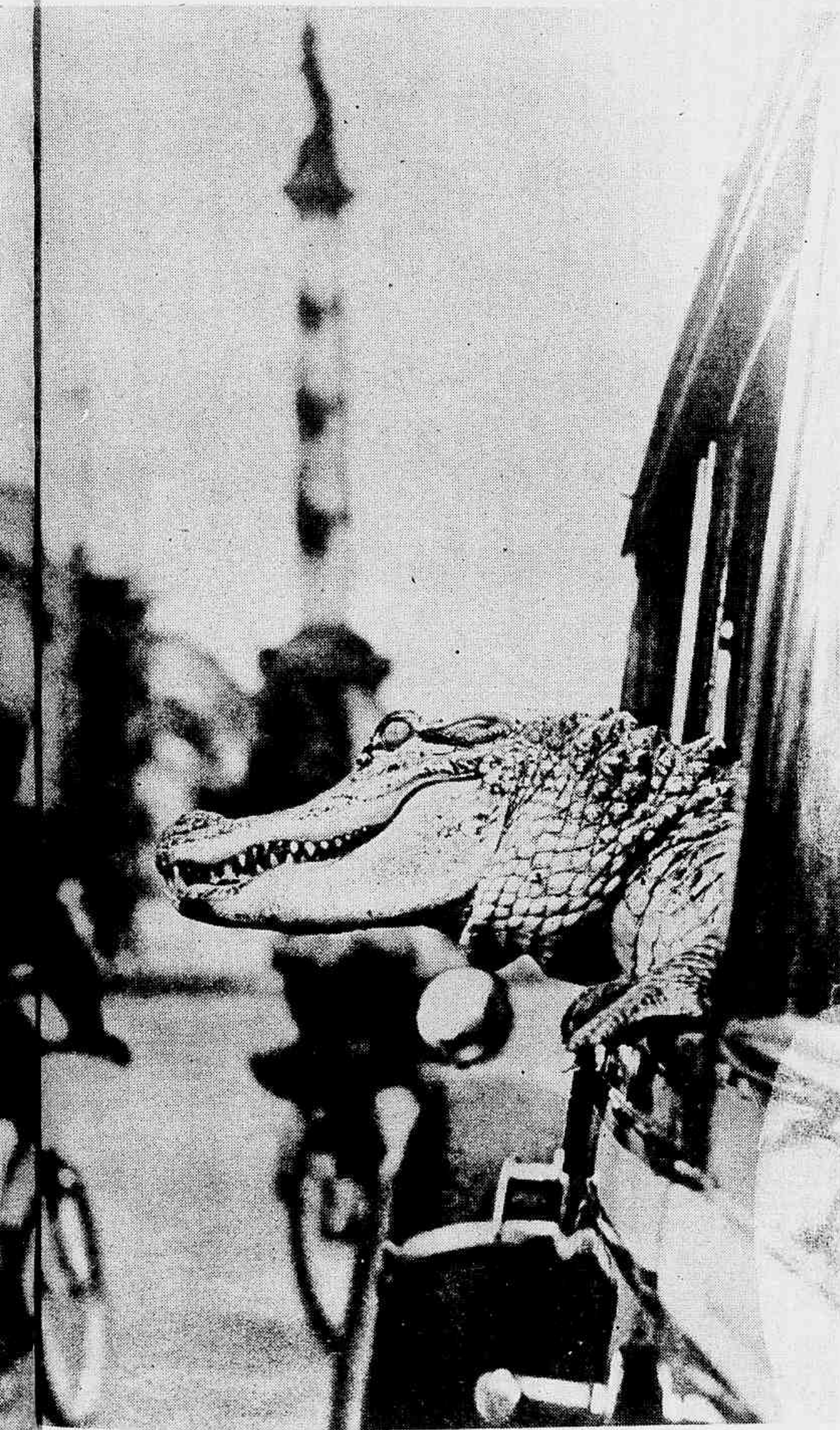
◆ O PROFESSOR austríaco Robert Proesler possui um jacaré. Pegou-o um dia, às margens do Mississippi, quando o sáurio brotinho ainda, mais parecia uma lagartixa que um futuro devorador de gente. O jacaré do professor chama-se Jockl e já adulto, pesa atualmente 45 quilos, e mede um metro e oitenta de cabo a rabo. Vivem ambos, jacaré e professor, no maior dos amôres, em Viena, e até de automóvel seu dono o leva a passear, de quando em quando. E mais: dá-lhe banhos diários, numa piscina, sem se atemorizar um só momento com o corpanzil do bicharoco, que continua crescendo. O jacaré do professor Proesler é o animal mais popular de Viena e da Áustria. E', mas qualquer dia almoça o próprio padraço...



COMO SE fôsse de borracha, o prof. carrega o jacaré para casa, de volta do banho. Em cima, um beijo entre Proesler e o bicharoco.



UM ESPETÁCULO à parte, em Viena, é a volta quotidiana de automóvel de Proesler e Jockl. O bicho é tratado como se fôsse um cão de estimação.



EU SEI TUDO

DE NOVEMBRO

A SAÚDE DEPENDE DOS ASTROS !



**CHEGA AO FIM O DOMÍNIO DO
HOMEM BRANCO**



**EXISTIAM TESOUROS NO MORRO DO
CASTELO !**



NÃO RECUSE SER TESTEMUNHA !



**TRANSPASSANDO AS GALÁXIAS,
CAPTURAREMOS O INFINITO!**



**GARRAFAS AO MAR (Mensagens, S.O.S....
e até um testamento!)**



PREÇO Cr\$ 10,00

EM TODO O BRASIL

REDAÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa



GARGALHADA obscena ecoou como uma bafetada em seu rosto:

— Então você não sabia... — O hálito rescendendo a álcool a deixava tonta e nauseada.

— Tire as mãos de cima de mim... seu porco!

— Então você não sabia... não adivinhou que o meu anúncio encerrava uma bonita armadilha?

— Monstro! — Liane conseguiu desvencilhar-se das enormes mãos que a prendiam e refugiou-se num canto da parede. — Quando sair daqui, irei diretamente à

polícia. — Ameaçou soluçante.

— Não! Você não irá à parte alguma. O meu «anjo da guarda» não a deixará. Você não o conhece, mas irá conhecê-lo dentro de alguns minutos.

— Não estou entendendo o que o senhor quer dizer.

— Você entenderá. É que ele de certo ainda não leu o meu anúncio.

— Não me interessa o que diz. Abra-me a porta, por favor. Quero sair.

Novamente a gargalhada repercutiu pela sala fechada, provocando um arrepio de pavor em Liane.

— Louco... — disse surdamente. — O senhor está louco! Louco... —

As gargalhadas repetiam-se, revelando agora uma nota amarga, terminando num soluço.

— Dizem que estou louco. Você quer saber por que?

O grande corpo ergueu-se de onde estivera sentado até então; isto é, numa cadeira contra a porta que ele fechara quando recebera Liane. Só então ela o via caminhar, e ele o fazia em sua direção. A jovem encolheu-se toda contra a parede oposta.

— Não tenha medo! Não lhe vou fazer nenhum mal. Mas veja... — Erguendo uma perna da calça mostrou o tóco de uma perna de pau. — Não consigo caminhar direito sobre este miserável pedaço de madeira. Sabe onde perdi a minha perna? Na guerra. Sabe o que ganhei em troca? Ser excluído da minha corporação. Estava inutilizado para a ativa, porque só me queriam inteiro para morrer. Agora não me preocuparia morrer, já que um pedaço de mim ficara por lá, é que me mandaram embora, não me aceitando de forma alguma, nem diante dos meus rogos. O que posso fazer? Que interesse tem a vida para mim, agora?

Liane olhava fixamente aquele tóco de pau que ele insistia em deixar à mostra. O pavor dos seus olhos estava sendo substituído por uma onda de piedade. Instantaneamente compreendeu o que se passava naquela alma torturada.

Então a porta se abriu. No umbral estava a figura pálida de um homem, cujos olhos varreram a sala ansiosamente.

— Júlio! O que está fazendo você?

— Eu não disse? — A ironia imprimia um tom cortante às palavras de Júlio. — Aí está meu «anjo da guarda».

— Outra vez, Júlio?

— Acho que vou despedi-lo. Você está chegando cada vez mais atrasado. Um dia matarei minha vítima sem que você possa socorrê-la.

O homem caminhou no sentido de Liane. — A senhorita está bem?

— Sim. Estou bem. O cavalheiro ali não faz nada mais do que me assustar. Agora posso me retirar em paz.

— Espere um pouco. Acompanha-la-ei. — Voltando-se para Júlio, falou em voz persuasiva. — E você, Júlio, deve ir para casa, descansar.

Liane voltou os olhos em direção a Júlio e não conteve um gesto de espanto. O rapaz não lembrava nem um pouco a criatura que antes a fizera sofrer de pavor. Seus olhos estavam tranquilos, as feições distendidas, a boca rasgada e polpuda quase sorria. Liane surpreendeu-se ao achá-lo simpático.

— Meu nome é Ricardo. — Disse ao deixar a sala segurando Liane pelo braço. — Peço-lhe que desculpe meu irmão. A guerra, além de lhe levar uma perna, deixou-o mentalmente perturbado. Tem a mania de arranjar

— A senhorita concorda em experimentar?

— Peço-lhe que me deixe fazê-lo. Não acredito que o sr. Júlio seja um criminoso. Se não o deixarmos beber muito...

— Ele só bebe quando publica os seus anúncios. Creio que de outro modo não teria coragem de assustar as moças.

Meia hora depois, Liane estava em seu quarto, cheia de uma satisfação esquisita, toldada pela dúvida de um futuro incerto. A verdade é que precisava lutar contra o medo que sentia de Júlio. Estava certa de que Ricardo a defenderia dos ataques de loucura de seu irmão. Na manhã seguinte, às oito e meia ela abria o escritório. Dez minutos depois entrava Ricardo.

— Então. Decidida?

— Sim. Como vê, já usei a chave que me deu ontem. Estou esperando que me mostre o serviço.

— Pois não. Vejamos as pastas.

Toda a manhã foi passada em explicações. Liane entendia tudo perfeitamente, e quando resolveram sair para almoçar, já haviam separado as cartas para resposta e a moça sabia o que devia responder a cada uma delas.

— Você quer almoçar comigo, Liane?

— Muito obrigada. Aceito porque só assim não perderei tempo de ir em casa.

Num restaurante próximo, sentados um diante do outro, a jovem estudava distraidamente a fisionomia de Ricardo. Não devia contar mais de trinta anos. Tez morena, olhos escuros, sobrancelhas espessas, lábios finos. Conquanto suas feições não fossem regulares, não eram destituídas de certo encanto.

— Em que pensa?

— No meu trabalho. Acho que gostarei dele.

— Assim espero. Pelo menos meu irmão não precisará publicar outros anúncios.

— Ele costuma ir ao escritório?

— Só quando anuncia.

— Conte-me alguma coisa sobre ele.

— Somos órfãos. Ele é mais novo do que eu cinco anos, por isso, sou como pai para ele. Sempre foi um rapaz muito bom, muito quieto, estudioso. A guerra liquidou com seus nervos, além de lhe roubar a perna. Júlio sempre foi querido pelas moças, mas depois desses acontecimentos nunca mais saiu de casa, a não ser para vir aqui e amedrontar as moças que atendem aos seus anúncios.

— Mas é um erro. Ele deve voltar à convivência normal com outras pessoas. Por que o senhor não o força a isso?

— Em primeiro lugar, não tenho tempo. Trabalho muito para que a nossa firma não vá à falência. Júlio vive em companhia de nossa governanta, que já está velhinha, mas que sente um grande amor por nós. Ela é quem consola meu irmão, quem o retém em casa, junto dela.

Várias semanas haviam decorrido sem que Liane voltasse a ser importunada por Júlio. Enquanto isso, Ricardo almoçava com ela seguidamente, convidando-a finalmente para uma sessão de cinema. Liane escolheu o seu melhor vestido e quando Ricardo a apanhou à porta de casa, às sete e meia, não escondeu a sua admiração.

— Você está um encanto, Liane.

— Obrigada, Ricardo. E a propósito, não seria interessante se levássemos Júlio ao cinema? Por certo ele se distrairia.

— Em outra ocasião qualquer, sim, mas hoje, quero estar só, com você.

Quando Liane voltou para casa, estava cheia de confusão. Ricardo dissera que gostava dela, que pretendia convidá-la para sair sempre, porque desejava estar certo dos seus sentimentos.

Novela de LISA RAMOS

Desenho de JOSÉ RAMOS

DIFÍCIL DE AMAR

uma secretária. Pelo menos uma vez por mês ele anuncia uma vaga inexistente no escritório. As vezes começa bem, a palestra com a candidata, mas sempre acaba por assustá-la.

— Foi uma pena. Eu preciso tanto de um emprego, e aquele pedido de secretária parecia endereçado a mim.

— Eu gostaria de admiti-la, mas com o meu irmão neste estado, seria muito perigoso. Todas as outras moças que apareceram atraídas pelos anúncios de Júlio, ficaram horrorizadas. É muito difícil conseguir uma auxiliar com o irmão que tenho. Enquanto isto, tenho que trabalhar até alta noite, para pôr em dia o serviço do escritório.

— Se o senhor quiser, poderemos experimentar. Como lhe disse, preciso muito de um emprego.

Na manhã seguinte, no escritório, Liane estava um pouco distraída. Examinando umas pastas fora de uso, viu cair alguns papéis que se apressou em apanhar. Dentre eles se destacou uma fotografia que a jovem examinou com curiosidade. Apresentava um rapaz sorridente, de grandes olhos escuros e boca polpuda. Lembrava apenas vagamente o Júlio que ela conhecera, com aquele ritus de amargura contraindo-lhe as feições, aquela boca entreaberta e rescendendo a álcool. Seu olhar enterneceu-se. Como seria maravilhoso que o Júlio de hoje fosse o mesmo daquela fotografia! Quando guardou novamente a pasta, estava decidida a um gesto ousado. Queria salvar uma alma das garras do desespero.



RAMOS

— Quer sair comigo hoje? — Perguntou Ricardo minutos antes de fechar o escritório.

— Esqueceu-se que precisa visitar aquele seu cliente, o sr. Machado?

— E' verdade. Obrigado por ser tão zelosa com o trabalho. Imagine que se trata de um assunto importante que eu estava esquecendo, simplesmente pelo prazer de ficar sozinho com você, fora do escritório.

Naquela tarde Liane foi para casa toda fremente de ansiedade. Mal tocou na refeição que lhe mandaram da pensão. Vestiu-se com apuro e apanhou a condução que a levaria à casa de Ricardo.

Vacilou antes de premir o botão da campainha. Ouviu passos e teve vontade de correr, de fugir para longe, mas estava como pregada ao

solo. Finalmente a porta se entreabriu e a figura de Júlio destacou-se, formando uma sombra contra a claridade interior.

— Quem é? — Perguntou ele, meio desconfiado.

— Sou Liane. Lembra-se de mim?

— Liane? Não. Não me lembro. Quer falar com Ricardo? Ele não está.

— Não, Júlio. Quero falar com você.

— Comigo? — Assustou-se ele. — Mas não a conheço...

— Talvez você não se lembre, mas me conhece perfeitamente. Se me deixar entrar lembrar-lhe-ei os acontecimentos...

— Entre, então. — O toque-toque de sua perna de pau se fez ouvir, e Liane o acompanhou até à sala. O grande corpo se deixou cair no divã quando Liane tomou lugar numa poltrona.

(Cont. na pág. 46)

Lili

DEDICATÓRIA

A garotada da pátria amada idolatrada salve salve, a quem Henrique (desculpem, Henrique) Pongetti convidou na crônica intitulada "L de Liberdade" publicada em "O Globo" a escrever Lili bem grandes e alusivos nos muros de todo o Brasil, dedico esta Linda história, fazendo como ele mandou, aqui no meu murinho semanal.

Era uma vez uma menina que se chamava Lili. O nome mesmo dela é mais comprido e até muito bonito, mas a gente chama só de Lili porque tem gente que não aprende a soletrar ele todo.

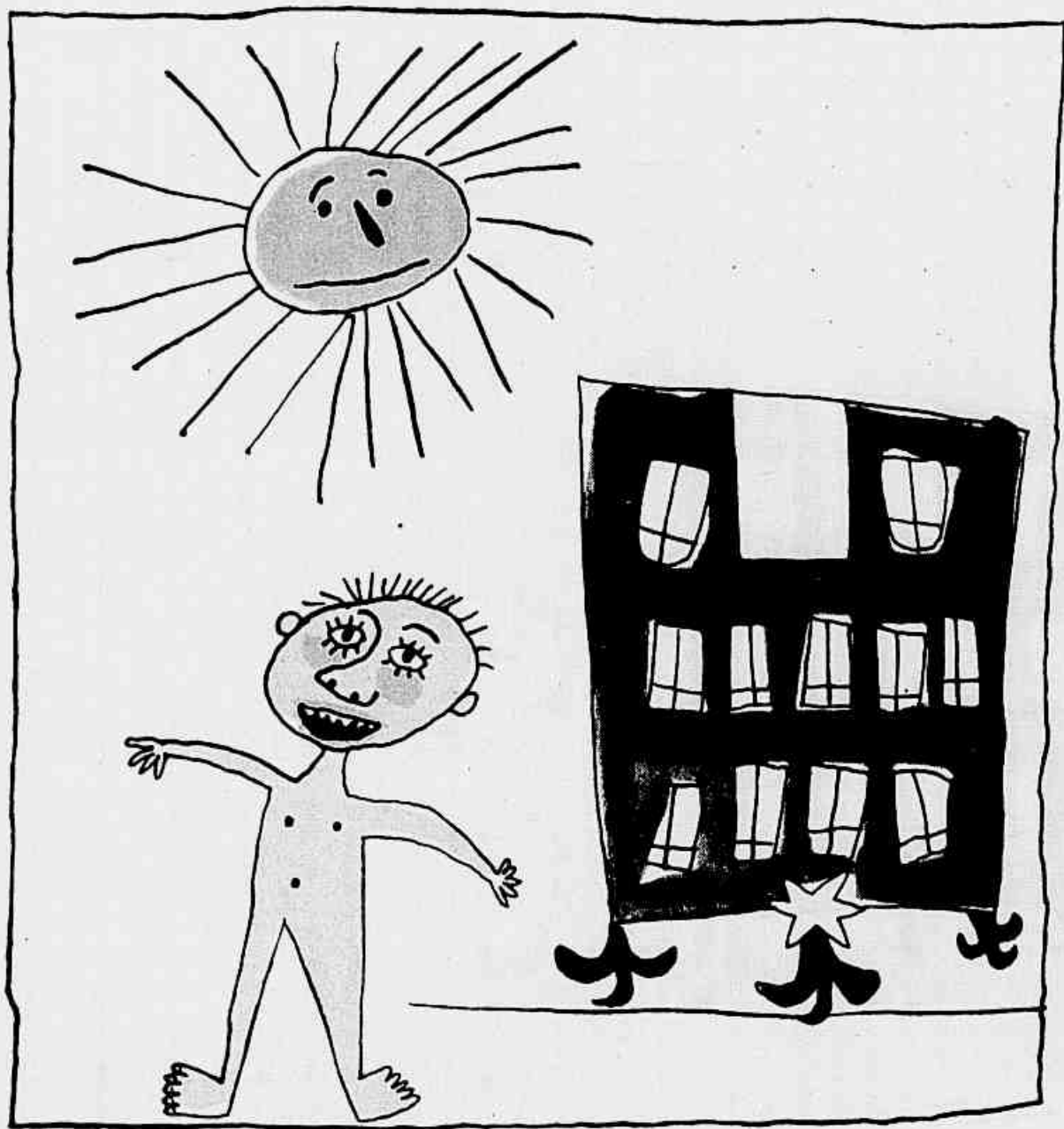
Lili é prima daquele garoto que uma vez disse que o Rei estava nu e tem uma irmã que mora nos Estados Unidos.



Aqui vivem ralhando com Lili: "— Cala a boca, menina! Cala a boca, menina!" Mas ela ó: bota a língua pra fora e nem como coisa. Por isso que Gente Grande diz que ela é uma menina muito feia que não tem modos.



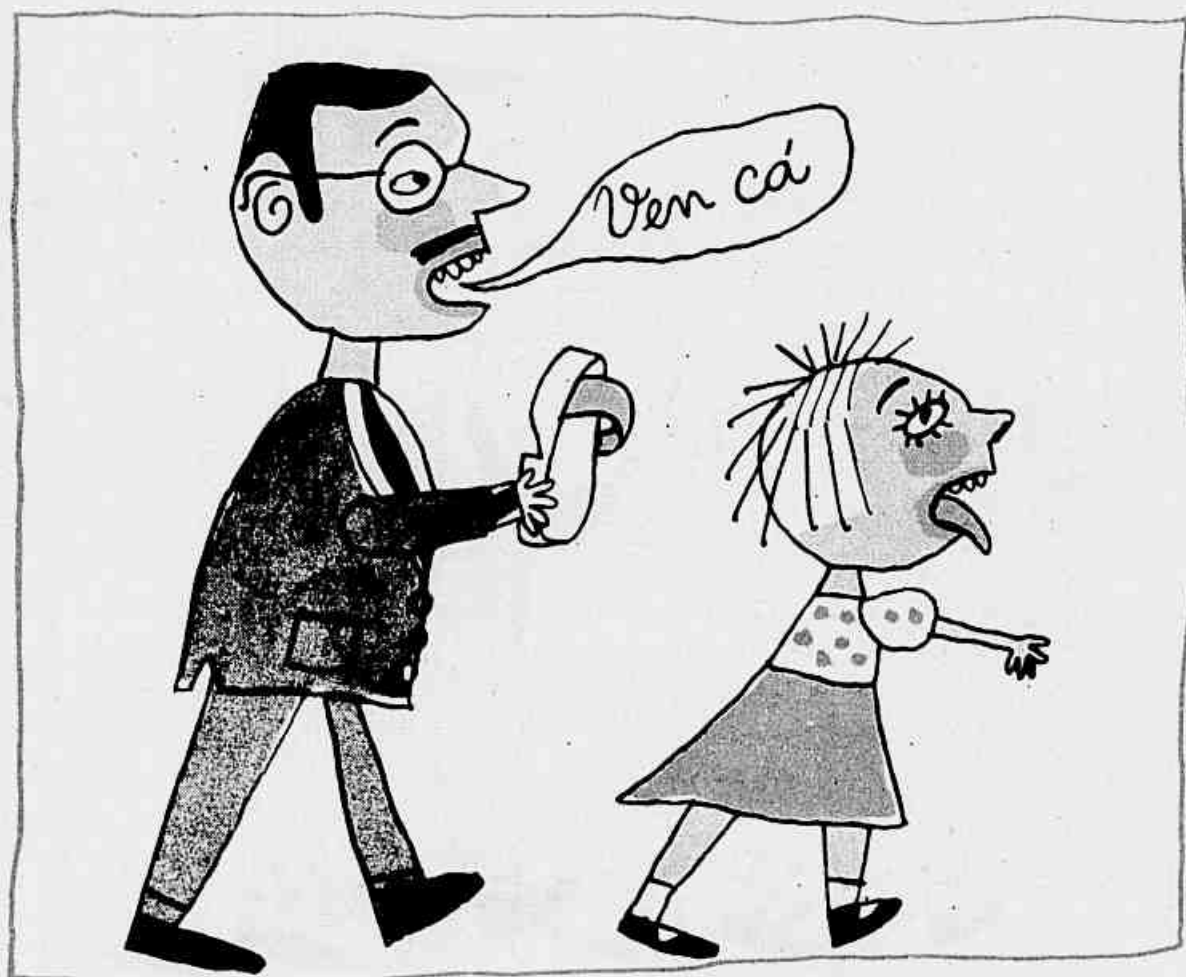
Teve uma vez que ela passou um bocado de tempo sumida, tão sumida que ninguém nunca mais via. Foram ver, ela não tinha morrido não: estava só de castigo no canto de uma escola que inventaram. Aí tocaram a sineta de recreio.



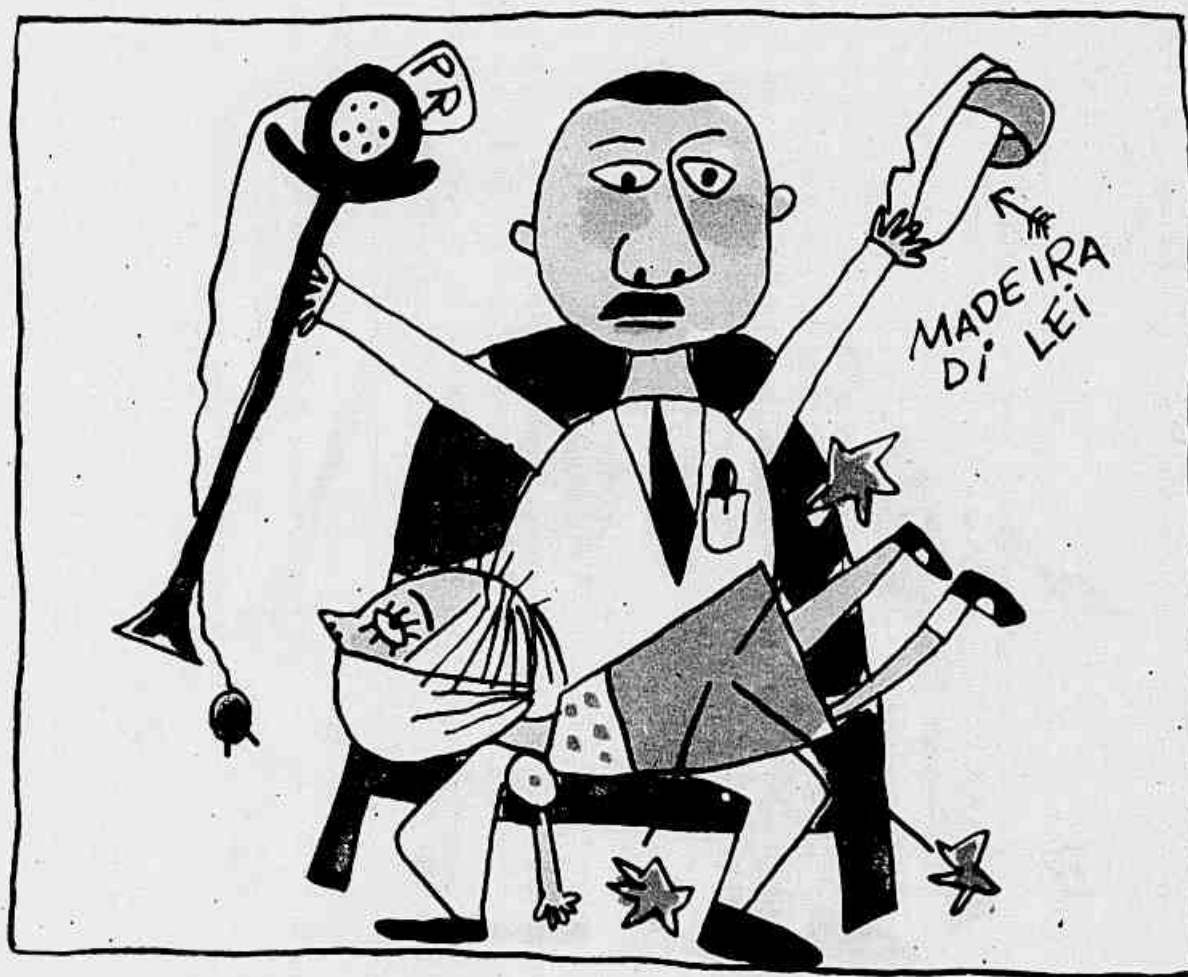
Pra que, meu senhor! Foi só a diabinha se ver como queria, virou a casa de cabeça para baixo e ganhou a rua nua e crua pra tomar sol. Não foi nada nada bonito e de menina assim Papai Noel não gosta.



Então o dono da casa, que queria ficar à vontade com seus convidados, sabendo que ela era muito xereta e vivia metendo o nariz onde não era chamada, pegou e mandou ela pra um sítio que ele tem.



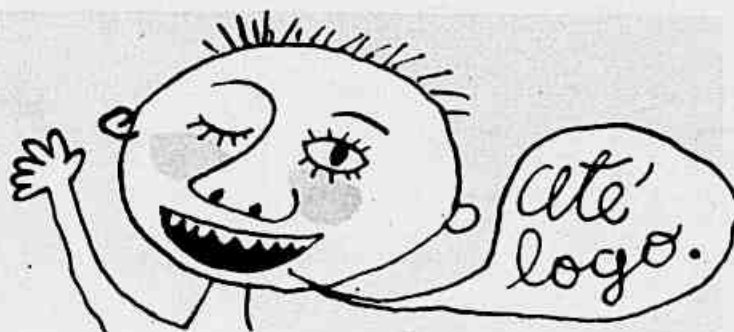
Pensa que adiantou? Que esperança! Ela voltou linguaruda que era uma coisa por demais. Dizia coisa que não se diz na frente das visitas com tamanha desfaçatez, que viram logo que não podia continuar assim, o que ela estava precisando era de umas boas responsabilidades.



Então pegaram a menina incorrigível, tomaram um brinquedo dela, fecharam a boca de matraca dela e tome lei.

E ERA UMA VEZ UMA MENINA CHAMADA LILI.

Mas vocês pensam que acabou? Pois sim, toda história que acaba com "era uma vez", não está acabando não senhor: vai começar de novo.





CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

PROCURE VENCER O "TÉDIO"

◆ Todas nós temos as nossas fases de tédio. Há ocasiões em que estamos aborrecidas com tudo: nossa casa, nosso emprêgo, as infundáveis obrigações a que não podemos fugir, desde os botões do marido para pregar, até o banho das crianças, e mesmo as festas de aniversário ou de casamento a que temos de comparecer.

Isso é normal. Afirmam os psicologistas que, tanto as mulheres quanto os homens, sentem-se entediados, «caceteados» durante um terço de sua existência. Essa é uma das freqüentes causas de separações conjugais. Ao contrário do que poderia parecer o tédio não é consequência de apatia, porém, quase sempre, de tensão emocional e, mesmo, cansaço.

Podemos distinguir duas espécies de aborrecimento: o passageiro e o permanente. Do primeiro estamos livres, a não ser que fôssemos habitar numa ilha deserta, e deriva de coisas como essas: ouvir discursos cacetes, ver infundáveis álbuns de fotografias das famílias dos outros, esperar um tempão no dentista ou no médico... O remédio é ter paciência, porque numa ilha deserta você poderá ser vítima da outra espécie de aborrecimento ou tédio: o permanente, que se prolonga por dias ou anos, leva a separações, perda de empregos e até, mesmo, suicídios. Para esse tipo, o remédio é procurarmos ter interesse, entusiasmo pelas nossas atividades: obrigatórias e facultativas.

Você, como mulher, tem em mãos alguns meios eficazes para voltar a se interessar pelas coisas e vencer as suas temporadas de tédio. Cuidar de sua aparência pessoal é um deles. Se você se levantar pela manhã e vestir-se logo em seguida direitinho, por exemplo, há de sentir-se mais animada para o desempenho de tudo que tem que fazer.

Um novo penteado, um novo perfume, uma nova maquiagem, são outros tantos pequenos detalhes que podem mudar o seu estado de espírito. Se a «reforma» e os cuidados consigo mesma não bastarem, ocupe-se com sua casa, porém, não nos afazeres de rotina. Cuide, por exemplo de planejar e executar uma nova decoração para o quarto das crianças, ou para a sala de jantar; se estiver ao seu alcance, economicamente, troque a mobília de toda a casa, ou de seu quarto.

Pode ser, também, que seus divertimentos se tenham tornado rotineiros: praia todos os domingos com o mesmo grupo, e no mesmo local; cinema duas ou três vezes por semana sistematicamente; visitas às mesmas pessoas em dias determinados, etc., etc. Procure variar, interesse-se em convidar outras pessoas, em formar novas amizades, em fazer novos programas. Nada há de melhor para «levantar o moral» do que sair da rotina: um jantar no restaurante com o marido lá uma vez ou outra; excepcionalmente, um teatro seguido de ceia; uma visita a uma amiga a quem não via há anos; o estudo de uma arte como pintura, canto, piano, que você sempre teve vontade de conhecer mas não encontrou oportunidade.

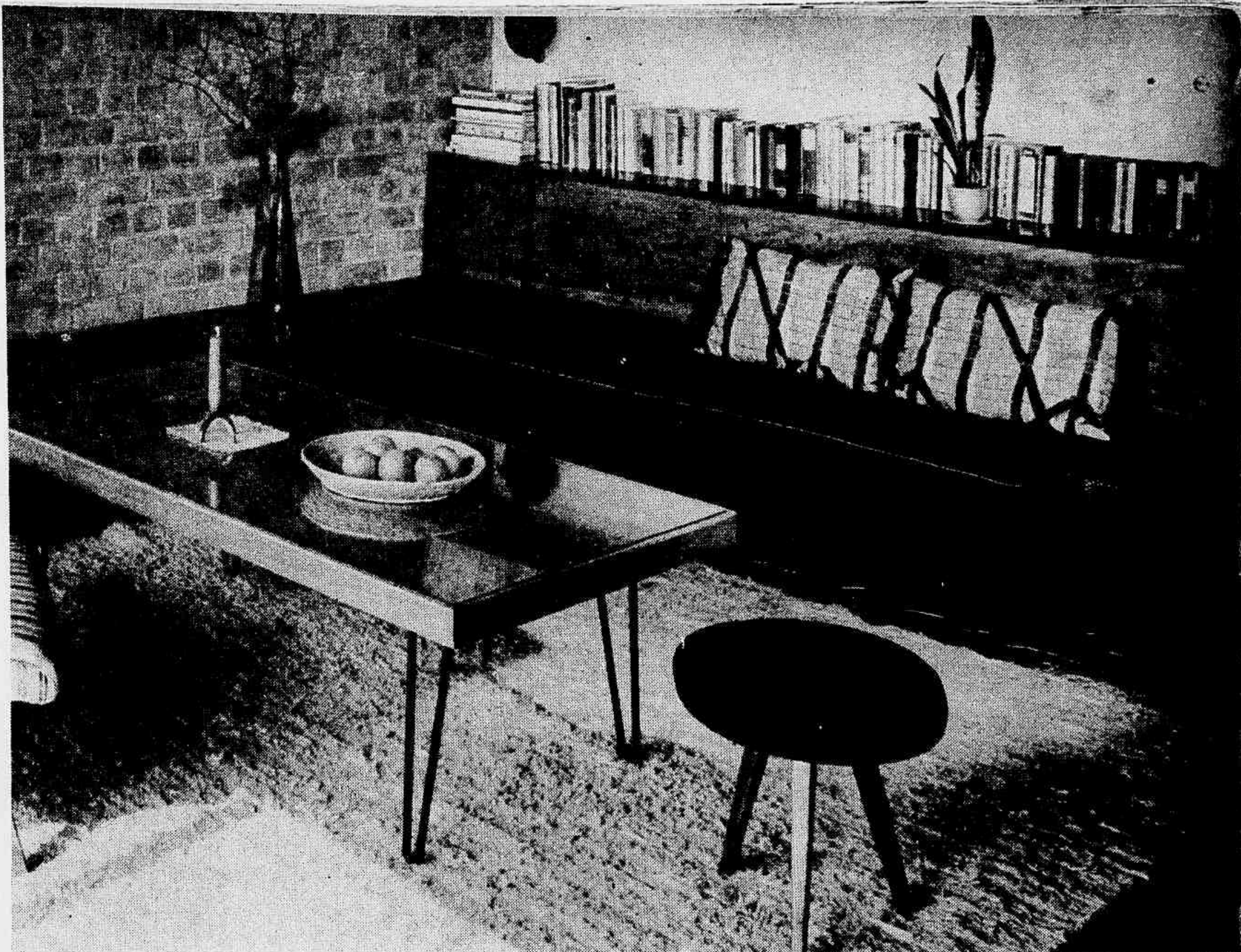
O melhor remédio para o tédio é exatamente isso: a renovação de sua pessoa, de seu lar, de seus amigos e de suas atividades.

BELEZA

• **BOA ALIMENTAÇÃO** — A melhor garantia de sua beleza e de sua saúde é o hábito de se alimentar racionalmente. Isso mesmo: **hábito**. Estude um regime alimentar próprio para sua idade e seu sistema de vida, e conserve-o, com ligeiras variações ditadas pelas estações (inverno e verão), e pelas observações que você mesma pode fazer de silhueta. Inclua nesse regime muita fruta, muitos legumes crus e uma boa quantidade de líquidos.

• **EXERCÍCIOS** — O exercício físico é outro importante fator de beleza. Quando se é muito jovem, a prática de exercício é mais fácil: há muitas oportunidades para isso. Depois que a mulher se casa, porém, tende a abandonar um pouco a vida movimentada e esportiva que levava antes. É preciso reagir e, se você não pode praticar exercícios ao ar livre, como a natação ou, simplesmente, andar, execute religiosamente sua ginástica diária, na hora que melhor lhe convier.

• **CUIDADOS COM O CORPO** — Quando chegam à adolescência as jovens já devem saber cuidar de seu corpo, conhecer as vantagens de um banho morno repousante, ou de um banho com sais, (que também descansam); usar depilatório, desodorantes, águas de colônia e perfumes. Com o passar dos anos, tudo isso torna-se mais importante ainda, e a mulher de meia idade tem a obrigação de dar atenção especial a esses detalhes. Se você quer ter uma pele bonita na velhice, aprenda desde já os cuidados que deve dispensar-lhe agora, daqui a dez anos, daqui a 20 anos. (Na foto: Mary Murphy — Paramount).

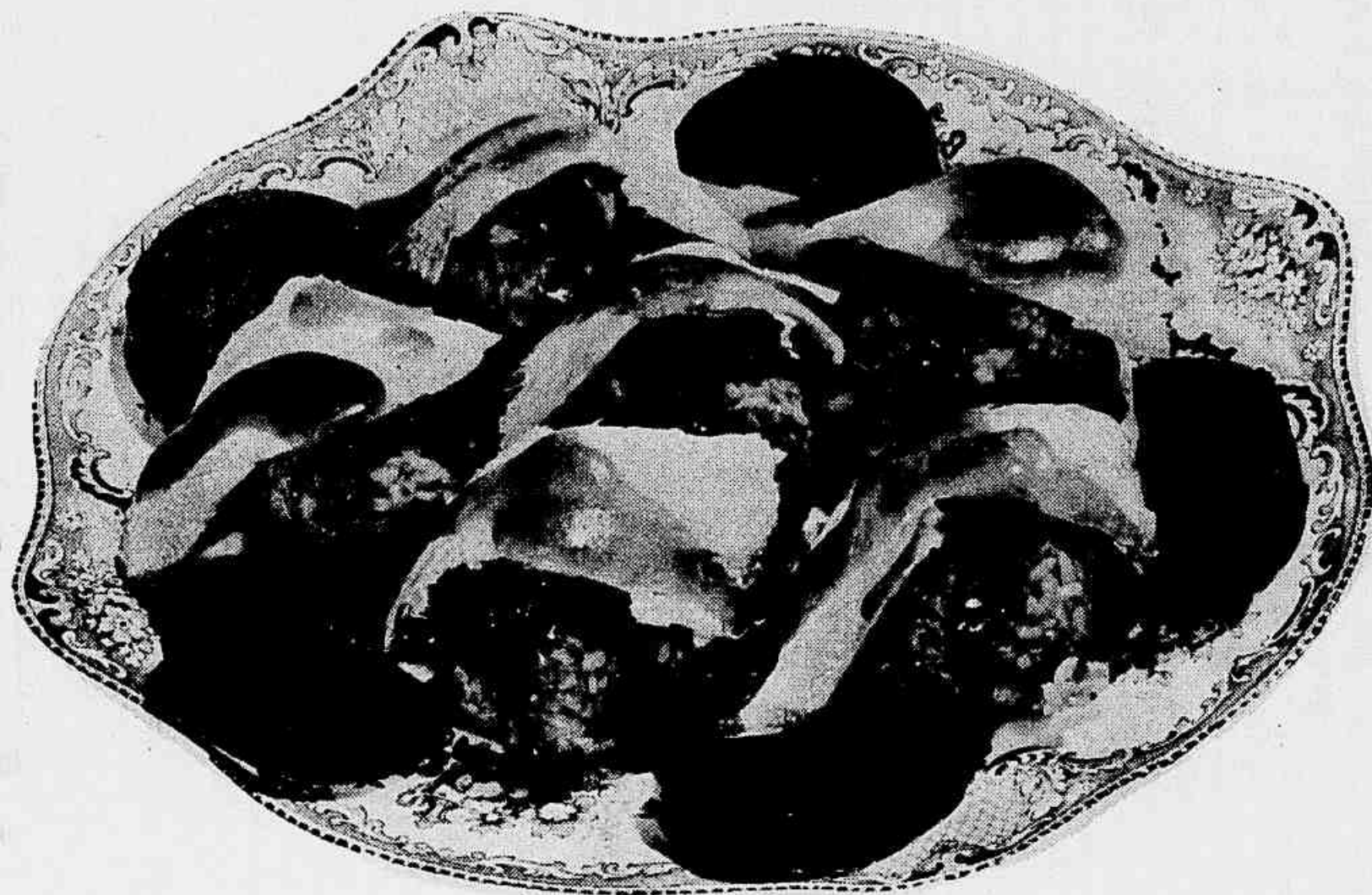


★ Por mais boa vontade que tenhamos com os "sommiers" e queiramos transformá-los em algo parecido com um sofá, eles continuam a ser excessivamente fundos para se sentar, mesmo colocando-se almofadas contra a parede como encôsto. Por isso, chamou-nos a atenção esta fotografia, pela ótima solução encontrada para o dito

móvel: foi embutido pela metade sob uma prateleira, tornando-se bastante mais razo e... confortável. A idéia é magnífica, assim como interessantes as outras sugestões para uma sala de estar — escritório e eventual quarto de hóspedes de um apartamento moderno e reduzido.

SUGESTÃO PARA O LAR

WEEK-END NA COZINHA



♦ Toda boa dona de casa — principalmente na época atual, em que tudo está caro — gosta de aproveitar as sobras do almoço para preparar deliciosos quitutes no jantar. Se o arroz que você serviu — por exemplo — era demais, não torne a esquentá-lo e põ-lo na mesa outra vez, na refeição seguinte. Apresente-o como deliciosos «BOLINHOS DE ARROZ COM MOZZARELA»:

1 — Numa tigela ponha duas xícaras do arroz que sobrou (para 4 pessoas). Misture dois ovos, meia xícara de molho branco, sal e pimenta a gosto.

2 — Forme os bolinhos de arroz enrolando-os na mão como se fôsem croquetes. Depois dos bolinhos formados, enfie dentro de cada um, com a ponta do dedo, um quadrado de mozzarella bem fresca.

3 — Frite-os em óleo bem quente, até ficarem dourados, mas não queimados. Sirva-os bem quentes; pode cobri-los com fatias de peito de frango, e enfeitar com meias luas de beterrabas cozidas, como mostra a fotografia.

NOTA — Os bolinhos de arroz precisam ser levados a mesa realmente bem quentes, pois a mazzarela deve estar ainda meio derretida (puxa-puxa) ao serem comidos.



Grand Monde internacional



O EMBAIXADOR Hugo Gouthier vai decolar dia 6 para Bruxelas, onde assumirá a chefia de nossa representação diplomática.

O embaixador e sra. Hugo Gouthier, ainda em Nova York, vão «decolar» no próximo dia 6 de novembro para Bruxelas, onde meu amigo Gouthier vai chefiar nossa representação diplomática. Como vocês devem estar lembrados, os Gouthier foram homenageados por este colunista com um cocktail na «boite» Fiesta, quando aqui estiveram recentemente. — Através de meu «gabinete social internacional» localizado em Londres, sou informado da capital britânica, de que Paulette Goddard casou-se secretamente com o escritor Erich Maria Remarque. — Quando recentemente em Nova York Ernest Borgnine assistia a uma partida de «baseball», foi muito aplaudido pelo público presente, e comentou: «Enquanto ouvia as palmas, lembrava-me da época em que não tinha dinheiro para entrar naquele estádio e torcer pelo meu quadro». Nota do colunista: a glória é assim, por isso custa caro. — A atriz teatral, Jeanne Eagles Story, terá brevemente sua vida vivida na tela, pela bonita loura

Kim Novak. — Elvis Presley, continua sendo o cartaz mais «suspense» dos States. Presley, é um fenômeno realmente dos diabos. — Parece que a vida da atual famosa Roberta Sherwood, vai ser levada para a tela. Roberta que a uns 10 meses atrás ganhava 60 dólares por semana, ganha agora 12.000. Bola na rede. — O ex de Marilyn Monroe, Joe Di Maggio, tem agora um novo «date», de nome Rosemary Ridgewell. Fala-se em casamento. — A estrêla Ruth Roman brevemente deverá casar-se com Bud Moss. Ruth, aguarda apenas que seu divórcio com Mortimer Hall, seja concedido. — A milionária Barbara Hutton, vai em companhia de seu atual espôso, o Barão Von Cramm, passar o Natal numa nova residência de Barbara, situada no Novo México. — A bonita atriz Gene Tierney, vai deixar a Fox. Gene, que já foi por algum tempo o «date» preferido de Ali Khan, parece ainda hoje alimentar alguma paixão pelo conhecido Don Juan.

★ **PONGETTI — LANÇOU O L** — O célebre jornalista carioca, Henrique Pongetti, lançou outro dia em uma de suas bem escritas crônicas o L, para torpedear aqueles que pretendem tirar nossa liberdade de imprensa. Estou de acordo com meu amigo e mestre Pongetti, pois esse projeto de casar nossa Liberdade de escrever, não é possível num Regime de Democracia, como o do Brasil. Pongetti, quando lançou o L, lançou também a continuação de nossa Liberdade de Imprensa.

★ Na semana que passou o Embaixador da Espanha e Sra. convidaram para assistir a película espanhola «Tarde de Touros». Este colunista, convidado, não pôde comparecer.

★ No próximo dia 3 de novembro, o Lagoinha Country Club, vai comemorar sua «Mudança de Idade» com uma «soirée» de gala. Esse acontecimento promete ser realmente «suspense». Estarei presente.

★ Estêve circulando no Rio o sr. Wilson Costa, que em São Paulo, é uma das grandes figu-

ras do «High-Society» do Planalto.

★ O conhecido e veterano colunista paulista Matos Pacheco, está de viagem marcada para Paris, onde pretende fixar residência. Se isso acontecer o «High-Society» paulista perde um bom colunista.

★ Antônio Maria, me telefonou novamente para falar de sua futura coluna na «A NOTÍCIA». Disse-me, o bom Maria, que no próximo mês vai a Caxias (Estado do Rio) enfaiçar a «Glamour-Girl» local, e fazer uma grande reportagem sobre o acontecimento. Esse será seu primeiro trabalho, em «A Notícia».

★ Inezita Barroso, voltou a atuar no «Cremailère», que é o melhor restaurante francês do Rio.

★ Não é nada «suspense» o «New-Look» lançado pelo sr. Flávio Carvalho, em São Paulo.

CLUB COMERCIAL

O Moderno Club Comercial vai acontecer no próximo dia 5 com sua «mudança de idade». Para comemorar o acontecimento teremos uma movimentada «soirée» de gala.

Gossip



VIRGÍLIO CARNEIRO, pacato e pão-duro solteirão carioca, é ainda o sonho dourado de muitas jovens. Virgílio é muito popular no Country Club.

Sandra Martins Reis dizia outro dia, que se soubesse antes do desfile da Bangu, que as moças que participaram do desfile do dia 6 de outubro no Copa não podiam concorrer ao título de «Glamour-Girl» carioca, teria desistido de ser «Miss Elegante Bangu» para ser «Glamour-Girl». Ainda sobre a loura Sandra: ela continua sem «date» e prestes a figurar na PRATELEIRA. — Já está ficando «gélot» o romance entre Gilda Joppert e Sérgio Chermont de Brito. Namôro moderno é assim. — A muito «beaut» Suzana Porto, numa recente «soirée» de sábado em um «night-club» era a beldade mais comentada. Suzana estava toda de vermelho, cor que lhe fica muito bem. Suzana está sem «date», mas dificilmente poderá figurar na PRATELEIRA. — Nenen Politis, vai no próximo dia 25 subir ao altar com o sr. André Gaibov. — A jovem Ana Maria de Freitas, que há poucos dias teve sua «mudança de idade», disse-me pelo telefone que tem um «date». Quando perguntei o nome, ela respondeu: — «E' sêgrêdo».

— O paulista Decito Novais estêve aqui no Rio, e parece que não foi visto em companhia de Rosinha Serzedelo Machado. — Lilom de Souza Campos, bonita como nunca disse-me em uma «boite», numa recente «soirée», que não estava pensando em reatar seu romance com o sr. F.H. (iniciais truncadas), e que o colunista que deu essa notícia está mal informado. — Eliana Moura, muito feliz com seu atual «date», Noivado à vista. — Ao que tudo indica, o romance entre a sra. Nicole Hime com Roberto Seabra caminha para ficar «gélot». Aliás, muito pouca gente chegou a acreditar na realização desse casamento. — Determinado colunista social, voltou a manter contacto com seu ex-«date», que é uma jovem beldade loura. Enquanto isso Zaida Saldanha, continua sendo vista sem «date». — Ela continua figurando na PRATELEIRA.

Gilda Joppert, vão receber na próxima semana para jantar. Será de «black-tie». Estarei presente.

★ Vou dar uma rápida «decolada», ao Planalto. Tenho uma novidade para vocês.

Até a próxima.
O famoso «GÉLOT» continua em cima.



HENRIQUE PONGETTI, jornalista, lançou o «L».

Pequenos Flashes

Quando vi as fotos pensei que se tratasse de uma fantasia.

★ Na noite do dia 26 que passou o poeta Vinicius de Moraes, o autor de «Orfeu da Conceição», foi homenageado com jantar no Country.

★ Quarta-feira o Sr. Adolfo Graça Couto «decolou» para os «States» onde passará 15 dias. Mariza irá depois.

★ Para inaugurar sua nova residência, o casal Murilo Moreira, vai receber o «High-Society» carioca para um «cocktail».

★ Estiveram no Rio o sr. e sra. Jackson Flores, que residem em New-York. Encontrei os Flores, em um «Night-Club», com quem mantive longa conversa sobre as últimas do «Grand Monde Internacional».

★ O Concerto Brasileiro de Jazz, foi transferido para 26 de novembro.

★ A «Beaut» Suzana Porto e

MARIA JOSE' Cardoso, que representou a beleza da mulher brasileira, no recente concurso de Miss Universo.



NIOMAR MUNIZ Sodré, presidente do Museu de Arte Moderna.



CARLOS MACHADO, o maior produtor de espetáculos da América Latina.



HERBERT MOSES tem 25 anos de A.B.I. e é o Marechal da Imprensa Brasileira.



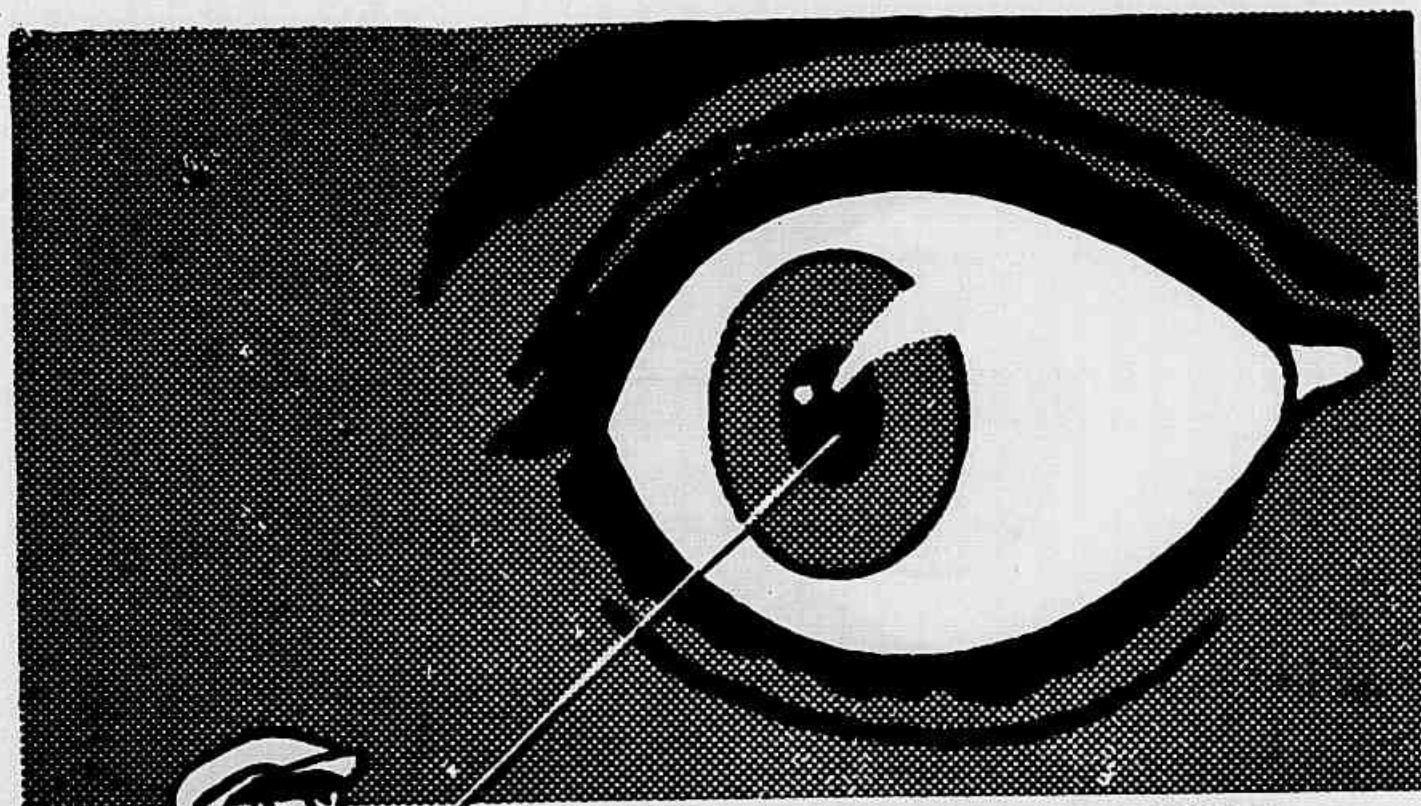
As dez personalidades do ano

★ O jornalista Dirceu Ezequiel, que também funciona como "public relations" do Hotel Glória, acaba de escolher pela primeira vez no Brasil AS DEZ PERSONALIDADES DO ANO. O sr. Ezequiel, reuniu nessa sua lista figuras que se destacaram em vários setores de atividades como: indústria, jornalismo, política, etc. Essa lista, que aliás foi muito bem escolhida, vou agora dar para vocês. Vejamos:

- 1) Herbert Moses — Presidente da A. B. I. (orador).
- 2) Eduardo Simonsen — Industrial.
- 3) Carlos Machado — Produtor de espetáculos de revista.
- 4) General Odilo Denys — Militar.

- 5) Maria José Cardoso — "Miss Brasil — 1956."
- 6) Leon Eliachar — jornalista humorista.
- 7) Rubem Berta — Comerciante, Presidente da Varig.
- 8) Assis Chateaubriand — senador e jornalista.
- 9) Niomar Muniz Sodré Bittencourt — Diretora da M. A. M.
- 10) Ministro Brigadeiro Henrique Fleiuss — (homenagem).

O Banquete de consagração será no dia 8 de novembro às 21,00 nos salões do Hotel Glória. O Embaixador Negrão de Lima — Governador da cidade presidirá a mesa, e o Magnífico Reitor Pedro Calmon falará pela comissão. Especialmente convidado, este colunista estará presente.

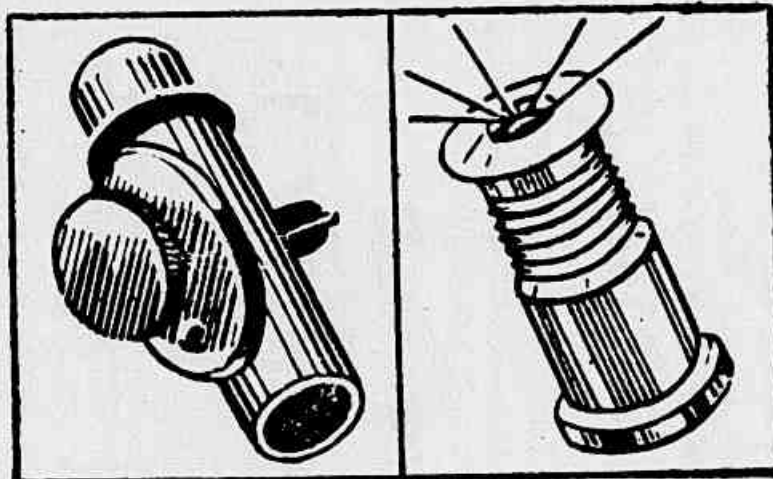


SEGURANÇA TOTAL
com o fêcho invisível de segurança
e o visor

Gordon

Fabricação própria de
tôda classe de ferra-
gens para construção.
Especialidade em vi-
sões óticas para por-
tas e fechos invisíveis
de segurança de todos
os tamanhos.

Vendas nas boas
casas do ramo.



INDÚSTRIAS GORDON LTDA.

Rua Mario Carpenter, 852 - Tel. 49-8207

Sino

O HOMEM E O TRAPÉZIO

(Continuação da página 10)

As conversas foram interrompidas e emudecido o rádio de baquelite azul, para que Edson repousasse sob os efeitos da injeção. A rosa vermelha deixava um vazio junto à cabeceira de Edson. A preocupação coletiva voltava-se, contudo, para o amigo que os deixara, em um secreto desejo de partida, de regresso, incendiava todos os olhares.

A noite desceu suave, sem prenúncios. Pensamentos individuais convergiam para a casa suburbana onde um homem enlaçaria a esposa integral, vitorioso, heróico, certo de sua unidade esforçando-se por desligar o leito branco dos lençóis alvos da cama estreita de solteiro. O menino mais moço pediria inutilmente água durante a noite, mas os braços não desenlaçariam o busto próximo tantas vezes considerado perdido. Edson hoje, dormiria desacompanhado; a rosa vermelha não misturaria odores a seu sono, estava distante, longe, o bastante, para não lhe contar os segredos de vida guardados nas pétalas simétricas.

O velho Leopoldo era o primeiro a levantar-se, fazia a higiene matinal, passeava no pequeno jardim da frente, aspirando o cheiro de vida, e regressava ao quarto para aguardar a visita das rosas. Deteve-se ao passar junto ao leito de Edson: a mão rígida fechava-se em torno da jarra divorciada, caída sobre a mesa, inútil sem a rosa vermelha que lembrava sangue e lábios.

(Continua no próximo número)

JAMES DEAN

(Continuação da página 25)

— Nosso James tinha apenas 24 anos, porém o caminho que percorreu foi tão longo, que nós não saberíamos segui-lo, mesmo que víssemos noventa.

O pai de James, também com visível pesar, afirmou para os que lhe foram comunicar o evento:

— Nunca chegamos a nos entender bem. Contudo espero em Deus que meu Jimmy encontre agora paz.

Desde que a mãe do jovem morrera — tinha ele então oito anos — que as relações entre James Dean e seu pai se esfriaram, devido ao novo casamento do viúvo. James cresceu sem manifestar essa má-gua sua, porém, os mais íntimos sabiam o quanto lhe custara nos primeiros tempos, suportar a com-

panhia da madrasta e mesmo os seus carinhos.

♦ **UM PROBLEMA** - Após a morte de James Dean, um problema se apresentou à companhia cinematográfica que produziu seus filmes: «Vidas Amargas» corria mundo, e era um êxito imenso. Porém, as estatísticas aí estavam, a demonstrar que, sempre que um ator se retira, seja por que motivo for, seus filmes perdem muito do interesse, do ponto de vista do público. Como fazer com os dois filmes ainda não lançados de James Dean? Relegá-los ao esquecimento, deixá-los mojar nas prateleiras dos estúdios, ou tentar impingí-los ao mercado? Rodolfo Valentino, que foi sem sombra de dúvida o maior ator de Hollywood, do ponto de vista da popularidade, ao morrer conseguiu comover o mundo inteiro. Seu entêro foi o maior já presenciado na terra do cinema. Mas, depois de sua morte, seus filmes decresceram de interesse. Poucos se interessavam mais pelos desempenhos cinematográficos do inesquecível Rudolph. O mesmo aconteceu com Jean Harlow em 1937. James Dean continuaria a tradição?

A resposta está no êxito brutal que «Juventude Transviada» está obtendo, em todos os lugares em que é exibido. Agora mesmo, no Brasil, puderam assisti-la as platéias de nossas principais cidades. Na Austrália e na Inglaterra, todos os recordes de bilheteria foram batidos. A fama de James Dean, ao contrário da de Valentino, aumentou após sua morte!

Agora, a campanha em torno de «Giant» está sendo feita. E não só pelos estúdios cinematográficos interessados comercialmente no filme: há uma propaganda espontânea, que fazem os jovens americanos, em torno de seu ídolo morto. Fundou-se uma instituição — a «James Dean Memorial Foundation», situada em Nova York — destinada a amparar os jovens dotados de vocação dramática que não tenham recursos para prosseguir seus estudos; e o automóvel arrebatado do astro, como já dissemos no início do artigo, arrasta noite e dia filas intermináveis para o templo da glória de James Dean, que se transformou num local de peregrinação de toda aquela juventude angustiada de que foi ele um símbolo, e o mais alto expoente. Chegaram inclusive a inventar que Dean não havia perecido no desastre de Salinas, mas que, disforme e aleijado, recolhera-se ao anonimato, com vergonha de ser visto de novo pelos amigos; outros preferem inventar o suicídio do artista, causado, dizem pelo casamento de Pier Angeli com Vic Damone. Os amigos e conhecidos de James editaram um livro «James Dean's Book», que já alcançou uma tiragem de seiscentos mil exemplares. São depoimentos singelos e comovidos de pessoas que o conheceram, que o avistaram, que lhe dirigiram a palavra, enfim. Sua lembrança está intacta no seio dos admiradores, que lhe cobrem o túmulo simples de flores, todos os dias.

Tudo isso vem contribuindo para que haja, nos Estados Unidos, e entre a mocidade, um verdadeiro mito James Dean. Mito que obedece a um culto, formado de cerimônias próprias e obedecendo a um trivial inconfundível, à memória do ator que, morrendo aos 24 anos, conheceu a glória em proporções maiores do que qualquer outro, do passado ou do futuro.

UMA ALEMÃ FOI ELEITA



PETRA SCHURMAN, de 23 anos, Miss Alemanha, no momento em que era coroada Miss Mundo de 1956, ladeada por Miss Israel, Rina Weiss, e beijada por Miss Estados Unidos, Betty Lane Cherry. Petra ganhou 500 libras esterlinas, e mais um belo auto modelo esportivo

MISS MUNDO 1956▶



FLAGRANTE DO grande desfile que culminou com a escolha de Petra Schurman para Miss Mundo, 1956: ao alto, a jovem alemã, ladeada por algumas das finalistas — Misses Suécia, Israel, Estados Unidos, Japão e Dinamarca; em baixo, algumas candidatas, ainda em trajes de gala, que pouco depois trocariam por maiôs; na outra página, em cima, Petra Schurman, Hidorika Yokura, Miss Japão, e Betty Cherry, Miss Estados Unidos, três finalistas; em determinado momento, a coroa de Petra tombou, tendo sido amparada por duas mãos (foto debaixo).



UMA JOVEM alemã de 23 anos, ruiva, Petra Schurman, acaba de ser escolhida Miss Mundo de 1956, por um júri que reunia alguns dos maiores entendidos em beleza feminina do mundo. Realizou-se o concurso em Londres, no Lyceum Danse Hall, perante uma grande assistência que o lotou completamente. As favoritas, desde o início, foram Miss Alemanha, Miss Suécia, a italiana Angela Portaluri, e a japonesinha Hidorika Yokura. A vencedora, que fala inglês, francês e espanhol, além do seu idioma nativo, ganhou um cheque de quinhentas libras esterlinas e mais um automóvel passeio, último tipo, no valor de mil libras. Convém lembrar que Maria José Cardoso, Miss Brasil 1956, foi convidada para comparecer ao certame, deixando porém de fazê-lo, devido a inúmeras dificuldades de ordem material. Tivesse ido, e quem sabe o resultado seria outro? (Fotos United Press).



**UMA ALEMÃ
FOI ELEITA
MISS MUNDO
DE 1956**



OÁSIS NO LARGO DA CARIOCA

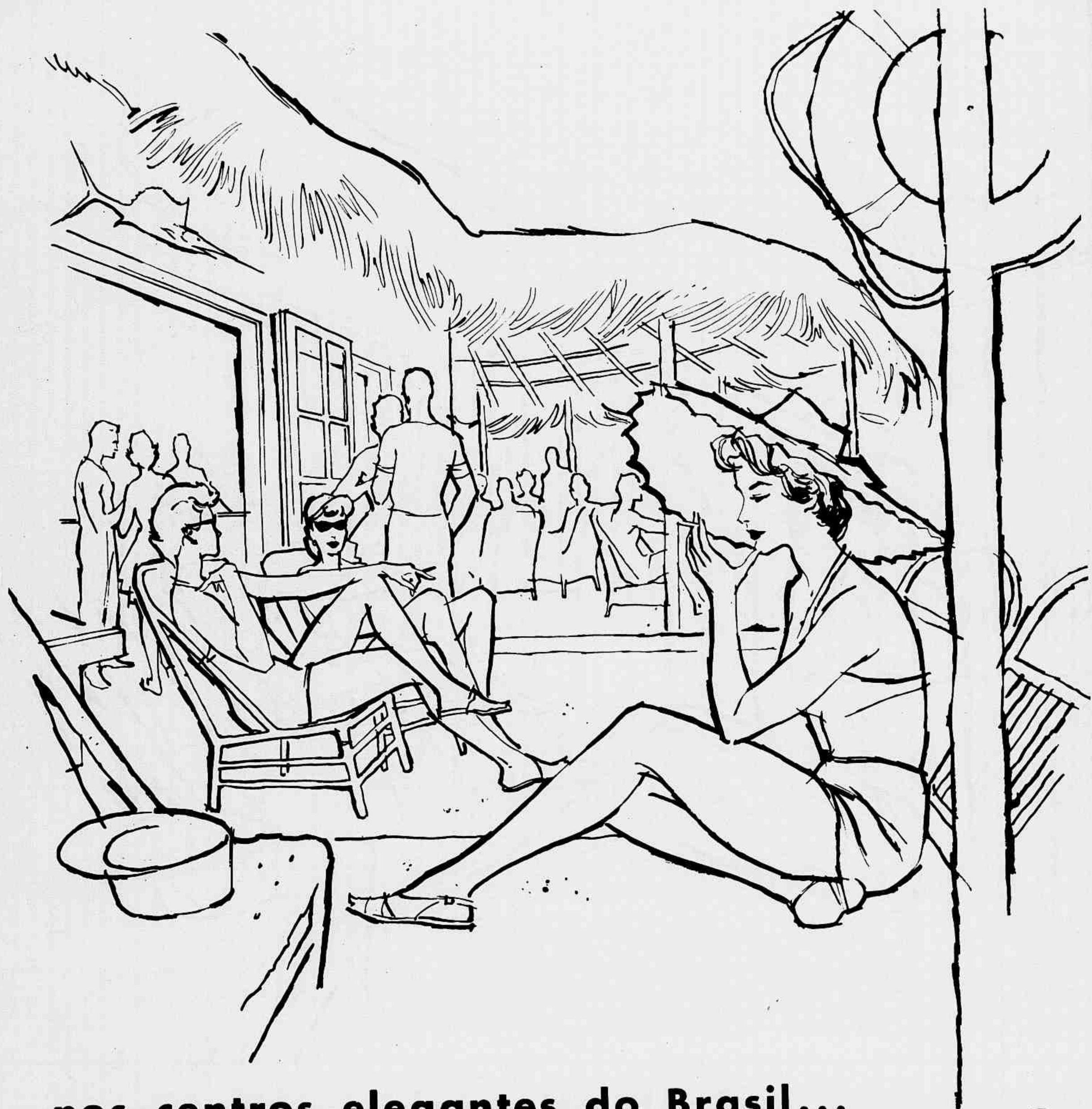
◇ QUANDO A PREFEITURA quer, pode fazer muita coisa. E isso mesmo ficou provado há alguns dias atrás, quando uma turma de trabalhadores municipais deu por concluída, em apenas quatro dias, a segunda metade de um pitoresco jardim, começado um mês antes, e situado no velho largo da Carioca, no mesmo local onde outrora se erguia o Teatro Lírico. Ali, onde apenas havia asfalto e sol causticante, erguem-se agora árvores, bancos oferecem repouso aos transeuntes, e uma sombra benfazeja derrama-se, em toda parte. De um sistema de esguichos, a água escorre — fazendo inveja aos passageiros dos bondes que se dirigem para Copacabana... Jardineiros cuidam das plantas, as placas de «E' Proibido Pisar na Grama» (que o poeta Drummond queria substituir, com razão, por «E' Proibido Comer Grama») alçam-se, muito brancas, do seio verde da vegetação rasteira, em suma: tudo vai indo às mil maravilhas para o recém-nascido oásis do largo da Carioca. Só esperamos é que a Prefeitura, que em tanta coisa já se revelou mãe desnaturada, não venha a renegar esse filho recebido em meio a tantas manifestações de júbilo, relegando-o a um esquecimento tão fundo quanto foi rápida a sua gestação... (Foto VICTOR TAPAJÓS).

**A FIGURA
EM FOCO**



ANGELITA MARTINEZ

Sou pequena muito viva,
De rosto e corpo, bem feita;
Acabo de ser eleita
Para «Miss Objetiva».



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequiiti-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

